

Mark Finley

Tempo de esperança

24 horas
para você renovar
suas energias



Tempo de *esperança*

**24 horas para você
renovar suas energias**

De: _____

Para: _____

Tempo de esperança

**24 horas para você
renovar suas energias**

Mark A. Finley

Tradução
Cecília Eller Nascimento

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Título do original em inglês:
WHEN GOD SAID REMEMBER

Copyright © da edição internacional: General Conference of Seventh-day Adventists,
Silver Spring, EUA. Direitos internacionais reservados.

*Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à*
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-000 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição
15ª impressão: 300 mil exemplares
Tiragem acumulada: 4,5 milhões
2010

Editoração: Marcos De Benedicto e Ozeas C. Moura
Projeto Gráfico e Capa: Levi Gruber
Fotos da Capa:
Paisagem: Steve Woods/SXC
Relógio: Renato Benicio/SXC

IMPRESSO NO BRASIL / *Printed in Brazil*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Finley, Mark A., 1945-
Tempo de esperança : 24 horas para você renovar
suas energias / Mark A. Finley ; tradução
Cecília Eller Nascimento. – Tatuí, SP : Casa
Publicadora Brasileira, 2009.

Título original: When God said remember.

1. Adventistas do Sétimo Dia – Doutrinas 2. Dez
mandamentos – Sábado 3. Sábado I. Título.

09-06206

CDD-263.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Adventistas do Sétimo Dia : Sábado bíblico :
Cristianismo 263.1



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

Tipologia: Warnock Pro Light Display, 11/14,2 – 11631/22158 – ISBN 978-85-345-1227-5



Sumário

Introdução	Antes de Virar a Página.....	6
Capítulo 1	Descanso Para os Agitados	8
Capítulo 2	O Prazer de Obedecer	16
Capítulo 3	Um Dia Para Lembrar	29
Capítulo 4	O Maior Engano da História	46
Capítulo 5	Um Antegoço da Eternidade	60
Capítulo 6	Respostas Para Suas Dúvidas	69
Capítulo 7	Tempo de Renovação	77
Capítulo 8	A Estratégia do Inimigo	86
Capítulo 9	A Bandeira Vitoriosa	103

Introdução

Antes de Virar a Página...

Sem dúvida, você escolheu ler este livro porque, lá no fundo de seu coração, deseja descobrir a verdade da Palavra de Deus. Milhões de pessoas, assim como você, estão redescobrimdo a verdade acerca de um mandamento quase esquecido. A simples leitura do Decálogo revela que o quarto mandamento declara: “Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus” (Êxodo 20:8-10).

Contudo, a maior parte dos cristãos observa o domingo, o primeiro dia da semana, como se fosse o sábado bíblico. Por quê? Isso faz alguma diferença? Como aconteceu a mudança da guarda do sábado, o sétimo dia da semana, para o domingo, o primeiro dia? Quem mudou o sábado? Deus concedeu à igreja primitiva autoridade para mudar o memorial da criação?

Numa era de ceticismo crescente e de descrença na Bíblia, a observância do sábado ainda faz sentido hoje? Será que o século 21 superou a necessidade do sábado? Seria ele um dia de descanso e adoração relevante para a atualidade?

Ao ler estas páginas, prepare-se para algumas surpresas interessantes e respostas diretas. A leitura deste livro poderá ser inquietante se você não estiver disposto a desafiar crenças populares ou se as tradições da igreja forem mais importantes para você do que a verdade da Palavra de Deus.

Mas tenho confiança de que você está lendo estas páginas porque anseia pela verdade. Não quer ser enganado por ensinamentos falsos. Em seu íntimo, sente a necessidade de encontrar descanso e paz no Deus Criador que o formou.



À medida que estudar com cuidado os fatos bíblicos e históricos apresentados em cada capítulo, você encontrará evidências sólidas a respeito da veracidade do sábado bíblico.

Todavia, mais do que evidências, descobrirá um Deus que o ama muito mais do que você possa imaginar. Encontrará um Criador amoroso que o valoriza imensamente. O sábado se transformará numa ilha de paz em meio às tempestades da vida. Através do sábado, você experimentará a graça de Deus de maneira maravilhosa e inacreditável. Ouvirá a voz dAquele que disse: “Venham a Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu lhes darei descanso” (Mateus 11:28). Por meio da experiência do sábado, você promoverá o descanso da mente, do corpo e do espírito, o que renovará e revigorará toda a sua vida.

Leia e se prepare para vivenciar um novo e empolgante relacionamento com Deus! Desfrute um novo tempo de esperança!

Capítulo 1



Descanso Para os Agitados

Você sente às vezes que tem muitas coisas para fazer e pouco tempo para dar conta de todas elas? Quando isso acontece, você se sente agitado, pressionado e estressado. Por mais que se esforce, nunca consegue realizar tudo o que precisa. Há sempre mais uma tarefa, mais um dever, mais um item a ser riscado na sua lista de atividades a concluir.

A tirania da urgência consome a vida. Você passa seus dias correndo de uma tarefa para outra e, algumas vezes, pensa: “Será que tudo isso vale a pena? As coisas que estou realizando farão uma diferença duradoura?” Você já se perguntou sobre qual é o sentido da vida? As coisas mais importantes em sua vida parecem ser deslocadas para segundo plano por aquelas que exigem atenção imediata? São as coisas pequenas e urgentes que preenchem os seus dias?

Uma sociedade com sobrecarga

Algum tempo atrás, eu me deparei com um artigo interessante em um caderno especial do jornal *Los Angeles Times*. A colunista Arianna Huffington escreveu a respeito de *multitarefas*. Essa é uma palavra que se refere a trabalhar em várias atividades ao mesmo tempo. Cada vez mais, nos encontramos envolvidos em multitarefas em nossa vida cotidiana. Tentamos fazer duas ou três coisas ao mesmo tempo. Abrimos a correspondência e conversamos com os filhos de uma só vez. Tentamos desenvolver diálogos durante o jantar, enquanto assistimos ao jornal na televisão. Abrimos o último e-mail ao mesmo tempo em que falamos com um amigo pelo telefone e acompanhamos o progresso de

nosso time favorito. Tomamos o desjejum no carro, a caminho para o trabalho, enquanto ouvimos o rádio e tentamos conversar com o cônjuge ao telefone.

Algumas pessoas chegam a se viciar em multitarefas. Arianna escreve: “Alguns de meus amigos mais queridos só se sentem vivos quando estão vivendo no limite, lidando com meia dúzia de crises, se afundando no drama de todas elas e tendo que se medicar antes de dormir.”¹ Adicione a esse ritmo frenético o estresse que muitas pessoas sentem devido ao trabalho, e o resultado será um ataque cardíaco.

Em um estudo realizado no ano de 1985 pelo Centro Nacional de Estatística da Saúde, nos Estados Unidos, 50% dos quarenta mil trabalhadores pesquisados relataram ter passado por estresse de moderado a intenso nas duas semanas anteriores. Outra pesquisa conduzida pela renomada firma D’Arcy, Masius, Benton & Bowles revela que três quartos dos trabalhadores norte-americanos indicam que seu trabalho provoca estresse. O preço a pagar por toda essa quantidade de estresse é enorme. A cada ano, mais de 1,2 milhão de pessoas sofrem ataque cardíaco ou angina severa nos Estados Unidos. Desse grupo, mais de 450 mil morrem. As doenças do coração continuam sendo a primeira causa de morte no país.

Uma das principais razões para a morte por doença arterial coronariana é o estresse emocional. As pessoas que estão constantemente apressadas e são muito impacientes, intransigentes e competitivas constituem vítimas prováveis de ataques do coração. Os doutores Ray H. Rosenman e Meyer Friedman estudaram pessoas com esse perfil e criaram a expressão “personalidade tipo A”. O indivíduo que possui esse tipo de personalidade tende a ser controlado pela ambição. Obcecado com a urgência do tempo, sempre se encontra sob pressão para realizar coisas. É altamente competitivo, nunca está satisfeito e permanece sob estresse contínuo. Os estudos de Rosenman e Friedman indicaram que 90% dos homens com menos de 60 anos que sofreram ataques cardíacos pertenciam à categoria de comportamento tipo A.

Em uma reportagem médica especial da MSNBC no dia 7 de janeiro de 2008, pesquisadores relataram que “a ansiedade crônica pode aumentar significativamente o risco de ataques cardíacos, pelo menos nos homens”. “Existe uma conexão entre o coração e a mente”, afirmou a Dra. Nieca Goldberg, da Escola de Medicina da Universidade de Nova York. Em seguida, ela acrescentou as sábias palavras: “Os médicos precisam ser mais agressivos e parar de tomar conta apenas dos fatores tradicionais de risco. [...] Eles precisam atingir a mente



dos pacientes.” O Dr. Biing-Jiun Shen, da Universidade do Sul da Califórnia, disse, num relatório de pesquisa sobre envelhecimento e saúde do coração, que homens “cronicamente ansiosos mostraram uma probabilidade de 30 a 40% maior de ter um ataque cardíaco do que aqueles mais despreocupados”.²

Escapando da tirania da urgência

Será que existe jeito de escapar da tirania da urgência e de colocar os elementos mais importantes de volta no centro de nossa vida? Haveria uma maneira de reaver as coisas vitalmente cruciais da existência? Como podemos estabelecer limites quando o mundo parece ir cada vez mais rápido? Você já sentiu como se os dias voassem, mês após mês, ano após ano? Como dar fim à agitação e encontrar descanso para nossa mente e corpo fatigados?

Eu sugiro que o próprio Deus nos providenciou um excelente ponto de partida. Ele nos deixou uma fronteira repleta de significado, uma porção de tempo, um espaço divino, um símbolo infinito da eternidade. Essa ilha de tranquilidade, onde poderemos encontrar paz e descanso, teve origem no jardim do Éden.

No fim do sexto dia da criação, Deus instituiu o sábado. Gênesis (2:1-3) descreve esse fenômeno da seguinte maneira: “Assim foram concluídos os céus e a Terra, e tudo o que neles há. No sétimo dia Deus já havia concluído a obra que realizara, e nesse dia descansou. Abençoou Deus o sétimo dia e o santificou, porque nele descansou de toda a obra que realizara na criação.”

Deus criou o “descanso” no sétimo dia. O sábado é uma fronteira sagrada colocada dentro do ciclo semanal. Ele faz cessar o fluxo de tempo secular, instituindo uma pausa na rotina de nossa luta diária. Estabelece uma parada na agitação do trabalho cotidiano. O sábado é uma maneira idealizada por Deus para escaparmos de um mundo em ritmo frenético. É um dia separado de todos os outros dias da semana. É um tempo especial de qualidade, um tempo em que podemos refletir sobre os relacionamentos mais importantes da vida. É um momento no qual podemos dizer “não” para todas as outras necessidades e coisas que preenchem nossa vida.

Os seres humanos precisam desesperadamente desse espaço sagrado, dessa fronteira divina. Precisamos dele hoje muito mais do que antes. O mundo está mais agitado, barulhento, intenso e exigente do que em qualquer outro período da história. O sábado permite que não sejamos consumidos por isso. O rabino David Wolpe observa: “O mundo moderno nunca sussura. As cidades são como salões de fliperama, sem portas de saída. Vozes urgentes, propagandas



cintilantes e um fluxo interminável de imagens da mídia nos rodeiam.”³ Nossa vida superlotada, superestressada, superestimulada e sobrecarregada necessita de descanso! Precisamos nos proteger do bombardeio constante das coisas e encontrar alegria em um relacionamento significativo com Deus.

O sábado é único em toda a história da religião. Existem muitas coisas consideradas sagradas nas religiões ao redor do mundo. As pessoas têm atribuído santidade a tudo, desde vacas até ossadas de santos. Os homens adoram ídolos de todas as formas que possamos imaginar. E existem muitos lugares sagrados. Os hindus viajam milhares de quilômetros para se banharem nas águas sagradas do rio Ganges. Os muçulmanos fazem longas peregrinações até a cidade sagrada de Meca. Os budistas prestam homenagens ao local em que Buda recebeu a “iluminação”. Alguns cristãos viajam a Roma ou a Jerusalém para experimentar a “presença divina”.

Mas na Bíblia podemos encontrar a ideia única de santidade no tempo. Deus “abençoou o sétimo dia e o santificou”. Ele criou um cenário sagrado, o sábado, no qual os seres humanos podem ser abençoados de forma especial. Mas Ele não restringiu esse cenário a um local específico. Não precisamos realizar uma longa peregrinação para chegar ao lugar sagrado de Deus. Todos os sábados, o Céu toca a Terra. O lugar eterno de Deus desce dos Céus. Como o cenário sagrado foi estabelecido no tempo, e não no espaço, ele é igualmente acessível para toda a humanidade. O sábado é um momento para encontrar descanso em Deus, um convite do Rei do Universo para deixarmos a corrida frenética da vida e entrarmos no palácio celestial.

No sábado, somos libertos da escravidão do trabalho diário. Somos libertos do cativeiro terreno para entrar no reino das coisas celestiais. O sábado é um convite para nos regozijarmos na presença do Senhor. Com o salmista, podemos cantar: “Este é o dia em que o Senhor agiu; alegremo-nos e exultemos neste dia” (Salmo 118:24).

“Tu me farás conhecer a vereda da vida, a alegria plena da Tua presença, eterno prazer à Tua direita” (Salmo 16:11). O sétimo dia é um convite divino para que encontremos descanso, paz e alegria em abundância na presença de nosso Criador.

*O sábado é
uma ilha de
tranquilidade
num mundo
agitado*

É um convite para cessarmos a agitação e descansarmos. É o apelo do Céu para colocarmos nossas prioridades naquilo que realmente importa. É um lembrete semanal de que Deus nos criou e de que pertencemos a Ele. O sábado nos chama de volta às nossas raízes. Ele reafirma quem somos e nos compele a um relacionamento novo e significativo de confiança e descanso em Deus.

As bênçãos do sábado

O descanso no sábado renova nosso relacionamento com Deus e com nossa família. Ele também restaura nosso corpo e mente. Deus promete: “Feliz aquele que age assim, o homem que nisso permanece firme, observando o sábado para não profaná-lo, e vigiando sua mão para não cometer nenhum mal” (Isaías 56:2).

Deus oferece uma bênção especial àqueles que dedicam tempo para adorá-Lo. Estudos científicos recentes sobre religião e saúde confirmam a autenticidade da promessa de Deus. Por exemplo, a relação entre atividades religiosas e pressão sanguínea foi examinada num estudo com duração de seis anos, envolvendo quatro mil idosos. Entre os que frequentavam serviços religiosos e oravam ou estudavam a Bíblia uma vez por dia ou mais, a probabilidade de ocorrência de hipertensão diastólica foi 40% inferior do que entre aqueles que frequentavam serviços religiosos e oravam com menor frequência.⁴

Em outras palavras, a comunhão tem um efeito positivo sobre a saúde. Outros estudos revelam que experiências positivas de comunhão reduzem a pressão sanguínea, minoram a dor causada pela artrite e diminuem o risco de doenças cardíacas. O sábado não é um requerimento legalista. Não é um fardo que nos empurra para baixo. É o presente de um Criador amoroso. Quando adoramos o Criador em Seu dia, nos sentimos reavivados, revigorados e revitalizados.

O sábado é um dia de profusão de bênçãos. É por isso que os profetas do Antigo Testamento insistiam em chamar de volta as pessoas para Deus, o Criador, o Doador da lei, o Libertador. Veja o que o profeta Jeremias escreveu: “Por amor à vida de vocês, tenham o cuidado de não levar cargas nem de fazê-las passar pelas portas de Jerusalém no dia de sábado, [...] nem façam nenhum trabalho no sábado, mas guardem o dia de sábado como dia consagrado, como ordenei aos seus antepassados” (Jeremias 17:21, 22).

O profeta Jeremias fala sobre um perigo que todos nós enfrentamos. Ele discute um problema de sua época, mas o que escreve é relevante também para nós hoje. Não era apenas algo importante para as pessoas que viviam naquele tempo. Trata-se de um problema do século 21. O trabalho incessante pode esmagar



nossa espiritualidade. A procura por dinheiro pode consumir o nosso tempo. A busca pelas coisas materiais pode não deixar espaço para as coisas eternas. Isso aconteceu nos dias de Jeremias em Jerusalém e está acontecendo em nosso tempo em nossas casas, locais de trabalho e cidades. E Deus está dizendo: “Deixe o sábado levá-lo de volta ao que verdadeiramente importa. Não permita que a procura por estabilidade material subjugue a busca por aquilo que é mais importante.”

O profeta Isaías ecoa o mesmo tema. Israel estava negligenciando o sábado bíblico. A associação que os israelitas fizeram com uma cultura pagã os levou a desconsiderarem o sábado bíblico. Em Isaías 58, Deus convida o povo a reconstruir a fé e o chama de volta à espiritualidade. Eis o que Ele diz: “Seu povo reconstruirá as velhas ruínas e restaurará os alicerces antigos; você será chamado reparador de muros, restaurador de ruas e moradias. Se você vigiar seus pés para não profanar o sábado e para não fazer o que bem quiser em Meu santo dia; se você chamar delícia o sábado e honroso o santo dia do Senhor, [...] Eu farei com que você cavalgue nos altos da terra” (versos 12-14).

Observe que aqueles envolvidos em reconstruir a fé são chamados de “reparadores de muros”. Fica claro que havia um buraco no muro protetor que circundava o povo de Deus. O sábado é uma fronteira, um muro de proteção, um lugar de segurança. É parte do círculo de cuidado de Deus à nossa volta. É um modo especial de vivenciarmos o cuidado amoroso e protetor de Deus por nós a cada semana.

Durante o sábado, paramos para refletir sobre a bondade de nosso Criador. Dedicamos tempo para estar na presença divina. Meditamos no significado real da vida e nos concentramos em seu verdadeiro propósito. Acima de tudo, o profeta Isaías declara que, se honrarmos o sábado, o Criador do Universo nos fará “cavalgar nos altos da terra”. Há riqueza na observância do sábado e isso leva o povo de Deus a prosperar nas esferas física, mental, social e espiritual.

Um momento para cura

Ao longo do Novo Testamento, Jesus realizou mais milagres de cura no sábado do que em qualquer outro dia da semana. Ele curou no sábado uma mulher que estava aflita havia dezoito anos (Lucas 13:10-12). Restaurou a visão a um homem cego (João 9:1-12). Curou mãos ressequidas, corpos paralisados e crianças moribundas durante o sábado. Um de Seus milagres mais espetaculares, a cura de um homem que estava deitado à beira do tanque de Betesda havia 38 anos, foi realizado no sábado.

O que esses milagres nos ensinam a respeito de Jesus e do sábado? Eles mostram um Cristo que está desejoso de conceder a cada um de Seus filhos vida em abundância. **O Criador recria nossa vida a cada sábado.** Ele restaura a vida em toda a sua plenitude a cada sétimo dia. Aquele que nos formou de-seja que sejamos completos mental, física e espiritualmente.

Para Jesus, o sábado era um tempo de cura. Era o momento no qual as pessoas podiam encontrar alívio e descanso nEle. Jesus desejava libertar os seres humanos dos fardos opressores que esmagavam sua alegria. Sua atitude em relação ao sábado pode ser resumida numa declaração simples, porém profunda, dita em resposta aos Seus críticos: “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado. Assim, pois, o Filho do homem é Senhor até mesmo do sábado” (Marcos 2:27, 28).

Jesus deixou de lado as cerimônias e regulamentos, mostrando-nos um caminho melhor para o Reino. Mas também disse ser o Senhor do sábado. Isso é de extrema significância. Aqueles que acreditam ser o sábado apenas parte de algum ritual do Antigo Testamento e um sinal de legalismo precisam lembrar que Jesus Se intitulou Senhor do sábado. Ele afirma: “O sábado foi feito por causa do homem.” O sábado foi destinado a nos abençoar, a nos beneficiar. Não é apenas mais uma obrigação religiosa. Não se trata de uma exigência opressiva. O sábado do Novo Testamento é um tempo de graça e descanso, um tempo no qual podemos renovar nossa aliança e nosso relacionamento com Deus. É um tempo no qual encontramos nosso verdadeiro centro em Deus.

Em Hebreus 4, o escritor bíblico cita o quarto mandamento, que nos ordena a santificar o sétimo dia. Ele lembra seus leitores que “no sétimo dia Deus descansou de toda obra que realizara” (verso 4). Alguns versos depois, ele declara: “Assim, ainda resta um descanso sabático para o povo de Deus; pois todo aquele que entra no descanso de Deus, também descansa das suas obras, como Deus descansou das Suas” (versos 9, 10).

O que essa passagem da Bíblia está nos dizendo? Ela afirma que nós também podemos descansar de nossos labores. Podemos descansar do fardo opressor de tentar possuir cada vez mais. Podemos descansar nos cuidados de nosso Criador. Aquele que nos criou nos ama com amor infindável. Ele irá tomar conta de todas as nossas necessidades. Podemos descansar na obra completa de criação e redenção de Deus.

Nós não evoluímos. Deus nos criou num ponto específico do tempo. O sábado nos lembra disso. Deus nos formou individualmente e, por isso,



somos muito especiais para Ele. Além de nos criar, Ele nos redimiu. Deus operou nossa salvação entregando Seu filho para morrer na cruz. Esse grande ato de graça e aceitação está completo. Não precisamos tentar merecê-lo ou pagá-lo por meio de nossas boas obras. Simplesmente aceitamos a redenção e descansamos no amor de Deus. O sábado é um símbolo de que estamos seguros nAquele que nos criou e nos redimiu.

O sábado é um convite divino para encontrarmos nosso verdadeiro valor em Deus, que nos criou. É também o apelo de Deus para que nos aproximemos de nossas raízes. Somos valiosos à Sua vista, pois Ele nos criou. Somos mais do que pele e ossos. Não somos um acidente biológico ocorrido por puro acaso. Somos filhos de Deus, trazidos à existência por um amoroso Pai celestial. A cada semana, o sábado constitui uma lembrança de quem somos, de onde viemos e por que existimos. Ao adorar durante o sábado, descobrimos o verdadeiro propósito da vida, louvando Aquele que nos criou.

O sábado também nos lembra do descanso que temos em Jesus Cristo. Todos os sábados, descansamos de nossas atividades, reconhecendo que, assim como não tomamos parte em nosso processo de criação, também não fizemos nada para merecer a salvação. Descansamos na graça de Cristo, que morreu por nós. O sábado é um símbolo de descanso, não de trabalho. Durante o descanso sabático, nos regozijamos nAquele que proveu salvação para nossa alma pecadora.

O sábado é o descanso divino para os agitados num mundo em ritmo frenético.



¹ Arianna Huffington, "My New New Thing: Single Tasking", *Olam*, inverno de 2000. Disponível em <http://www.olam.org/treasure.php?issue=3&id=114>.

² The Associated Press, "Don't Stress: Anxiety Can Hurt Your Heart", MSNBC, 7 de janeiro de 2008. Disponível em <http://www.msnbc.msn.com/id/22544210/>. Acesso em 19 de fevereiro de 2009.

³ David Wolpe, "Eternity Utters a Day", *Olam*, inverno de 2000. Disponível em <http://www.olam.org/treasure.php?issue=3&id=123>.

⁴ H. G. Koenig et al., "The Relationship Between Religious Activities and Blood Pressure in Older Adults", *International Journal of Psychiatry in Medicine* 28 (1998), p. 189-213.

Capítulo 2



O Prazer de Obedecer

Anos atrás, o “lar” era visto como um lugar de refúgio e segurança. Ao longo dos séculos, tem sido um abrigo repleto de estabilidade. O lar era um lugar em que as pessoas podiam fugir dos problemas e dificuldades da vida. Ao entrar pela porta de sua casa, você pode se sentir seguro. Abraços afetuosos produzem um sentimento de bem-estar. O lar é o lugar tradicional associado à união familiar.

Nos últimos trinta anos, essa instituição passou por mudanças. Os lares do século 21 são, de modo geral, um campo de batalha. Palavras como *abuso*, *conflito*, *raiva* e *hostilidade* se tornaram lugares-comuns na descrição de um lar. Lemos sobre famílias que passam pouco tempo dentro de casa. Em geral, as crianças fazem suas refeições com pressa. Muitas pessoas não desfrutam uma única refeição em família.

Na melhor das situações, as pessoas correm para casa a fim de comer e em seguida saem novamente. O lar se tornou simplesmente um local para comer e dormir. Com o pai e a mãe trabalhando fora, milhares de crianças precisam se virar sozinhas.

Lemos frequentemente sobre famílias fragmentadas. O número de mães e pais solteiros está crescendo. O lar está mudando. Sua estrutura é diferente hoje. Aqueles que estudam o futuro estão vislumbrando outra mudança que deve ocorrer em nossos lares nos próximos anos.

Em primeiro lugar, esses estudiosos preveem um número cada vez maior de pessoas trabalhando em casa. Além disso, milhões farão a maior parte de



suas compras pela internet. A pergunta mais relevante a ser feita é: “Como os valores familiares sobreviverão no século 21?”

Como será a vida na sua casa? Como as coisas serão diferentes? O que permanecerá igual? Como isso afetará sua capacidade de fazer de seu lar um lugar saudável e aconchegante para sua família? Muitos pais e mães estão seriamente preocupados com o que entra em seu lar por meio da internet.

O lar costumava ser um santuário seguro, mas hoje tudo mudou. Através da televisão e da internet, a violência excessiva, o sexo e programas com total falta de decência e valores morais estão invadindo o lar. O que está acontecendo com a sociedade? Por que existe uma quantidade crescente de violência, imoralidade e ganância em toda parte?

O que está por trás do colapso da moral? Como explicar a desonestidade entre grandes executivos, que levam empresas à falência a fim de se beneficiar com ganhos próprios? Por que a violência nas escolas está se disseminando?

Parece que cada vez mais pessoas são dominadas pelo ódio. Grupos violentos tornam públicas suas ideologias distorcidas por meio de bizarras páginas na internet. Uma sociedade tecnológica e viciada em mídia que oferece sexo, violência e ganância como seu conteúdo de horário nobre está com sérios problemas.

As imagens de Hollywood invadem os lares. O mesmo acontece com seu conteúdo. E as mensagens que assimilamos de forma tão natural? Ouça o que um jovem recém-casado declarou: “Se você assistir à televisão, perceberá que não existem mais famílias. A vida familiar não faz mais parte do cânone. É preciso muita fé para reintroduzir o casamento em sua perspectiva de vida.”

Muitos jovens hoje dizem haver uma variedade de opções para relacionamentos de longa duração e que talvez o casamento não seja a mais adequada para eles. O que estão dizendo é o seguinte: “Morar junto com alguém sem estar casado é provavelmente a melhor opção para mim.” Sem padrões morais, sem uma bússola de orientação moral, somos jogados num estado de confusão. Vivemos num tempo de caos social.

Procura-se uma bússola

A distorção de valores pode ocorrer até mesmo dentro de casa. As coisas estão mudando drasticamente. Há um motivo para estarmos preocupados no século 21. Existe um norte para nos guiar? Quem molda nossos valores morais? Para onde estamos indo? Será que sobrou alguma coisa à qual possamos

nos apegar? Estariam todos os valores morais desmoronando bem embaixo de nossos pés? Será que a moralidade é algo a ser definido de forma individual? Existe qualquer tipo de certeza? Há uma bússola moral?

O Dr. Shervert Frazier foi diretor do National Institute of Mental Health, nos Estados Unidos. Ele expressou suas preocupações no livro *Psychotrends*. Frazier descreve o que ele denominou de “uma sociedade coviolenta, que celebra a brutalidade ao mesmo tempo em que a condena”.¹ Por um lado, condenamos publicamente a violência; por outro, a instigamos em nossas crianças por meio da televisão.

Ao mesmo tempo em que condenamos o assassinato, o popularizamos através dos filmes. Condenamos a imoralidade, mas lotamos salas de cinema para vê-la. Os produtores hollywoodianos sabem que sexo e violência vendem. Algo está fundamentalmente errado com nossa sociedade. Nossas crianças são expostas a várias versões do certo e do errado. Elas ouvem com frequência que não há certo nem errado absolutos. São levadas a acreditar que cada um deve decidir o que é certo e o que é errado para si mesmo.

Algumas sociedades se alimentam da violência e se deleitam nos assassinatos transmitidos pela mídia. Por exemplo, um artigo relatou que 23.700 pessoas foram assassinadas em um ano nos Estados Unidos. Reflita sobre este fato acerca da brutalidade na televisão: um jovem de 18 anos de idade já assistiu, em média, a 200 mil cenas violentas na televisão e em filmes, incluindo 40 mil assassinatos.

Você pode estar se perguntando se a forma de entretenimento a que assistimos faz alguma diferença em nosso processo de pensamento. Estou convencido de que as coisas que vemos influem em nossa personalidade. As pesquisas comprovam a veracidade da afirmação de que, pela contemplação, somos transformados (ver 2 Coríntios 3:18).

Quando assistimos a 40 mil assassinatos, a mente fica anestesiada em relação à violência. Quando vemos 200 mil cenas violentas na televisão, a mensagem que recebemos é que a violência é um padrão aceitável de comportamento. Porém, precisamos perguntar: isso é aceitável pelos padrões de quem?

Quando enchemos a mente com imoralidade, a mensagem transmitida é de que a imoralidade é uma atividade perfeitamente legítima. O lema de nossa sociedade parece ser o seguinte: “Se você se sente bem, então faça. Se isso lhe traz alegria, faça.” Existem quaisquer padrões morais em nossa sociedade?



Por que temos taxas tão altas de criminalidade? Por que a violência se encontra tão generalizada? Por que os casamentos estão se esfacelando em números tão alarmantes?

A Bíblia nos fornece algumas respostas concretas a essas questões. A Palavra de Deus revela o motivo pelo qual os padrões morais e valores tradicionais estão se deteriorando de forma tão rápida. E aqui está o problema real: a sociedade virou as costas aos padrões morais estabelecidos por Deus. Ela lançou fora as diretrizes divinas.

A sociedade diz: “A sua mente deve ser o seu padrão.” Ela grita: “Ninguém pode lhe dizer o que você deve fazer!” Ora, você será capaz de justificar quase tudo se depender somente de seus processos de pensamento.

O profeta Oseias (8:7) diz: “Eles semeiam vento e colhem tempestade.” Nós temos semeado o vento da violência na mídia e estamos colhendo a tempestade do crime. Estamos semeando o vento da imoralidade e estamos colhendo a tempestade do divórcio. Semearmos o vento do conteúdo sexual explícito na televisão e colhemos a tempestade de homens com mente perversa que atacam nossas crianças. Trata-se de uma relação de causa e efeito.

Como proteger os valores morais num mundo imoral? Como você pode proteger sua mente? Como pode proteger a mente de seus filhos e netos? Como ser moral num mundo imoral?

*Você é
responsável
por suas
escolhas
morais*

O Apocalipse fornece algumas respostas bem diretas. Apocalipse significa revelação. É a revelação de Jesus! É a mensagem de Deus sobre o tempo do fim, para o fechamento da história. O último livro da Bíblia tem uma mensagem para a última geração vivendo no planeta Terra.

Por isso, o Apocalipse tem uma mensagem para mim e para você. Ele nos chama à moralidade. Ele nos convida a voltar para os padrões de Deus. Entender essa mensagem é tão importante para nós quanto a relevância da mensagem de Noé para sua época.

Trata-se de uma mensagem final para toda a humanidade: “Então vi outro anjo, que voava pelo céu e tinha na mão o evangelho eterno para proclamar aos que habitam na Terra, a toda nação, tribo, língua e povo” (Apocalipse 14:6).

Essa é uma mensagem urgente e universal, que ultrapassa todas as barreiras



geográficas, penetra os diferentes grupos linguísticos e vai de norte a sul, de leste a oeste, chegando até os confins da Terra. O que ela tem a dizer? O verso 7 declara: “Temam a Deus e glorifiquem-nO, *pois chegou a hora do Seu juízo*” (ênfase acrescentada).

“Temer a Deus” não quer dizer ter medo de Deus. Significa reverência, respeito e obediência a Ele. Você conseguiu observar nessa passagem a grande urgência de tudo o que é dito? Vamos refletir nela novamente: “Temam a Deus e glorifiquem-nO, pois chegou a hora do Seu juízo.”

Esse texto do Apocalipse responde à pergunta sobre a responsabilidade moral. Por que existe tanto crime e violência em nossa sociedade? Por que há tanta imoralidade? Por que existe tanto desrespeito pelas leis? Tudo isso gira em torno da questão da responsabilidade moral. O julgamento nos chama a prestar contas por nossas ações. O julgamento nos diz que somos responsáveis pelas escolhas que fazemos.

Se não sou responsável pelo que faço, então como o julgamento de Deus pode exigir que eu preste contas por tais ações? Se sou um simples produto do acaso e nada mais do que uma molécula ampliada de proteína, não sou verdadeiramente responsável por minhas ações. Se sou alcoólatra porque meu pai era alcoólatra e meu avô também, então talvez eu não seja responsável por isso. Se sou criminoso porque minha genética me fez assim, não sou responsável por isso. Se existe a possibilidade de que eu não tenha escolha sobre minhas ações, então a culpa deve ser de outra pessoa. A sociedade na qual vivemos diz em alto e bom som que você não é responsável. Você faz o que faz por causa da maneira como as forças da vida o moldaram.

Ela também defende que o certo e o errado são coisas que a pessoa determina em sua mente. A ideia é a de que sou responsável apenas perante mim mesmo. Não sou responsável diante de nada superior à mente. Para milhões, a prestação de contas a Deus está fora de cogitação.

Quando você assume a postura de que não tem responsabilidade diante de nenhum poder superior e de que não há um juízo final, os padrões morais específicos para guiar sua vida deixam de existir. O julgamento implica responsabilidade e escolhas morais.

Nos últimos dias da história da Terra, Deus está chamando homens e mulheres para o julgamento. Teria Deus um padrão de moralidade para tomar como base no juízo final? Sim! A lei de Deus é a base da moralidade e o padrão para o julgamento. O Apocalipse diz que você é, sim, responsável por



suas ações, pois chegou a hora do juízo. A Bíblia nos convida a voltar para a lei de Deus, que é o padrão moral divino e eterno.

Tanto a lei quanto o julgamento fazem parte do evangelho de Cristo. “Todo aquele que pratica o pecado transgride a lei; de fato, o pecado é a transgressão da lei” (1 João 3:4). Eu posso pensar que não é pecado roubar algo, mas pecado é a transgressão da lei. Pecado é mais do que eu posso pensar em minha mente. Eis a definição bíblica para pecado: pecado é o mesmo que quebrar a lei de Deus.

Um homem pode dizer: “Olha, eu não estou satisfeito com meu casamento. Então, se eu viajar por um fim de semana com minha secretária, não tem problema, pois nós dois somos adultos e estamos cientes da situação.”

Mas a Bíblia diz: “Não adulterarás.” A lei de Deus é o padrão moral eterno, o qual define o que é pecado e a maneira como prestaremos contas a Deus.

O que as crianças de hoje precisam não é de uma dieta de assassinato, violência e imoralidade na televisão. Elas necessitam aprender os princípios morais que Deus nos concedeu. A lei moral de Deus nos protege. Ela não é um regulamento arbitrário designado para restringir nossa liberdade. A lei de Deus é o caminho para a felicidade genuína.

A lei de Deus nos protege de um estilo de vida que nos destruiria. Alguns cristãos afirmam: “Nós não pregamos sobre a lei em nossa igreja. Pregamos sobre o amor de Deus.” Eles falam isso como se esses dois elementos fossem coisas diferentes.

Porém, o amor sempre conduz à obediência, e não à desobediência. Ele leva os cristãos comprometidos a guardar os mandamentos divinos. Jesus declarou: “Se vocês Me amam, obedecerão aos Meus mandamentos” (João 14:15). O que Jesus disse foi: “Se vocês Me amam, *não* precisam guardar Meus mandamentos”? Ao contrário! A resposta ao amor é guardar os mandamentos de Deus.

O motivo pelo qual obedecemos não é o fato de estarmos tentando merecer o favor de Deus. É uma resposta ao nosso amor por Ele. Não obedecemos a Deus para ser salvo, mas porque sou salvo. Minha obediência completa não seria merecedora de salvação. Cristo operou nossa salvação na cruz.

Mas, depois de ir até a cruz, minha obediência demonstra que fui salvo. 1 João 2:3 diz: “Sabemos que O conhecemos, se obedecemos aos Seus mandamentos.” João está dizendo que essa é a evidência de que conhecemos a Deus. Essa é a evidência de que somos cristãos nascidos de novo, a evidência de que pertencemos a Cristo. “Aquele que diz: ‘Eu O conheço’, mas não obedece aos Seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele” (verso 4).



Quando somos comprometidos com Cristo, entregando nosso coração a Ele, a resposta natural é a obediência. A graça e a lei não estão em contradição. Quando você é salvo pela graça, não é salvo para desobedecer. Pelo contrário, seu dever é obedecer.

Todo o processo de salvação acontece pela graça. Os crentes do Antigo Testamento esperavam ansiosos pelo Cristo que estava por vir. No Novo Testamento, podemos contemplar o Cristo que veio. Aquelas pessoas eram salvas pela graça que havia de vir. Nós somos salvos pela graça que já veio.

O papel da lei e da graça

Mas, se tudo acontece pela graça, qual é o papel da lei de Deus? O apóstolo Paulo deixa isso bem claro: “É mediante a lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado” (Romanos 3:20). Se alguém desconsidera a lei, desconsidera também a existência do pecado. Se não há lei, então não existe pecado. Se não há pecado, não existe necessidade de graça para salvação.

Deus revela o pecado por meio de Sua lei. O papel da lei é definir o pecado. A lei diz: “Isso é correto e isso é errado.” Ela define o padrão moral para o julgamento de Deus. Estabelece os valores para toda a sociedade.

O julgamento convida homens e mulheres de todos os lugares a se voltarem para a observância da lei. Ele chama os cristãos que foram salvos pela graça a viver de forma obediente, justa e santa.

Qual é o papel da graça? “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2:8-9). A graça consiste na misericórdia e no perdão de Deus. É o poder que vem do alto. É o amor de Deus alcançando os pecadores. Será que a graça elimina a necessidade da lei divina? Se sou salvo pela graça, isso me leva a descumprir a lei de Deus?

“Anulamos então a Lei pela fé? De maneira nenhuma! Ao contrário, confirmamos a Lei” (Romanos 3:31). Paulo está declarando o seguinte: “Não pense que podemos eliminar a lei com a graça.” Nós a estabelecemos, a guardamos. As pessoas que são salvas pela graça desejam viver de maneira obediente, em harmonia com a vontade de Deus.

Muitos anos atrás, eu estava apresentando uma série de palestras sobre as profecias bíblicas na costa leste dos Estados Unidos. Certa noite, depois da apresentação, tinha pressa em chegar ao meu compromisso seguinte. Então, estava dirigindo rápido demais. O limite de velocidade era 90 quilômetros



por hora. Eu estava provavelmente indo a cerca de 110. Um policial me parou e solicitou minha habilitação de motorista. Entreguei minha licença pastoral. O oficial sorriu.

Conversamos um pouquinho. Então, eu disse algo do tipo:

– Para falar a verdade, acabei de sair do auditório cívico, onde estava perguntando sobre a lei. Eu estava falando para as pessoas que elas deveriam cumprir a lei. Então, será que você pode me conceder a graça esta única vez? Eu e você estamos no mesmo time. Você pega as pessoas depois que elas quebram a lei e eu digo para cumprirem a lei. Faça com que você trabalhe menos. Então, por favor, será que você pode me conceder graça esta única vez?

Com um sorriso atravessado, o policial disse:

– Tudo bem, pregador. Pode ir, mas cumpra a lei!

Quando descumpri a lei, o que eu merecia? Uma multa por excesso de velocidade. Isso mesmo! Quando recebi o perdão, isso me liberou da condenação da lei? Sim. Mas o perdão me liberou da jurisdição da lei? Absolutamente não. Você acha que eu voltei para o carro e disse para minha esposa: “Querida, eu não estou debaixo da lei. Estou debaixo da graça. Por isso, posso dirigir na velocidade que quiser”? Você acha que saí a 140 quilômetros por hora porque estava sob a graça do policial? Claro que não.

O que aconteceu? Eu estava, a partir daquele momento, debaixo da graça. Por isso, fui extremamente cuidadoso para não quebrar a lei. Como Jesus me salvou por meio da graça, não desejo descumprir a lei. Não vou dar as costas aos Seus mandamentos.

Quando você é salvo pela graça, não está sob a condenação da lei. Jesus disse: “Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir” (Mateus 5:17). Jesus não veio para eliminar a lei. Ele não veio para dar cabo do quinto mandamento, que ordena: “Honra teu pai e tua mãe” (Êxodo 20:12). Cristo veio para ser um modelo de como um filho amoroso deve se relacionar com seus pais.

*Tentar guardar a lei
com suas próprias
forças é o mesmo
que tentar atravessar
o Oceano Atlântico
a nado*

Ele não veio para abolir o sexto mandamento, que diz: “Não matarás” (verso 13). Jesus veio para revelar bondade e compaixão a todos os que entravam em contato com Ele. Jesus tampouco veio para eliminar o sétimo mandamento, que diz: “Não adulterarás” (verso 14). Ele veio para ser um modelo de pureza.

Ele também não veio para abolir o quarto mandamento, que ordena: “Lembra-te do dia de sábado” (verso 8). É por isso que a Bíblia diz: “E no dia de sábado entrou na sinagoga, como era Seu costume” (Lucas 4:16).

Assim como Jesus não veio para abolir os Dez Mandamentos, Ele não veio abolir o sábado. É o oposto que é verdadeiro. Jesus veio para levar uma vida de amável obediência, de modo a elevar a lei de Deus. O mandamento acerca do sábado está no centro dos Dez Mandamentos por uma razão especial. Os primeiros quatro mandamentos estão ligados ao nosso relacionamento com Deus. Os últimos seis estão ligados ao nosso relacionamento com o próximo. O mandamento do sábado, que nos convida a adorar o Criador, é a base para toda a obediência.

O mandamento acerca do sábado explica a base da autoridade moral de Deus em nos dar os Dez Mandamentos. Ele nos criou. Como nosso Criador, sabe o que é melhor para nós. Os Dez Mandamentos são diretrizes para a vida, feitas por um Criador amoroso. Honrá-Lo como Criador no sábado é a base para essa obediência.

A maioria dos cristãos se encontra confusa sobre a relação entre lei e graça. O apóstolo Paulo declarou: “Pois o pecado não os dominará, porque vocês não estão debaixo da Lei, mas debaixo da graça” (Romanos 6:14). Quando é que o pecado tem domínio sobre as pessoas? Quando elas resolvem seguir o próprio rumo, em vez de seguir o caminho de Deus. Quando você quebra a lei de Deus, o pecado o escraviza.

O que significa estar debaixo da lei? Significa depender da lei como meio para a salvação. Tentar guardar a lei com suas próprias forças é o mesmo que tentar atravessar o Oceano Atlântico a nado. Você pode até ser um nadador olímpico ou mesmo um campeão mundial, mas a distância é grande demais. Não importa quão duro nós tentemos, é impossível guardar a lei de Deus usando nossos próprios meios. Se queremos encarar a observância da lei como meio para salvação, ficaremos continuamente frustrados em nossas tentativas inúteis de obedecer. Nós nos sentiremos continuamente condenados. No entanto, se Jesus é a fonte de nossa salvação, tudo muda.

Estar sob a graça significa que aceito e recebo o perdão de Cristo e fico



repleto do Seu poder. Cristo escreve a lei no meu coração e na minha mente. Então desejo obedecer-Lhe.

A Bíblia é muito clara a esse respeito. Quando nos achegamos a Jesus e nos lançamos sobre Sua misericórdia, Ele diz: “Meu filho, não importa aquilo que você fez no passado, Eu o perdoo. Você pode começar outra vez.” A lei revela nossa necessidade e a dádiva divina.

Quando contemplo a lei de Deus, vejo quem sou. Não consigo atingir os padrões morais de Deus. Percebo momentos nos quais sou impaciente. Vejo situações nas quais não fui tão gentil quanto deveria. Minha falha em conseguir cumprir a lei de Deus me leva a buscar Sua graça. A lei me atrai a Jesus e Lhe digo: “Cristo, meu coração está em pedaços. Sinto-me esmagado por meu pecado. Por favor, perdoa-me. Tira minha culpa. Conduze-me, querido Senhor, no caminho da obediência à Tua lei. Ajuda-me a ser obediente.”

Houve um dia em que um líder religioso foi a Jesus e perguntou: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” Respondeu Jesus: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mateus 22:36-39). Aqui Jesus estava resumindo os Dez Mandamentos. Ele continuou: “Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (verso 40).

Toda a lei pode ser resumida em uma palavra: *amor*. Jesus resumiu os quatro primeiros mandamentos no *amor* a Deus e os últimos seis no *amor* ao próximo. Jesus está dizendo que, se você amar de forma plena, irá amar a Deus e a seus semelhantes.

O padrão moral

Vamos rever os Dez Mandamentos (Êxodo 20:3-17), o padrão moral de Deus para o viver.

O primeiro mandamento diz: “*Não terás outros deuses além de Mim*” (verso 3). Deus está dizendo: “Eu devo ser supremo em sua vida.” Nenhum outro deus, nem sua casa, dinheiro, materialismo, nada mais lhe trará satisfação.

O segundo mandamento afirma: “*Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem*” (verso 4). Em outras palavras, adore a Deus de forma suprema. Ele fala: “Não venha a Mim por meio de imagens. Venha a Mim de maneira direta.”

O terceiro mandamento declara: “*Não tomarás em vão o nome do Senhor, o teu Deus*” (verso 7). Deus está dizendo: “Ame-Me o suficiente para respeitar



Meu nome.” Imagine o nome de Jesus, aquele que os anjos louvam, ser lançado no pó por causa de imprecensões vis. A lei fala com urgência ao nosso tempo, instando conosco para que usemos o nome de Jesus com reverência, apenas de forma a Lhe trazer honra.

O quarto mandamento se refere ao sábado e está no coração da lei de Deus. Ele ordena toda a humanidade a se lembrar, mas parece que a maior parte se esqueceu. *“Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus”* (versos 8-10). Numa época em que o ensino da evolução leva ao desprezo de Deus, este mandamento nos chama a adorar o Criador dos céus e da Terra. A ordem sobre o sábado nos liberta da tirania das coisas terrenas e nos coloca em contato com os valores eternos a cada semana. Ela nos libera do apego às coisas terrenas para nos colocar em contato com as realidades divinas.

O quinto mandamento diz: *“Honra teu pai e tua mãe”* (verso 12). E vem com uma promessa agregada: “a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá” (verso 12). Que promessa! Existe uma relação entre saúde, vida longa, felicidade e relacionamentos positivos entre pais e filhos.

O sexto mandamento diz com ênfase: *“Não matarás”* (verso 13). Numa época em que os arsenais militares estão lotados e prontos para matar milhões, numa era em que o aborto está disponível para quem quiser, num momento em que atiradores destroem vidas inocentes, ainda existe um mandamento que defende a santidade da vida: “Não matarás!” O sexto mandamento liberta as pessoas das matanças, assassinatos e guerras. Ele nos intima a reconhecer que a vida é um presente de Deus.

O sétimo mandamento grita a esta geração: *“Não adulterarás”* (verso 14). Numa era de imoralidade, um tempo em que a pureza moral está em falta, a lei de Deus é clara em se dirigir à nossa geração. Quando a sociedade vira as costas à lei de Deus, todas as vezes em que se comporta de forma abertamente imoral, ela se dirige rumo ao desastre. O sétimo mandamento é um chamado à pureza moral. Ele nos liberta das doenças sexualmente transmissíveis que estão devastando países inteiros. Chama-nos a sair do esfacelamento físico, mental e emocional, consequência da desconsideração pelas leis de pureza escritas na estrutura de nosso ser. Liberta-nos da terrível culpa resultante do descumprimento dessa lei básica da moralidade.

O oitavo mandamento, *“Não furtarás”* (verso 15), protege as posses que Deus nos concedeu. Ainda é errado roubar. Continua sendo errado levar



coisas das lojas sem pagar. Ainda é errado pegar algo que não nos pertence. O oitavo mandamento nos liberta para termos segurança naquilo que possuímos, sem o medo de que alguém irá nos tirar essas coisas de modo egoísta.

O nono mandamento, *“Não darás falso testemunho contra o teu próximo”* (verso 16), protege nossa reputação. Mentir ainda é errado. Fazer fofoca ainda é errado. Denegrir o bom nome de alguém ainda é errado. Nosso bom nome e nossa reputação são protegidos por Deus.

O décimo mandamento é um apelo de Deus para que estejamos contentes com o que temos. É o chamado dos Céus para descansarmos em Sua bondade. O mandamento final, *“Não cobiçarás”* (verso 17), concentra nossa mente em louvar a Deus pelas coisas boas que Ele nos dá, em vez de ficarmos reclamando sobre aquilo que não temos.

Mensagem atual

A lei dos Dez Mandamentos fala a esta geração. Ela se dirige significativamente à sociedade de hoje, porque os mandamentos de Deus são eternos.

Satanás perdeu o Céu devido à desobediência. Adão e Eva perderam o Éden por causa da desobediência. Deus está chamando Seu povo de volta à lei dos Dez Mandamentos. Ele nos dá a seguinte promessa: “Esta é a aliança que farei com a comunidade de Israel depois daqueles dias, declara o Senhor. Porei Minhas leis em sua mente e as escreverei em seu coração. Serei o seu Deus, e eles serão o Meu povo” (Hebreus 8:10).

Deus diz: “Eu vou colocar Minha lei em sua mente.” O que isso quer dizer? Se a lei de Deus estiver em nossa mente, nós a conheceremos. Se ela estiver em nosso coração, a amaremos. Deus terá um povo nos últimos dias que terá os Seus mandamentos escritos no coração e na mente. Esse povo conhecerá o Senhor o suficiente para obedecer-Lhe. São libertados, por meio do poder de Cristo, das garras do mal. Em Jesus, eles são livres para viver de forma santa e obediente. Observe a seguinte descrição acerca desse povo dos últimos dias: “Aqui está a perseverança dos santos que obedecem aos mandamentos de Deus e permanecem fiéis a Jesus” (Apocalipse 14:12). Você está livre para obedecer a Jesus?

Muitos anos atrás, uma mãe levou seu filho pequeno para ouvir o famoso

*O mandamento
do sábado está
no coração da
lei de Deus*



pregador Dwight Moody. Depois do sermão, ela ficou na fila por um motivo: queria que seu filho cumprimentasse o evangelista. Quando chegou a vez do garotinho, ele fechou as mãos e se recusou a cumprimentá-lo. A mãe ficou envergonhada. Ela insistia e tentava persuadi-lo. Até pegou a mãozinha do menino e tentou encaixá-la na mão do pregador. O menino não abria os dedos. Quando ele finalmente o fez, havia algumas bonitas e coloridas bolinhas de gude ali dentro. Ele pensou que o pregador ficaria com elas!

A que você está se apegando, meu amigo? O que você não quer deixar? Não há nada a que valha a pena se agarrar quando Jesus estende a mão para você. Que tal, agora mesmo, se comprometer com Jesus e viver uma vida de santa obediência? Você será plenamente libertado para obedecer!

Existe hoje algo mais importante para você do que estender a mão para Jesus? A graça de Cristo perdoará seu passado. Ela transformará sua vida e fará de você um novo homem ou uma nova mulher.

A graça de Deus flui direto do trono dEle para o seu coração. Por que não entregar sua vida a Ele agora mesmo? Abra seu coração à graça de Deus e ela perdoará o seu passado e o levará a viver uma vida de obediência.

Diga a Deus, no silêncio de sua alma, que você humildemente deseja obedecer-Lhe. Agradeça a Ele porque o jeito dEle é o melhor caminho, porque obedecer-Lhe é sua verdadeira alegria.



¹ Shervert Frazier, *Psychotrends: What Kind of People Are We Becoming?* (Nova York: Simon & Schuster, 1994), p. 15.

Capítulo 3



Um Dia Para Lembrar

Em 1992, o satélite COBE produziu o que alguns cientistas chamaram de a “descoberta do século”. Essas iniciais, COBE, são a sigla de Cosmic Background Explorer [explorador do panorama cósmico]. Você deve se recordar de ter lido sobre o incrível lançamento do satélite COBE. Astrônomos, astrofísicos e cosmólogos ficaram deslumbrados.

Quando pensamos sobre a questão da origem da vida, existem apenas duas posições possíveis. Ou a matéria sempre existiu ou Deus sempre existiu. O satélite COBE indicou, a partir de dados referentes ao Universo, que este possui um início definido.

Quando ele mediu o terreno ilimitado do espaço, estudando a grande origem da vida, suas medições enviaram ondas de choque por todo o mundo científico. Elas indicavam que a matéria não existe desde sempre.

Hugh Ross, PhD, escreveu sobre essa descoberta incomum no livro *The Creator and the Cosmos*. Ele afirma que uma das maiores descobertas do século revela que existe um Deus. “A proporção medida se encaixa perfeitamente na proporção que seria esperada caso o Universo tivesse um princípio. [...] É isso que o satélite COBE nos mostrou.”

Anteriormente, quando os cientistas refletiam sobre o Universo, eles acreditavam que a matéria era infinita, que o Universo nunca tivera início. Mas as evidências fornecidas pelo satélite COBE questionaram esse pressuposto. É possível que, se houve um princípio, também exista um *Principiador*? Se houve um momento de criação, existe também um *Criador*? Certamente!



A ciência está lançando uma nova visão. Um astrônomo de Berkeley, comentando a respeito do satélite COBE, disse o seguinte: “O que nós descobrimos é uma evidência do nascimento do Universo. [...] É como se estivéssemos olhando para Deus.”

Com as maravilhas da criação, Deus deixou Suas impressões digitais por todo o Universo. Existem cientistas que, observando a criação de Deus, veem o trabalho de Suas mãos. Eles notam evidências da existência do Criador.

O último livro da Bíblia, o Apocalipse, apresenta um chamado para todas as pessoas que vivem na última hora da história da Terra retornar ao Deus Criador. Em visão profética, o apóstolo João viu a sala do trono do Universo. Seu visitante angelical o convidou a entrar na presença de Deus (Apocalipse 4:1). Ali João viu seres celestiais entoando canções de louvor: “Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e por Tua vontade elas existem e foram criadas” (verso 11).

Todo o Céu canta. Alguns cientistas podem questionar. Alguns intelectuais podem duvidar. Alguns acadêmicos podem inquirir. Contudo, todo o Céu canta: “Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder.” Por quê? Porque “criaste todas as coisas e por Tua vontade elas existem e foram criadas”. Nós não existimos por mero acaso. Não somos uma combinação acidental de moléculas, nem mesmo uma combinação aleatória de genes e cromossomos.

Fomos criados por um Deus de amor. O livro do Apocalipse convida a humanidade a adorá-Lo. Esse livro nos convida a adorar “Aquele que vive para todo o sempre, que criou os céus e tudo o que neles há, a Terra e tudo o que nela há, e o mar e tudo o que nele há” (Apocalipse 10:6). O capítulo 10 desse livro menciona um anjo descendo do Céu. Ele coloca um pé na terra e outro no mar, indicando uma mensagem universal para todos os povos, e exclama: “Adorem o Criador!”

Por que Deus é digno de adoração? Ele é digno do nosso louvor porque nos fez. Ele nos moldou. Nós não evoluímos. Deus é digno de adoração porque nos deu a vida. Em resposta ao maravilhoso dom da vida, damos a Ele nosso louvor e honra.

O desafio da evolução

Como perdemos esse conceito de Deus como Criador? Que eventos levaram a ciência moderna a rejeitar a concepção de Deus como o formador dos céus e da Terra? Será que houve um ponto no tempo quando as coisas começaram a mudar?



Em 1831, o jovem naturalista Charles Darwin realizou uma jornada épica às ilhas Galápagos, num navio britânico, o HMS Beagle. Lá, Darwin estudou o que parecia ser uma variedade quase interminável de pássaros, répteis e vida marinha. Ele estava fascinado com as espécies incontáveis de flora e fauna encontradas na ilha. Darwin observou, por exemplo, que tartarugas, lagartos e tentilhões exibiam grande variedade dentro da mesma espécie. Como o ensino popular da igreja da época defendia que Deus criou cada espécie da maneira como a vemos na atualidade, Darwin rejeitou essa crença como uma concepção arcaica e não científica, adotando uma visão radicalmente diferente.

Ele passou a acreditar que a variedade observada era um indicativo de que as espécies evoluíam. Embora Darwin percebesse lacunas entre gêneros de plantas e de animais, ele presumiu que as gerações futuras de cientistas descobririam os elos entre esses gêneros. O maior pressuposto de Darwin – a existência de elos entre os diferentes gêneros – estava equivocado.

Ele observou corretamente a adaptação e desenvolvimento dentro dos gêneros originais do Gênesis. A igreja medieval, obviamente, estava errada ao afirmar que Deus criara todos os tipos de cães, gatos ou flores. Reconhecemos hoje que é possível cruzar raças diferentes de cães e, assim, produzir novas espécies. O mesmo se aplica aos gêneros de todos os animais, frutos e flores.

Seguindo sua linha de raciocínio até as últimas consequências, Darwin descartou a existência de Deus. Um Criador não mais parecia necessário. Afinal, a vida teria surgido e evoluído por acaso.

Darwin ensinou que as leis naturais eram capazes de explicar nossa existência. Ele eliminou a necessidade de um Criador todo-poderoso. Seu livro *A Origem das Espécies* transformou o modo pelo qual milhões concebem o mundo. Em seu novo mundo, não havia espaço para um Criador. Na perspectiva de Darwin, os seres humanos evoluíram ao longo de milhões de anos, de formas inferiores a formas superiores de vida. E pensar que milhões de pessoas mudaram sua maneira de pensar com base na pressuposição – uma ideia não comprovada – de que existem ligações claras entre as espécies!

Hoje, muitas pessoas ao redor do mundo aceitam seus ensinamentos sobre a

*Adorar o
Criador é
o centro
de tudo*

evolução. Embora haja evidências no mundo natural sobre a variedade infinita entre as espécies, a teoria da evolução de Darwin não responde a todas as perguntas sobre a origem da vida. Ainda existem grandes lacunas. Mesmo depois de mais de 170 anos, muitas questões permanecem. Algumas delas são:

1. Se a evolução é verdade, onde estão as respostas para as lacunas entre as espécies? Como preenchemos os elos perdidos? Qual é o elo perdido entre a variedade de espécies animais? Entre seres humanos e animais? Entre criaturas marítimas e criaturas terrestres?

2. Existe uma lei da biologia que afirma que a vida produz vida. Darwin sugeriu que, dado tempo suficiente, coisas sem vida gerariam coisas vivas. No entanto, não existe nenhuma evidência substancial para essa hipótese no mundo científico. Por quê?

3. Existe uma lei da biologia que afirma que semelhantes geram semelhantes e que o acaso tende a entrar em colapso, não a restaurar. O evolucionismo diz que coisas dessemelhantes podem, eventualmente, ser produzidas a partir de coisas semelhantes. Em outras palavras, uma espécie seria capaz de gerar outra espécie totalmente distinta das primeiras gerações. Onde podem ser encontradas evidências claras e indiscutíveis disso no mundo natural?

Mas Deus tem uma resposta para o problema da evolução. É parte de sua mensagem final para todos os povos. O Apocalipse nos convida: “Temam a Deus e glorifiquem-no, pois chegou a hora do Seu juízo. Adorem Aquele que fez os céus, a Terra, o mar e as fontes das águas” (14:7).

Essa é uma mensagem para todos nós. Não é uma mensagem de um ou outro grupo religioso, nem de uma denominação ou outra. É o chamado final de Deus para toda a humanidade. É um chamado para adorarmos o Criador. Como podemos adorar o Criador do céu e da Terra? Como Ele nos lembra de Seu poder criador? Será que, na criação, Ele nos deixou um símbolo de Sua autoridade como Criador?

O Apocalipse é o livro do fim. Só conseguiremos entender o livro do fim se compreendermos o livro dos princípios. Somente entenderemos o significado das grandes questões da atualidade se entendermos os eventos da criação. O chamado final do Apocalipse para que toda a humanidade adore o Criador encontra sua origem em Gênesis – o livro dos princípios. Na verdade, a temática da verdadeira adoração é comum a toda a Bíblia.

O cerne da crise final do Apocalipse se encontra na questão da verdadeira e falsa adoração. Adorar o Criador é o centro de tudo. Portanto, retornemos



às nossas origens para sermos capazes de compreender nosso destino. Retornemos ao livro dos princípios, o Gênesis, para podermos entender o livro do fim, o Apocalipse.

O maravilhoso e complexo mundo como conhecemos hoje é obra divina. Deus falou e uma massa escura e sem forma passou a existir. Ele a encheu de luz, a envolveu com a atmosfera, a embelezou com rios e riachos, a coloriu com flores e plantas, lhe deu vida com uma variedade incrível de seres vivos, olhou para a obra de Suas mãos e disse: “Isso é bom!”

Então chegou o clímax de toda a criação. O Criador declarou: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. [...] Criou Deus o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gênesis 1:26, 27).

Os seres humanos não poderiam ter recebido honra maior! Seria impossível Deus demonstrar um amor ainda maior! A raça humana é a obra-prima da criação de Deus, o objeto supremo do Seu amor! Depois da criação de Adão e Eva no sexto dia, a Bíblia afirma: “Assim foram concluídos os céus e a terra, e tudo o que neles há” (Gênesis 2:1). Apenas seis dias de trabalho e a criação foi concluída. Que rápido!

Adão e Eva devem ter contemplado com olhos arregalados o Sol ardente se pôr no horizonte ocidental, em toda a sua glória, dando fim ao sexto dia da criação. Mas o relato da criação no Gênesis não termina aí. O registro bíblico continua: “No sétimo dia Deus já havia concluído a obra que realizara, e nesse dia descansou” (Gênesis 2:2).

Deus descansou! Por quê? Não foi porque Ele estava cansado. O profeta Isaías afirma que Deus nunca Se cansa (Isaías 40:28). O Criador do Universo permitiu a Si mesmo o prazer de apreciar Sua criação completa.

Deus estava satisfeito com Suas realizações ao longo dos seis primeiros dias da Terra. Então, Ele fez algo significativo: “Abençoou Deus o sétimo dia e o santificou, porque nele descansou de toda a obra que realizara na criação” (Gênesis 2:3). O sétimo dia, o sábado, concebido na criação, foi destinado para constituir uma lembrança contínua das nossas raízes. Existem três coisas específicas que Deus fez no sétimo dia:

1. Deus o abençoou.
2. Deus o santificou.
3. Deus descansou.

A Bíblia *não* diz que Deus abençoou o primeiro, o terceiro, o quinto ou

qualquer outro dia, a não ser o sétimo. E o que Deus abençoa, de acordo com 1 Crônicas 17:27, Ele abençoa para sempre. Abençoar significa encher algo com a presença do próprio Deus. Ele abençoou o sétimo dia transformando-o num sinal eterno de Sua poderosa criação e de Seu amor infinito. A cada sábado, enquanto adoramos o Criador do Universo, também recebemos a bênção especial de Deus – a bênção de Sua paz, de Sua presença e de Sua perspectiva eterna sobre o verdadeiro significado da vida. A bênção do sábado equivale à bênção de um coração cheio de alegria, adorando o Deus que nos criou.

Deus descansou no sétimo dia não porque *Ele* estivesse cansado, mas para nos dar o exemplo. Se até as máquinas precisam de descanso, quanto mais o ser humano! Você precisa descansar para melhorar seu desempenho.

Deus santificou o sétimo dia. Ele o separou para a santidade. A palavra *santificar* é usada por Deus para a cerimônia de casamento, quando uma mulher é separada ou santificada para um único homem e vice-versa.

Suponhamos que um homem se case. A mulher com quem ele se casa tem seis irmãs. Depois da cerimônia, ele está esperando no carro, pronto para partir em lua de mel. Uma das irmãs da noiva entra no carro e diz:

– Vamos!

Ele a olha surpreso e responde:

– Mas eu não me casei com você! Casei-me com sua irmã.

Ela replica:

– Que diferença isso faz? Eu sou uma em sete.

Será que faz alguma diferença? Para o casal recém-casado, com certeza faz. Havia uma mulher que fora “santificada” ou separada para o noivo. Nem todas as mulheres são iguais e nem todos os dias são iguais.

Um sinal eterno

O sábado foi dado para nossos pais, Adão e Eva, no jardim do Éden. Ele foi separado durante a criação como um símbolo eterno do poder criador de Deus para o Seu povo em todas as eras. Quando Adão e Eva deixaram o jardim, o sábado permaneceu como um lembrete do amor eterno de Deus. Ao longo da Bíblia, o sábado constitui um sinal entre Deus e Seu povo. Antes de dar os Dez Mandamentos aos israelitas no monte Sinai, eles já estavam guardando o sábado estabelecido na criação.

Em Êxodo 16, lemos a memorável história da queda do maná. Moisés disse ao povo: “Durante seis dias vocês podem recolhê-lo, mas, no sétimo dia,



o sábado, nada acharão” (Êxodo 16:26). Deus operou um milagre para Israel. Ele atendeu suas necessidades fazendo cair pão do céu. Esse pão, ou maná, aparecia todos os dias, exceto no sábado.

Se os israelitas juntassem mais do que podiam comer, a porção que sobrava se estragava. Porém, na sexta-feira o maná caía em dobro. Então, os israelitas juntavam o dobro, e Deus o preservava miraculosamente ao longo do sábado. Esse milagre, que aconteceu durante os anos de peregrinação pelo deserto, mantinha os israelitas constantemente conscientes do fato de que eles pertenciam a Deus.

Mesmo antes de os Dez Mandamentos existirem na forma escrita e em tábuas de pedra, o povo de Deus já os conhecia. Por exemplo, Caim sabia que era errado assassinar Abel. Os israelitas sabiam que era errado transgredir o sábado. Os Dez Mandamentos não foram dados no Monte Sinai porque o povo de Deus não soubesse discernir entre o certo e o errado desde o princípio. Isso precisou ocorrer devido à rebelião contra a lei escrita na mente.

No Sinai, Deus escreveu os Dez Mandamentos em tábuas de pedra. Ele não os escreveu na areia, de modo que fossem apagados. Não os escreveu num pergaminho que pudesse

ser consumido pelo fogo. Deus não escreveu o mandamento sobre o sábado num pequenino pedaço de papel escondido num canto. Ele o escreveu em tábuas de pedra. A lei foi escrita de forma a durar para sempre. Deus sequer incumbiu Moisés de escrevê-la. Não deu essa tarefa a nenhum profeta. Se na Bíblia existe apenas um conjunto de leis escritas pelo dedo de Deus, se Ele as escreveu em tábuas de pedra, será que podemos virar as costas à Sua lei eterna tão facilmente?

“Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo.” Deus está nos chamando de volta para o Seu sinal eterno da criação. O sábado nos une a Ele. “Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum” (versos 9, 10).

*Ao guardar o sábado,
reconhecemos que
cada batida de
nosso coração
provém de Deus*



O mandamento diz que o sábado é “dedicado ao judeu”? Não. Ele diz: “é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus”. Por que o sétimo dia é o sábado do Senhor Deus? A origem não se encontra em nenhum bispo, sacerdote ou pastor. Não surgiu em nenhum concílio da igreja. O sábado originou-se com o próprio Criador. É o sinal dEle. É Seu memorial, Seu emblema, Seu mandamento. Como um baluarte contra o evolucionismo, ele foi planejado para incentivar a adoração do Criador do céu e da Terra.

Ao guardar o sábado, reconhecemos que cada batida de nosso coração provém de Deus. Declaramos que cada respiração é proveniente dEle. Quando descansamos e adoramos Deus no sábado, declaramos nossa lealdade a Ele como nosso Criador. Declaramos: “Senhor Deus, nós não criamos a vida. Tu és o Doador.”

Note que o mandamento não diz “um sétimo dia é o sábado”. Ele afirma: “o sétimo dia é o sábado”. Da mesma maneira que todas as celebrações no dia anterior ou no dia posterior ao seu aniversário não transformam esses dias em seu aniversário de fato, todas as celebrações realizadas no dia anterior ou no dia posterior ao sábado não fazem desses dias o verdadeiro sábado bíblico. Você pode realizar sua festa de aniversário um dia antes ou um dia depois, mas isso não altera a data do seu nascimento. Celebrar o sábado no sexto ou no primeiro dia não muda a realidade de que Deus separou o sétimo dia para ser o sábado.

Deus ordenou: “Lembra-te do dia de sábado”. Mas milhões têm se esquecido de fazê-lo. Para essas pessoas, o sábado nada mais é do que um dia normal, comum. Qual dia Deus abençoou? O sétimo. Qual dia Deus santificou? O sétimo. Em qual dia Deus descansou? No sétimo.

No coração da lei, Deus nos diz por que devemos adorá-Lo no sábado: “Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou” (verso 11).

O sábado nunca foi uma instituição exclusivamente judaica. Ele foi dado para todos nós. Os Dez Mandamentos são a lei imutável de Deus para toda a humanidade. O mandamento “não adulterarás” não é exclusivo para os judeus. O mandamento “não matarás” não é exclusivo para os judeus. O mandamento “não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem” não é exclusivo para os judeus. O sábado nunca foi destinado exclusivamente para os judeus. Esses mandamentos revelam a melhor maneira de viver. Eles são a base para uma vida feliz, produtiva e repleta de significado.



O sétimo dia, o sábado, o dia no qual Deus descansou, o tempo que Ele santificou e abençoou, é o elo dourado que liga a criação descrita em Gênesis à nova criação do livro do Apocalipse. Nesse dia, na Nova Jerusalém, o lugar do trono de Deus, todos os povos cantarão louvores ao Criador.

Ao longo de todo o Antigo Testamento, o sábado funcionou com o sinal entre Deus e Seu povo. O profeta Ezequiel esclarece a natureza eterna do sábado por meio das seguintes palavras: “Também lhes dei os Meus sábados como um sinal entre nós, para que soubessem que Eu, o Senhor, fiz deles um povo santo” (Ezequiel 20:12).

O sábado não é apenas um sinal de que Deus nos criou, mas um sinal de que Ele pode recriar o nosso coração. O sétimo dia é um símbolo de santificação. A palavra *santificação* quer dizer “separado para um fim santo”. Da mesma maneira que não nos criamos sozinhos, não somos capazes de nos recriar. Não podemos nos tornar santos. É apenas Deus que nos torna santos por meio do Espírito Santo. O sábado é um símbolo do Deus cujo poder criou o mundo e pode recriar nosso coração.

Jesus, os discípulos e o sábado

Deus estabeleceu o sábado como um sinal de Sua autoridade como Criador, de Seu eterno poder e infindável amor. Mas muitos perguntam: “E o Novo Testamento? E Jesus Cristo? Ele veio para abolir o sábado? Os discípulos mudaram o sábado? Eles adoraram em algum outro dia da semana?” Analisemos então essas questões. O que Jesus ensinou a respeito do sábado bíblico?

“Ele foi a Nazaré, onde havia sido criado, e no dia de sábado entrou na sinagoga, como era Seu costume. E levantou-Se para ler” (Lucas 4:16). Jesus tinha um costume, uma prática: a cada sábado, o Salvador encontrava alegria na adoração.

Se Jesus tivesse a intenção de deixar outro sinal ou símbolo de adoração, não seria de se esperar que nos desse um exemplo positivo disso por meio de Sua vida? O inventário e o testamento de uma pessoa não são selados com sua morte? Não se pode alterar o testamento de alguém depois de sua morte. O inventário e o testamento de Cristo foram selados com Sua morte. O legado de Sua vida foi um positivo exemplo de observância do sábado. Cristo guardou o sábado bíblico.

Além disso, Ele disse: “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Marcos 2:27). O sábado foi feito somente para os



judeus? Não. O sábado foi instituído para toda a humanidade. O sábado foi estabelecido tanto para os judeus quanto para não judeus, como sinal de adoração verdadeira. É um sinal de que adoramos exclusivamente a Deus, um sinal de que amamos o Criador de forma suprema.

Não fomos feitos por causa do sábado. O sábado foi criado como um presente de Deus para nós. Constitui um sinal eterno de que Ele nos criou. É também um símbolo de que Deus nos salvou. Em Sua vida e morte, Jesus descansou no sábado bíblico. Assim, descansamos diante da criação completa e também diante da redenção completa. Todos os sábados, fugimos do estresse da vida para o palácio do Senhor. Todas as tensões evaporam diante de Sua presença.

Jesus nunca deixou dúvidas a respeito de que dia é o sábado. Seus questionamentos se referiam ao conjunto de exigências legalistas que os judeus colocaram sobre o sábado. É por isso que Ele disse: “É permitido fazer o bem no sábado” (Mateus 12:12). Para Cristo, o sábado era um dia destinado a obras de misericórdia, um dia maravilhoso de adoração e louvor, de comunhão, bênçãos e curas. Jesus realizou mais milagres no sábado do que em qualquer outro dia da semana. Embora Ele fosse criticado como um transgressor do sábado, Jesus estabeleceu esse dia como um dia de bênçãos e de fazer o bem para os outros.

O sábado não é uma exigência legalista de pessoas com a mente fechada. Mesmo em Sua morte, Jesus Cristo observou o sábado. Os seguidores mais próximos de Jesus descansaram no sétimo dia de acordo com o mandamento. Eles nem mesmo embalsamaram Seu corpo durante o sábado. Jesus descansou no sábado antes de ressuscitar no primeiro dia da semana.

Jesus afirmou: “Se vocês Me amam, obedecerão aos Meus mandamentos” (João 14:15). O amor conduz à obediência. O amor nos leva a guardar os mandamentos de Deus. Quando eu me prostro ao pé da cruz e vejo os cravos perfurando Suas mãos, anseio obedecer-Lhe. Ao pé da cruz, há misericórdia. Ao pé da cruz, há perdão. Ao pé da cruz, nosso coração é transformado. Ali nos prostramos deslumbrados, maravilhados com o quanto Jesus nos amou. E então desejamos obedecer. A obediência não é um dever; é um prazer. O amor nos motiva a adorar a Deus a cada sábado. Não somos induzidos a isso por algum tipo de exigência legalista. Somos motivados a obedecer-Lhe por amor. Entregamos nossa vida Àquele que deu a vida por nós.

Jesus não concebia o sábado como um costume judaico a ser observado temporariamente até Sua morte na cruz. Ele não ensinou que o sábado estava restrito aos hebreus do primeiro século. Para Jesus, o sábado era um



símbolo eterno do Seu poder criador. Observar o sábado revela um sentimento interior de lealdade a Ele.

Certa ocasião, Jesus Se reuniu com Seus seguidores mais próximos e revelou que, até mesmo após Sua crucificação, morte e ressurreição, o sábado continuaria a ser guardado. Em um sermão cuidadosamente elaborado, Ele discorreu sobre a destruição iminente de Jerusalém. Então, instruiu Seus discípulos: “Orem para que a fuga de vocês não aconteça no inverno nem no sábado” (Mateus 24:20).

Que sentido faria Jesus dizer para os discípulos orarem para que sua fuga não ocorresse “no sábado” se eles não estivessem mais guardando esse dia? Isso não faria sentido algum.

Se o exército romano atacasse a cidade no sábado, os cristãos estariam todos adorando juntos no mesmo lugar. O que então aconteceria? Seria muito mais fácil para os soldados romanos destruí-los. O historiador Josefo relata que o exército romano fez exatamente isso: abordou a cidade num dia de sábado.

Os cristãos do primeiro século levaram a sério as palavras de Jesus. Eles oraram e, de maneira miraculosa, as forças romanas recuaram sem nenhuma razão aparente. Deram aos cristãos um breve período para escapar da cidade. Como resultado, não há registro de um único cristão morto durante a destruição de Jerusalém.

*O sábado
continuará a
ser um símbolo
da verdadeira
adoração por
toda a eternidade*

O sábado e o tempo perdido

Hoje, algumas pessoas perguntam: “A contagem do tempo já se perdeu? Como podemos saber exatamente que dia é o sábado? O sétimo dia da semana de hoje é o mesmo sétimo dia dos tempos bíblicos? O calendário não sofreu alterações?”

Existem pelo menos três maneiras de saber. É possível saber a partir da Bíblia, a partir da linguagem e a partir da astronomia. Você se lembra de que o sábado foi estabelecido na criação e depois reestabelecido nos Dez Mandamentos dados a Moisés. Fica claro que não houve tempo perdido entre Adão e Moisés.



Adão guardou o sábado e Moisés também. Em todo o Antigo Testamento, de Moisés até Jesus, o povo de Deus guardou o sábado, então não houve tempo perdido aí. A história da crucificação demonstra que o ciclo semanal da maneira como o conhecemos não mudou do tempo de Jesus até hoje.

Analisemos essa sequência de dias a partir da Bíblia. Começemos com o dia em que Jesus morreu. A Bíblia o descreve da seguinte maneira: “Era o Dia da Preparação, e estava para começar o sábado. As mulheres que haviam acompanhado Jesus desde a Galileia, seguiram José, e viram o sepulcro, e como o corpo de Jesus fora colocado nele. Em seguida, foram para casa e prepararam perfumes e especiarias aromáticas. E descansaram no sábado, em obediência ao mandamento” (Lucas 23:54-56).

Os seguidores mais próximos de Jesus estavam guardando o sábado depois de Sua morte? O que diz o relato de Lucas? “Descansaram no sábado, em obediência ao mandamento” (verso 56). Eles não acreditavam que a morte de Jesus havia alterado o mandamento de nenhuma forma.

Esse texto registra três dias sucessivos. Primeiro, o dia da morte de Jesus. Segundo, o dia de descanso na tumba. Terceiro, o primeiro dia da semana, quando Jesus ressuscitou dos mortos. Em seguida, a Bíblia diz: “No primeiro dia da semana, de manhã bem cedo, as mulheres levaram ao sepulcro as especiarias aromáticas que haviam preparado” (Lucas 24:1).

Observemos com cuidado a ordem dos eventos que ocorreram durante esses três dias. O dia da preparação, no qual Cristo morreu, é amplamente celebrado como a sexta-feira santa. A ela se seguiu o sétimo dia. Durante o sábado, os seguidores próximos de Jesus descansaram de acordo com o mandamento. Jesus, o divino filho de Deus, também descansou na sepultura no sábado. No primeiro dia da semana, o dia no qual milhões de cristãos celebram a Páscoa, Jesus ressuscitou.

A identidade do sábado como o sétimo dia é clara. Trata-se do dia que vem entre o dia em que Jesus morreu (sexta-feira) e o dia no qual Ele ressuscitou (domingo). Pode parecer um pouco surpreendente descobrir que o sábado continua sendo o sétimo dia apontado pela Bíblia, mas é isso mesmo. Segundo a Bíblia, o dia de adoração não mudou.

Existem oito textos no Novo Testamento que fazem menção ao primeiro dia da semana. Nenhum deles nos convida a adorar no domingo em honra à ressurreição. Cristo nos deixou um símbolo da ressurreição. Como podemos celebrá-la? Deixemos que a Bíblia fale por si mesma: “Ou vocês não sabem que



todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em Sua morte? Portanto, fomos sepultados com Ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova” (Romanos 6:3, 4).

O batismo é o símbolo do Novo Testamento para a ressurreição. Quando os novos crentes adentram o tanque batismal, eles são totalmente imersos. Isso significa morte para a velha vida. Ao saírem da água, ressuscitam para uma nova vida em Jesus.

Da mesma maneira que Jesus entrou na sepultura e ressuscitou para uma nova vida, o batismo simboliza a nova vida concedida a cada cristão nascido de novo por meio do poder do Espírito Santo. O batismo é o símbolo do poder da ressurreição, e não a observância do domingo.

A Bíblia diz: “Lembra-te do dia de sábado.” Nós honramos nosso Criador ao guardarmos o sábado bíblico. Em mais de 140 línguas do mundo, a palavra para o sétimo dia da semana é equivalente a *sábado*. Em russo, ucraniano e búlgaro, é *sabbota*. Em árabe, *as-sabat*. Em hebraico, *shabbat*. As línguas do mundo deixam bem claro: o sétimo dia é o sábado.

De acordo com fontes confiáveis como o Observatório Real de Greenwich, na Inglaterra, e o Observatório Naval dos Estados Unidos, o ciclo semanal nunca mudou. A história nos conta que, em 1582, o papa Gregório XIII mudou a data para ajustar o calendário com a estação da época. Ele decretou que o dia seguinte à quinta-feira 4 de outubro de 1582 seria uma sexta-feira, 15 de outubro de 1582. Mas observe que isso não alterou o ciclo semanal. A sexta ainda acontecia depois da quinta e o sábado se seguia à sexta. O domingo continuava a ser o primeiro dia da semana.

Algumas décadas atrás, em 1976, eu escrevi ao astrônomo real do Observatório Real de Greenwich, pedindo informações a respeito da continuidade do ciclo semanal. Queria ter certeza absoluta de que não havia evidências apontando para qualquer tipo de mudança. Reproduzo aqui minha carta. Leia também com cuidado as informações contidas na resposta oficial:

Caro senhor,

Estou realizando pesquisas sobre a sequência contínua do ciclo semanal. Vários astrônomos europeus afirmam que o ciclo semanal chegou a nós intacto desde os tempos antigos. Em outras palavras, que o sétimo dia de nossa semana atual, por exemplo, é idêntico ao sétimo dia da



semana dos tempos bíblicos. Minha dúvida se desdobra em três questionamentos: (1) O que sua investigação revela acerca da ausência de rupturas no ciclo semanal desde os tempos antigos? (2) Mudanças de calendário realizadas em séculos passados (como a do juliano para o gregoriano) afetaram, de alguma forma, o ciclo da semana? (3) O sábado da atualidade corresponde à sequência linear de ciclos inalterados de sete dias desde o sábado mencionado no relato bíblico da crucificação? Aprecio enormemente seu tempo dedicado a responder a essas perguntas e espero ansioso por sua resposta.

Sinceramente,

Mark Finley

A resposta de R. H. Tucker, oficial do Observatório Real de Greenwich, foi a seguinte:

Prezado senhor,

Sua carta ao astrônomo real de Greenwich foi enviada a nós aqui e o diretor me solicitou que respondesse. A continuidade da semana de sete dias tem sido mantida desde os primeiros dias da religião judaica. O astrônomo pode se preocupar com decisões relacionadas ao tempo, à data do calendário e ao número do ano. Mas, como a semana é um ciclo civil, social e religioso, não há motivo algum para que sofra alterações com quaisquer ajustes no calendário. Todas as tentativas de modificar o ciclo de sete dias sempre despertaram a mais determinada oposição das autoridades judaicas. Temos certeza de que nenhuma alteração dessa ordem foi colocada em prática. A mudança do calendário juliano para o gregoriano (1582-1927) foi realizada de modo a manter inalterada a sequência dos dias da semana.

Atenciosamente,

R. H. Tucker

Oficial de Informações

O sábado e os cristãos

Adão observou o sábado. Moisés, Isaías e Jeremias guardaram o sábado. *Jesus* guardou o sábado. Pedro, Tiago, João e Paulo guardaram o sábado. O Novo Testamento deixa claro que os apóstolos adoravam no sábado.

Paulo pregava acerca de Cristo no sábado. Lemos: “Segundo o seu costume,



Paulo foi à sinagoga e por três sábados discutiu com eles com base nas Escrituras” (Atos 17:2). O fato interessante a esse respeito é que os gentios também frequentavam regularmente essas reuniões sabáticas. Lucas relata isso em Atos 13:42: “Os gentios rogaram que no sábado seguinte lhes fossem ditas as mesmas coisas.” O apóstolo Paulo não os encorajou a retornar no primeiro dia da semana para guardarem o domingo. As Escrituras dizem: “No sábado seguinte, quase toda a cidade se reuniu para ouvir a palavra do Senhor” (verso 44).

Toda a cidade estava vindo! Louvado seja Deus! Já pensou se todos em sua cidade fossem adorar o Criador a cada sábado? O sétimo dia propicia união e unidade entre todos os povos. Em Cristo, somos parte de uma criação comum, feitos juntos como uma única raça humana. E é no sábado que celebramos nossa unidade.

Quando nos reunimos para adorar a Deus no sábado, Ele nos une como família. Os discípulos continuaram guardando o sábado, tanto em público quanto em pequenos grupos privados: “No sábado saímos da cidade e fomos para a beira do rio, onde esperávamos encontrar um lugar de oração. Sentamo-nos e começamos a conversar com as mulheres que haviam se reunido ali” (Atos 16:13).

Nessa cidade, não havia um grupo guardador do sábado, nem igreja. Então, o apóstolo Paulo se reunia com os crentes próximo a um calmo rio para adorar no sábado.

As evidências no Novo Testamento são claras. Jesus disse a Seus discípulos que, depois da cruz, eles deveriam continuar guardando o sábado. As mulheres seguidoras de Jesus e também o apóstolo Paulo observaram o sábado. O Apocalipse nos convida a voltar a adorar o Criador, e o dia para isso é o sábado.

Nos últimos dias da história da Terra, a revelação de Jesus Cristo nos chama de volta à verdadeira adoração. Muitos cristãos ficam confusos acerca da expressão “no dia do Senhor”, encontrada em Apocalipse 1:10. João afirma: “No dia do Senhor achei-me no Espírito”. Qual é o dia do Senhor? Existe alguma diferença entre o “dia do Senhor” e o sábado bíblico? Seriam esses dois dias diferentes – um para o Antigo Testamento e um para o Novo – ou eles se referem ao mesmo dia?

*Se Deus, Jesus
e os apóstolos
não mudaram
o sábado,
quem o fez?*



Podemos dar nossa interpretação ao significado do “dia do Senhor”, mas Jesus conhece o sentido dessa expressão muito melhor do que nós. Vejamos o que Jesus define como o “dia do Senhor”. “Pois o Filho do homem é Senhor do sábado” (Mateus 12:8). “O Filho do homem é Senhor até mesmo do sábado” (Marcos 2:28). “O Filho do homem é Senhor do sábado” (Lucas 6:5).

Por que você acha que a Bíblia fala a mesma coisa três vezes? Existe uma única razão. E ela tem importância vital. Se “o Filho do homem é Senhor do sábado”, então o sábado é o dia do Senhor. O sábado do Deus Criador no Gênesis é o dia do Senhor do Apocalipse.

No Apocalipse, Deus é o mesmo Criador que era no Gênesis. Assim como abençoou, santificou e descansou no sábado, convida a humanidade e adorá-Lo como Criador no tempo do fim. Ele não muda. O Apocalipse descreve o povo de Deus dos últimos dias com as seguintes palavras: “Aqui está a perseverança dos santos que obedecem aos mandamentos de Deus e permanecem fiéis a Jesus (Apocalipse 14:12).

O povo de Deus que aguarda o breve retorno de Jesus estará guardando Seus mandamentos, inclusive o sábado. Esse dia sagrado será um símbolo da verdadeira adoração no tempo do fim. E continuará a ser um símbolo da verdadeira adoração por toda a eternidade. Ao longo das incontáveis eras da eternidade, adoraremos no sábado nosso amoroso e onipotente Criador: “Assim como os novos céus e a nova Terra que vou criar serão duradouros diante de Mim’, declara o Senhor, ‘assim serão duradouros os descendentes de vocês e o seu nome. De uma lua nova a outra e de um sábado a outro, toda a humanidade virá e se inclinará diante de Mim’, diz o Senhor” (Isaías 66:22, 23).

De todas as partes do mundo, as pessoas se juntarão como uma família para dar louvor, honra e glória a Deus. Juntos, nos reuniremos para louvar a Cristo, que criou os céus e a Terra. Estaremos unidos em louvor ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Talvez você esteja pensando: “Isso é novo para mim.” Mas eu sei que você só tem um desejo: anseia seguir Jesus e fazer Sua vontade. Quando aprendemos que Deus escreveu os Dez Mandamentos com o próprio dedo, em tábuas de pedra, e que um desses mandamentos contém a palavra “lembra-te”, não podemos ousar nos esquecer daquilo que Deus nos pediu para recordar. Deixar de “lembrar” do que o próprio Deus diz ser da maior importância é perder as enormes bênçãos contidas no mandamento do sábado. É deixar de vivenciar a paz, descanso e alegria que o sábado traz.



Ao longo de toda a Bíblia, o mandamento a respeito do sábado é claro. Esse dia é um sinal entre Deus e Seu povo. O povo de Deus do Antigo Testamento guardou o sábado. Os apóstolos observaram o sábado. Paulo ensinou uma cidade inteira no dia de sábado. O povo de Deus do Novo Testamento guardou o sábado. O próprio Jesus adorava o Pai todos os sábados. E Ele disse: “Se vocês Me amam, obedecerão aos Meus mandamentos” (João 14:15).

Quando descobrimos a maravilhosa beleza do sábado, nosso coração se quebranta em amor por Cristo. Exclamamos das profundezas do nosso ser: “Eu O seguirei, meu Salvador!” Mesmo se for diferente da opinião popular, mesmo se for diferente do que a religião convencional ensina, meu coração só deseja uma coisa: a verdade da Bíblia. Meu coração só quer uma coisa: Jesus.

Você gostaria de inclinar sua fronte agora mesmo e dizer: “Jesus, ensina-me Tua verdade. Onde quer que ela me levar, eu a seguirei”? Você gostaria de dizer: “Querido Jesus, eu desejo Te seguir, sem me importar com o que os outros ensinam. Quero Te adorar como Criador e Senhor e, todas as semanas, desfrutar do Teu descanso sabbático”?

Para mim, o mais importante na vida é seguir Jesus. É esse o seu desejo? É esse o seu compromisso? Jesus é mais importante para você do que qualquer outra coisa na vida? Se esse é o seu desejo, abra o coração agora mesmo e diga: “Sim, Jesus, eu quero fazer a Tua vontade!”

Capítulo 4

O Maior Engano da História

Você já percebeu que nem sempre as coisas são o que aparentam ser? Durante séculos, os cientistas acreditaram que a Terra era o centro fixo do Universo e que tudo, inclusive o Sol e as estrelas, orbitava ao redor dela. Foi um livre-pensador polonês, Copérnico, quem determinou que a Terra estava em movimento e girava em torno do Sol.

Ele comparou esse fenômeno à maneira como os marinheiros, quando estão dentro de um navio com o mar calmo, experimentam a ilusão de estarem perfeitamente parados enquanto tudo ao redor se move. “Da mesma maneira”, escreveu Copérnico, “o movimento da Terra pode produzir a impressão inquestionável de que o Universo inteiro está em rotação.”

Simplesmente porque o Sol e as estrelas aparentavam estar girando em torno da Terra não significava que isso era verdade. Apenas porque você acredita em algo, não quer dizer que é verdade. Somente porque outros acreditam também não. Pense na história das aranhas. Aristóteles classificou as aranhas como insetos. Os insetos, como se sabe, possuem seis patas. Durante séculos, ninguém questionou o grande Aristóteles. As pessoas presumiam que as aranhas eram insetos e, portanto, tinham seis patas. Foi Jean-Baptiste Lamarck quem apresentou a classificação da aranha como um aracnídeo, possuidor de oito patas. Somente porque as pessoas acreditam em algo por séculos, não significa que seja verdade.

Seria possível que uma tradição como essa tenha se infiltrado na igreja cristã? Seria possível que milhões tenham aceitado a falsidade no lugar da



verdade, e poucos questionam isso? Você acredita ser possível que a maior parte das igrejas deixou de lado um mandamento de Deus para, em lugar dele, obedecer a uma tradição humana? Seria essa uma tradição presente há tantos anos que passou a ser aceita como verdade, mesmo possuindo origem totalmente humana?

O grande enganador

O livro do Apocalipse prediz que Satanás tentaria enganar a igreja cristã. Reflita sobre esta declaração incrível do Apocalipse: “O grande dragão foi lançado fora. Ele é a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo” (Apocalipse 12:9a). Ele enganou Adão e Eva no jardim do Éden e continua enganando homens e mulheres ao longo das eras.

Satanás é um enganador. Não seria lógico que ele tentasse nos iludir com uma falsificação religiosa? A principal característica de uma falsificação é que ela se parece o máximo possível com o artigo genuíno. Nenhum falsificador no mundo fabricaria com seriedade uma nota de três ou treze reais. Por que não? Porque não existem notas genuínas nesses valores. A estratégia usada por Satanás é falsificar uma verdade divina e, em especial, atacar os mandamentos de Deus. Não seria lógico que Satanás, o grande enganador, atacasse a lei de Deus?

A lei de Deus representa Sua autoridade. Se Satanás conseguir eliminar a lei de Deus, estará anulando a autoridade divina. A lei de Deus é a base do Seu governo. Por meio dela, Deus define o que é certo e o que é errado. E, se Satanás for capaz de enganar o povo no tocante à lei, estará abalando toda a base do trono do Senhor. Com isso, ele consegue abalar o poder, a credibilidade e a autoridade de Deus.

Bem no cerne da lei de Deus se encontra o sábado. Não seria lógico que Satanás, o grande enganador, atacasse o Criador desafiando o símbolo da criação, o sábado? Você já se perguntou como o sábado bíblico foi alterado do sétimo dia para o primeiro, o domingo?

Se a Bíblia é tão clara sobre esse assunto, por que tantas pessoas estão confusas? Quem mudou o sábado? Quando ele foi mudado? E por quê? Certamente existem boas respostas para essas perguntas. Elas podem ser encontradas tanto na Bíblia quanto na história. Uma coisa é certa: Deus não mudou o sábado.

Existem pessoas sinceras que leem o relato de Gênesis e descobrem que Deus abençoou e santificou o sétimo dia. Elas também descobrem que Ele



descansou durante o sábado. Leem que Deus estabeleceu o sábado nos dias de Adão, muito antes da existência do povo judeu.

Ao prosseguir em sua busca pela verdade, leem os Dez Mandamentos escritos pelo próprio dedo de Deus e se deparam com o quarto mandamento: “Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus” (Êxodo 20:8-10).

Essas pessoas ficam confusas. A igreja que frequentam guarda o domingo. Elas ficam perplexas, porque o quarto mandamento é tão claro! Leem Ezequiel 20:12 – “Também lhes dei os Meus sábados como um sinal entre nós” – e percebem que o sábado é um sinal entre Deus e Seu povo.

Além disso, esses cristãos sinceros leem em Lucas 4:16 que Jesus foi à sinagoga no sábado, como era Seu costume. E descobrem que Cristo afirmou, em Mateus 24:20, que Seus discípulos estariam guardando o sábado quarenta anos após a cruz. Veem em Atos 13:42-44 que o apóstolo Paulo ensinou uma cidade inteira no dia de sábado. Encontram em Apocalipse 1:10 que o Senhor tem um dia. E leem em Lucas 6:5 que o sábado é o dia do Senhor. Leem o mesmo em Marcos 2:27 e 28 e em Mateus 12:8.

Esses cristãos perguntam: “Quem mudou o sábado?” Percebem que não foi Deus quem fez isso. Pois Ele declara: “Eu, o Senhor, não mudo” (Malaquias 3:6). Então, pesquisam a Bíblia e descobrem que Jesus não mudou o sábado, pois “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre” (Hebreus 13:8).

Os ensinamentos de Jesus são eternos. Certamente Ele não Se indisporia com a lei do Pai, tampouco daria aos discípulos poder para mudá-la. Atente para o comentário de Pedro às autoridades romanas: “É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens!” (Atos 5:29). A pergunta, então, é a seguinte: se Deus não mudou o sábado, se Jesus também não o fez, se os discípulos não tinham autoridade para isso, quem realizou essa alteração?

No livro do Apocalipse, capítulo 13, lemos acerca de um poder político-religioso simbolizado por uma besta que surge do mar. O mundo inteiro segue os enganos dessa besta. As imagens são fascinantes: “Vi uma besta que saía do mar. Tinha dez chifres e sete cabeças, com dez coroas, uma sobre cada chifre, e em cada cabeça um nome de blasfêmia” (Apocalipse 13:1).

Besta, na Bíblia, é equivalente a um rei ou reino (Daniel 7:17, 23). Pode se tratar de um poder político ou religioso. A besta de Apocalipse 13 sai do mar. O mar representa povos ou nações (Apocalipse 17:15). Esse poder é



classificado como blasfemo. Na Bíblia, a blasfêmia ocorre quando um poder terreno assume os privilégios e prerrogativas de Deus.

Um dos aspectos da blasfêmia é afirmar possuir autoridade suficiente para mudar a lei escrita com o próprio dedo de Deus. E aqui está o motivo: se um poder terreno tem autoridade para mudar a lei de Deus, ele deve ser maior do que o poder que originou a lei em primeira instância. Se a lei de Deus é a base eterna do Seu governo, a tentativa de mudar a lei constitui um ataque ao doador da lei. Qualquer tentativa de modificar a lei divina exalta o responsável pelas mudanças acima de Deus, e isso é blasfêmia.

Em Apocalipse 13:2, vemos uma descrição desse poder: “A besta que vi era semelhante a um leopardo, mas tinha pés como os de urso e boca como a de leão. O dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade.”

Para entender as coisas que acontecerão no futuro, é imprescindível compreender a simbologia do leão, do urso, do leopardo e do dragão. Também é necessário entender que a batalha entre o bem e o mal no Universo é uma luta relativa à adoração. Ela se concentra na lei de Deus. O sábado está no centro desse conflito.

Entendendo as imagens do Apocalipse

Para entender o Apocalipse, é preciso, em primeiro lugar, compreender Daniel. As profecias de Daniel e do Apocalipse têm uma ligação. Voltemos então a Daniel 7. Lá podemos ver as mesmas imagens usadas em Apocalipse 13: o leão, o urso, o leopardo e o dragão. Em Daniel 7, existe a descrição de um poder que se levantaria nos primeiros séculos da era cristã. Ele uniria a igreja e o estado.

Esse poder religioso usurparia a autoridade de Deus. Alegaria ter poder para mudar a lei de Deus. Vamos descobrir quem é esse poder, onde ele surgiu e o que fez.

Pesquiseemos as profecias da Bíblia que predizem sobre esse poder que tentaria mudar a lei de Deus. Abramos as páginas da história e leiamos suas próprias declarações alegando ter autoridade para mudar o sábado do Senhor.

*O sábado tem
um papel central
no conflito sobre
a verdadeira
adoração*



Ao continuar a ler, você compreenderá, talvez pela primeira vez, as questões centrais nesse conflito sobre adoração e verá por que o sábado é tão importante para Deus. Você também entenderá como o domingo entrou na igreja cristã. É uma jornada maravilhosa quando comparamos as profecias bíblicas com a história.

Certa noite, o profeta Daniel teve um sonho. Esse sonho é descrito em Daniel 7:2 e 3: “Em minha visão à noite, eu vi os quatro ventos do céu agitando o grande mar. Quatro grandes animais, diferentes uns dos outros, subiram do mar.”

O que esses animais representam na profecia bíblica? “Os quatro grandes animais são quatro reinos que se levantarão na terra” (verso 17). “Ele me deu a seguinte explicação: ‘O quarto animal é um quarto reino que aparecerá na Terra’” (verso 23). Esses quatro animais representavam quatro reinos que dominariam o mundo.

Em Daniel 7, esses quatro grandes impérios governando sobre o mundo inteiro são apresentados ou descritos como animais selvagens. Em Daniel 2, os mesmos impérios são retratados como metais de valor e força diferentes.

Em Daniel 2, Nabudonosor, rei da Babilônia, sonhou com uma grande estátua. Essa estátua tinha cabeça de ouro, peito e braços de prata, quadris de bronze, pernas de ferro e pés de ferro e barro. Não precisamos adivinhar o significado dessa estátua gigante composta por quatro metais. A Babilônia, o primeiro desses quatro reinos, foi mencionada por nome de forma direta por Daniel (versos 37-40). Ele também nomeia o império que destronaria Babilônia: a Média-Pérsia (Daniel 5:28-30). E a nação que derrubou a Média-Pérsia foi a Grécia (Daniel 8:20, 21). Os quatro metais da imagem representam quatro poderes mundiais: Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma.

A imagem tinha pés de ferro misturado ao barro, representando a Europa dividida, e uma pedra, sem auxílio de mãos, se soltou e despedaçou a estátua. Essa pedra simboliza Jesus, a Rocha Eterna, que um dia destruirá os reinos deste mundo e estabelecerá um reino eterno.

Analisemos cuidadosamente o capítulo 7 de Daniel, para ver como as figuras dos animais representam essas nações antigas. À medida que essas bestas proféticas passam pela linha do tempo, podemos observar o desdobrar da história.

O primeiro animal era semelhante a um leão com asas de águia. Diz o relato: “O primeiro parecia um leão, e tinha asas de águia. Eu o observei e, em certo



momento, as suas asas foram arrancadas, e ele foi erguido do chão, firmou-se sobre dois pés como um homem e recebeu coração de homem” (Daniel 7:4).

Babilônia se encontrava localizada dentro do que hoje é o Iraque, a cerca de 95 quilômetros ao sul de Bagdá. Quando arqueólogos estavam realizando escavações no Iraque, encontraram a figura de um leão alado claramente entalhada nos muros de Babilônia, que eram feitos de tijolos.

O leão com asas de águia era um símbolo comum e muito conhecido de Babilônia. Na verdade, o profeta Jeremias (4:7), ao falar sobre a Babilônia, diz o seguinte: “Um leão saiu da sua toca, um destruidor de nações se pôs a caminho.” Jeremias diz que a destruidora de nações, Babilônia, iria a Jerusalém para destruí-la. O leão com asas de águia era um símbolo comum de Babilônia no mundo antigo. Na época de Daniel, esse reino era um poder gigantesco, que dominava o mundo.

Depois, outra nação se levantaria. Babilônia não governaria o mundo para sempre. “A seguir, vi um segundo animal, que tinha a aparência de um urso. Ele foi erguido por um dos seus lados, e na boca, entre os dentes, tinha três costelas. Foi-lhe dito: ‘Levante-se e coma quanta carne puder!’” (Daniel 7:5). Note agora que o segundo império é semelhante a um urso que se ergue por um dos seus lados. A Média-Pérsia destronou Babilônia.

O urso da Média-Pérsia, erguendo-se por um de seus lados, representa os persas, que derrubaram primeiro Babilônia para, em seguida, dominar os medos. O que o urso tem na boca? Três costelas. Quando a Média-Pérsia conquistou o mundo, ela conquistou primeiro Babilônia, depois foi em direção ao norte, onde conquistou Lídia e, em seguida, para o sul, onde dominou o Egito. A profecia bíblica é extremamente precisa. E isso é fantástico!

Um terceiro império se levanta: “Depois disso, vi um outro animal, que se parecia com um leopardo. Nas costas tinha quatro asas, como as de uma ave. Esse animal tinha quatro cabeças, e recebeu autoridade para governar” (verso 6). Os gregos derrotaram os medos e os persas.

Alexandre, o grande, e seu exército grego conquistaram o mundo rapidamente. Se você quisesse descrever uma conquista rápida, que animal escolheria? Um que se movesse de forma bem ágil: o leopardo. Mas, se você quisesse falar sobre uma conquista extremamente rápida, rápida mesmo, o que poderia fazer com seu leopardo? Colocar asas nele!

Deus colocou asas nesse leopardo para descrever as ágeis conquistas de Alexandre, o grande. Por que quatro cabeças? Observe novamente a precisão

da profecia bíblica: Alexandre, o grande, morreu muito jovem, aos 36 anos. As quatro cabeças do leopardo representam os quatro generais de Alexandre que dividiram o império: Cassandro, Ptolomeu, Seleuco e Antígono. Os quatro generais de Alexandre governaram exatamente como a Bíblia predisse.

As Escrituras descrevem um quarto império: “Em minha visão à noite, vi ainda um quarto animal, aterrorizante, assustador e muito poderoso. Tinha grandes dentes de ferro, com os quais despedaçava e devorava suas vítimas, e pisoteava tudo o que sobrava. Era diferente de todos os animais anteriores e tinha dez chifres” (verso 7).

Fica bem claro que esse quarto animal representa o Império Romano. Esse período nos leva ao tempo de Cristo. Foi um decreto romano que levou José a Belém, cidade em que nasceu Jesus. Foi Pôncio Pilatos, um romano, quem julgou Jesus. Foi um soldado romano que pregou Jesus na cruz. Roma dominava o mundo nos dias de Cristo. O cristianismo nasceu e cresceu dentro do Império Romano. A Bíblia descreve o colapso desse império de forma clara através do símbolo dos pés da imagem e dos chifres do quarto animal.

A imagem de Daniel 2 possuía pés de ferro e barro, representando a Europa dividida. O quarto animal tinha dez chifres. Roma foi dividida em dez territórios principais. As tribos bárbaras varreram o império, saquearam e levaram espólios, destruindo vilas e ocupando cidades. O Império Romano foi dividido. As tribos bárbaras o seccionaram em pequenos reinos. Os anglo-saxões se estabeleceram na Inglaterra. Os francos, no território da França. Os germânicos, na região da Alemanha. E outras tribos do norte se espalharam pelo império, dividindo o território mais ou menos da forma como vemos hoje. Essas divisões representam os dez chifres do quarto animal.

Em seguida, Deus revela como a apostasia se infiltraria na igreja no tempo em que o Império Romano estava sendo devastado pelas tribos bárbaras do norte.

O misterioso chifre pequeno

A profecia em Daniel 7 revela claramente o conflito em torno da adoração e mostra de forma precisa como o sábado foi mudado. Enquanto Daniel, em visão, via esses dez chifres, algo surpreendente apareceu: “Enquanto eu considerava os chifres, vi outro chifre, pequeno, que surgiu entre eles; e três dos primeiros chifres foram arrancados para dar lugar a ele. Esse chifre possuía olhos como os olhos de um homem e uma boca que falava com arrogância” (verso 8).



A Bíblia afirma que esse chifre pequeno surgiu e era diferente dos demais. Quem é esse chifre pequeno que se levanta sobre os outros dez? Procuremos descobrir algumas coisas que a Bíblia diz sobre esse misterioso chifre pequeno.

Em primeiro lugar, ele surge no meio dos dez primeiros. Se os dez chifres são as divisões de Roma, o chifre pequeno necessariamente surge na Europa ocidental. Ele não surge na Ásia, África, América do Norte ou do Sul. Suas raízes podem ser encontradas em solo europeu.

Em segundo lugar, a Bíblia diz que esse chifre pequeno surgiria depois dos dez chifres. Ele não aparece no tempo da Babilônia, Média-Pérsia, Grécia ou Roma. Surge após a queda do Império Romano. É um poder que se levanta a partir de Roma, nos primeiros séculos.

Em terceiro lugar, a Bíblia também afirma que esse chifre pequeno tem olhos como os de um homem. O que isso representa? Você sabe como um profeta é chamado na Bíblia? Nas Escrituras, os profetas são chamados de “videntes”, porque eles veem com os olhos de Deus. Os olhos de homem não representam a sabedoria divina, mas a humana. É um sistema religioso baseado em ensinamentos de homens que surgiria de Roma.

Nenhum poder humano tem autoridade para modificar a lei de Deus

Observe que a Bíblia diz, no verso 24, que esse chifre é diferente de todos os outros. Essa é a quarta pista para compreender o chifre pequeno. Todos os poderes antes dele – Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma – constituíam poderes políticos. Esse é diferente. Não se trata de um poder político em primeira instância; é um poder religioso, um poder político-religioso.

O que esse poder faria? Ele tentaria mudar a própria lei de Deus. Olhe o que a Bíblia diz no verso 25: “Ele falará contra o Altíssimo, oprimirá os Seus santos e tentará mudar os tempos e as leis.” Você consegue imaginar uma maneira melhor de falar “contra o Altíssimo” do que através de uma tentativa de mudar a lei de Deus, especialmente o sábado?

Esse poder tentaria modificar a própria lei de Deus. O texto não está falando sobre mudança de leis de impostos ou políticas. Quando uma nação

sucedo outra, quase sempre as leis humanas são alteradas. Mas esse chifre pequeno falaria contra o Altíssimo, assumindo as prerrogativas de Deus e tentando mudar as leis divinas.

Note que a Bíblia não afirma que ele podia mudar essas leis; podia apenas *tentar* modificá-las. Nenhum poder terreno, por mais poderoso que alegue ser, tem autoridade para mudar a lei de Deus. Mas esse poder pensaria possuir tal autoridade.

A profecia de Daniel prediz que um grande poder religioso se levantaria a partir do antigo Império Romano. Esse poder seria pequeno a princípio, mas se tornaria extremamente poderoso. Ele alegaria ter autoridade para modificar até mesmo a lei de Deus. O que ocorreu?

Na tentativa de agradar os pagãos que estavam entrando na igreja em grande quantidade e de tornar o cristianismo mais aceitável ao império, esse poder romano procurou modificar a lei de Deus. A mudança do sábado ocorreu de forma gradual, durante um longo período no tempo. Ela resultou de uma série de fatores sociais e religiosos.

O Dr. John Eadie nos ajuda a entender as raízes dessa mudança em sua enciclopédia bíblica. Ele afirma: “O domingo foi o nome dado pelos pagãos ao primeiro dia da semana porque era o dia no qual eles adoravam o Sol.”¹ A adoração ao Sol era comum no Egito, Babilônia, Pérsia e Roma.

No 4º século, o imperador romano Constantino também era influenciado pela adoração do Sol. Ele desejava unir seu império. Como poderia conseguir tal façanha? Constantino promulgou um decreto para promover um dia comum de descanso em toda a extensão do império. Sua intenção clara era promover a união entre pagãos e cristãos em seu reino.

O decreto do imperador data de 321 d.C. Ele ordena: “Que os juízes e o povo das cidades, bem como os comerciantes, repousem no venerável dia do Sol.” Constantino chama o domingo de “venerável dia do Sol”. Ele declarou que os estabelecimentos comerciais deviam ser fechados.

Na época de Constantino, a igreja e o estado se uniram numa tentativa de cristianizar os pagãos e unir o império. O governo romano e a igreja romana se uniram. A declaração a seguir é fantástica, e foi publicada em março de 1894 por *The Catholic World*: “O Sol era o deus mais importante entre os pagãos. [...] Existe, de fato, algo real no Sol que faz dele uma representação adequada de Jesus, o Sol da Justiça. Portanto, a igreja desses países parece ter dito: ‘Mantenhamos o velho nome pagão. Ele deve permanecer consagrado,



santificado.' E assim, o domingo pagão, dedicado a Balder, se tornou o domingo cristão, consagrado a Jesus.”²

Conseguiu perceber como tudo aconteceu? Observou como o domingo entrou na igreja? Constantino desejava unir seu império e os líderes da igreja romana queriam converter os pagãos. O domingo se tornou o meio para realizar ambas as coisas. Portanto, o sábado bíblico foi mudado pela igreja romana e pelo estado.

Existe outra questão em jogo aqui. A igreja romana queria se distanciar do judaísmo. Havia um sentimento antisemita no Império Romano. Isso contribuiu para a mudança do sábado para o domingo como dia de adoração.

O Concílio (Sínodo) de Laodiceia, realizado por volta de 363 ou 364 (as datas variam), registra a primeira proibição à guarda do sábado bíblico. Bispos se reuniram em Laodiceia e decretaram: “Os cristãos não devem judaizar” (ou seja, não devem guardar o sábado) “e permanecer ociosos durante o sábado”.³

Através desse decreto, o concílio da igreja estava dizendo: “Estamos proibindo os cristãos de descansar durante o sábado. Eles devem trabalhar nesse dia.” Já o domingo deveria ser honrado de forma especial. Se os cristãos fossem encontrados “judaizando” (guardando o sábado), seriam “excluídos de Cristo”.⁴

Encontramos aqui um concílio da igreja que se uniu com o governo romano para tentar mudar a autoridade do sábado para o domingo. A mudança do sábado ocorreu gradualmente, à medida que os cristãos se distanciaram dos judeus e que os líderes da igreja e do estado deram as mãos para unir o império.

Responsabilidade pela mudança

Daniel 7:25 diz que um poder vindo de Roma tentaria mudar a lei do Senhor. Deus nos diz para ficarmos alerta! Existem várias declarações de fontes católicas romanas que reconhecem a igreja como responsável pela mudança do sábado. A obra *The Convert's Catechism of Catholic Doctrine* explica esse fato da seguinte maneira:

Pergunta: Qual é o terceiro mandamento?

Resposta: O terceiro mandamento é: Lembra-te do dia de sábado para o santificar.

Pergunta: Qual dia é o sábado?

Resposta: O sábado é o sétimo dia da semana.



Pergunta: Por que observamos o domingo em vez do sábado?

Resposta: Observamos o domingo em vez do sábado porque a Igreja Católica transferiu a solenidade do sábado para o domingo.⁵

Você pode estar se perguntando por que essas afirmações do catecismo da Igreja Católica se referem ao mandamento do sábado como terceiro mandamento, em vez do quarto. Isso se deve simplesmente ao fato de que a igreja eliminou o segundo mandamento, que diz respeito a imagens de escultura e dividiu o décimo mandamento (“Não cobiçarás”, Êxodo 20:17) em dois: “Não cobiçarás a mulher do teu próximo” e “Não cobiçarás os bens do teu próximo”. Dessa maneira, eles continuam sendo dez mandamentos.

A lei de Deus foi mudada pela Igreja Católica Romana nos séculos 4º e 5º. Isso não é segredo algum. A igreja reconhece abertamente esse fato. Em sua edição de 23 de setembro de 1893, o periódico *The Catholic Mirror* afirmou: “A Igreja Católica, mais de mil anos antes da existência do protestantismo, em virtude de sua divina missão, mudou o dia de sábado para o domingo.”⁶

A *Enciclopédia Católica* acrescenta: “A igreja, por sua vez, depois de mudar o dia de descanso do sábado judeu, ou o sétimo dia da semana, para o primeiro, fez o terceiro mandamento se referir ao domingo como o dia de guarda a ser observado como dia do Senhor.”⁷ Aqui a igreja declara abertamente ter mudado o sábado.

A Igreja Católica de Santa Catarina, em Algonac, Michigan, publicou a seguinte declaração em seu boletim de 21 de maio de 1995: “Talvez a decisão mais ousada e mais revolucionária tomada pela igreja tenha acontecido durante o 1º século. O dia santo, o sábado, foi transferido do sétimo dia para o domingo. [...] Não por qualquer direcionamento encontrado nas Escrituras, mas pelo senso da igreja de seu próprio poder.”⁸

Karl Keating, um destacado escritor católico dos Estados Unidos, direcionou seu desafio aos protestantes: “Fundamentalistas se reúnem para adorar no domingo. No entanto, não existe nenhuma evidência na Bíblia de que a adoração coletiva deveria ser feita nesse dia. O sábado judaico, ou dia de descanso, é, obviamente, o sétimo dia da semana. Foi a Igreja Católica que decidiu ser o domingo o dia de adoração para os cristãos, em honra à ressurreição.”⁹

Esse autor católico está arrazoando com os protestantes. Ele diz que, se alguém quiser seguir a Bíblia, deve guardar o sábado. Então, argumenta que a Bíblia, por si só, não é um guia suficiente sem a autoridade e a interpretação da igreja.



O padre da Igreja de Santa Catarina, em Michigan, raciocina da mesma forma e afirma: “As pessoas que pensam que as Escrituras devem ser a única autoridade precisam, por questão de lógica, se tornar adventistas do sétimo dia e guardar o sábado como dia santo.”¹⁰

A questão central relacionada com a mudança do dia de guarda é a seguinte: a igreja possui autoridade para mudar a lei de Deus?

Se você aceita o domingo, está aceitando um dia baseado na autoridade da igreja. O argumento da Igreja Católica é o seguinte: aceitar o domingo significa aceitar a autoridade dessa igreja. Se você aceita a autoridade da Igreja Católica para mudar o sábado, com toda a honestidade, deveria ser católico.

O cardeal James Gibbons foi um dos mais importantes teólogos católicos do século 19. No livro *The Faith of our Fathers*, ele declarou: “Você pode ler a Bíblia do Gênesis ao Apocalipse e não encontrará uma única linha autorizando a santificação do domingo. As Escrituras defendem a observância religiosa do sábado.”¹¹

O monsenhor Segur esclarece esse assunto quando escreve: “Foi a Igreja Católica que, pela autoridade de Jesus Cristo, transferiu o descanso para o domingo em memória da ressurreição de nosso Senhor. Portanto, a observância do domingo pelos protestantes é uma homenagem prestada por eles, de inspiração própria, à autoridade da igreja.”¹²

*Quando amamos
de verdade a
Cristo, Ele é nossa
autoridade final*

A questão é muito maior do que apenas uma diferença entre dias. O ponto central é o seguinte: qual é o nosso guia? A Bíblia ou a tradição? Teria alguma igreja ou algum líder religioso, por qualquer motivo, a autoridade para modificar a lei de Deus, a qual foi escrita com Seu próprio dedo em tábuas de pedra? Deus concedeu a alguma igreja ou ser humano a autoridade para mudar Sua lei?

Absolutamente não! Deus declara: “Não violarei a Minha aliança nem modificarei as promessas dos Meus lábios” (Salmo 89:34). Portanto, o centro de toda a questão é a autoridade.

Existem pessoas espirituais e sinceras em todas as igrejas e denominações religiosas. A questão aqui não é julgar os motivos dos outros ou seu compromisso com Deus. Nosso assunto central é descobrir a verdade de Deus para nós e segui-la. Não é meramente uma questão de diferença de dias. É uma questão

de autoridade. Afinal, quem é o seu mestre? É Jesus ou são os líderes da igreja? Qual é o fundamento de sua fé? É a Bíblia ou o que os homens dizem?

Durante o século 16, na época da Reforma, Martinho Lutero argumentou perante os sacerdotes e prelados da Europa que a Bíblia e tão somente a Bíblia deveria ser a regra de fé e prática dos cristãos. Ele afirmou: “Minha consciência é cativa à Palavra de Deus.”

O Dr. Johann von Eck foi o brilhante teólogo católico designado pela igreja para debater com Lutero. Um dos argumentos que o Dr. Eck usou contra Martinho Lutero estava relacionado ao sábado. Ele sugeriu que “a autoridade da igreja não pode, portanto, ser limitada à autoridade das Escrituras, pois a igreja mudou o dia de guarda do sábado para o domingo não por uma ordem de Cristo, mas por sua própria autoridade”.¹³

A questão que envolve o sábado está relacionada à autoridade. O argumento do Dr. Eck contra a famosa declaração de Lutero sobre a autoridade da Bíblia e da Bíblia somente (*sola Scriptura*) era simples. A tradição coloca a Bíblia de lado e o fato de que Lutero aceitava o domingo era prova suficiente para Eck de que Lutero não aceitava a Bíblia toda de forma completa, mas que, ao admitir o domingo, estava admitindo a autoridade da Igreja Católica Romana.

Quando amamos de verdade a Cristo, Ele é nossa autoridade final. Suas palavras são nosso guia. Algumas coisas estão no âmbito da opinião pessoal. Uma mudança na lei de Deus não. Negar o sábado bíblico, dado por Deus como sinal de Sua autoridade criadora, é algo que importa muito, meu amigo! Uma mudança na lei de Deus é assunto de extrema importância.

Prefiro seguir o que Deus deu a Adão e Eva no jardim do Éden. Prefiro seguir o que Deus ordenou a Moisés nos Dez Mandamentos. Prefiro seguir o exemplo do próprio Cristo. E você?

Muitos cristãos hoje estão acreditando num engano. As pessoas dizem: “Que diferença faz um dia? Todos os dias são iguais.” Com Deus, nem todos os dias são iguais. Um dia em especial foi abençoado por Ele. Um dia foi santificado. E Deus descansou nesse dia.

As questões com as quais estamos lidando se relacionam com autoridade e obediência. Nossas escolhas são:

- A Bíblia ou a tradição.
- Jesus ou líderes religiosos.
- A lei de Deus ou dogmas humanos.
- As instruções de Deus ou ensinamentos humanos.



- ♦ O jeito de Deus ou o jeito dos homens.

Existe uma pergunta que às vezes surge: “Você está sugerindo que todas as pessoas que guardam o domingo estão perdidas?”

Não. Quero deixar isso bem claro. Há muitos cristãos guardadores do domingo que amam a Jesus Cristo. Eles estão vivendo de acordo com a luz que conhecem. À medida que aprendem mais, estão dispostos a seguir a verdade. Em todo o mundo, milhares estão ouvindo o chamado de Deus e se colocando ao lado da verdade.

Jesus está convidando você hoje. Ele o está chamando para sair do meio da multidão. Ele o chama a segui-Lo. Cristo apela para que você aceite Sua Palavra como a base de sua fé. Diga, então, em seu coração: “Sim, Jesus, eu O seguirei completamente.” Por que não fazer o compromisso de segui-Lo agora mesmo?



¹ John Eadie (ed.), “Sabbath”, em *A Biblical Cyclopedia* (Londres: Charles Griffin, 1870).

² William L. Gildea, “Paschale”, *The Catholic World*, março de 1894, p. 809.

³ Cãnon 29 do Concílio de Laodiceia.

⁴ Ibid.

⁵ Peter Geiermann, *The Convert's Catechism of Catholic Doctrine* (1957), p. 50.

⁶ James Cardinal Gibbons, *The Catholic Mirror*, 23 de setembro de 1893.

⁷ Charles G. Herbermann et al., “Commandments of God”, *The Catholic Encyclopedia* (Nova York: The Universal Knowledge Foundation, 1908, 1913), v. 4, p. 153.

⁸ Leo Broderick, “Pastor's Page”, *Sentinel* (Algonac, Michigan: Saint Catherine Catholic Church newsletter), 21 de maio de 1995.

⁹ Karl Keating, *Catholicism and Fundamentalism: The Attack on "Romanism" by "Bible Christians"* (San Francisco: Ignatius, 1988), p. 38.

¹⁰ Leo Broderick, “Pastor's Page”, *Sentinel*, 21 de maio de 1995.

¹¹ James Cardinal Gibbons, *The Faith of our Fathers*, 34ª ed. (Baltimore: John Murphy, 1889), p. 111.

¹² Monsignor Segur, *Plain Talk about the Protestantism of To-day* (Boston: Patrick Donahoe, 1968), p. 225.

¹³ J. H. Holtzman, *Canon and Tradition*, citado por J. N. Andrews e L. R. Conradi, *History of the Sabbath and First Day of the Week*, 4ª ed. (Washington: Review and Herald, 1912), p. 589.

Capítulo 5



Um Antegozo da Eternidade

As perdas eram muitas de ambos os lados. O combate era intenso. Bombardeios pesados vindos da artilharia duravam o dia inteiro. O chão tremia violentamente devido aos golpes incessantes das forças aéreas do Eixo. As Forças Aliadas respondiam com mais fogo de sua parte. Exércitos rivais se encaravam por entre as trincheiras.

Joe, um soldado norte-americano de 18 anos de idade, se apoiou exausto na parede de terra da trincheira que ele acabara de cavar. O Sol estava se pondo. Outro dia se passara e ele ainda estava vivo. Era a véspera de Natal do ano de 1943. Pensamentos sobre o lar inundavam sua mente.

Mamãe, papai, seu irmão Tom, a irmã Alice... Torta de maçã saindo do forno, bolachas de passas feitas em casa, peru assado, presentes embrulhados em embalagens coloridas, a árvore de Natal, sorrisos, abraços, lenha queimando na lareira, chocolate quente, paz... Mas, naquele pesadelo chamado guerra, a morte o fitava nos olhos. “Paz na Terra e boa vontade aos homens” eram apenas fragmentos de sua imaginação.

O campo de batalha estava quieto agora. O ar estava frio e límpido. As estrelas cintilavam no céu iluminado pela Lua. Então ele ouviu algo. Seria mesmo música? Será que seus ouvidos o estavam enganando naquela véspera de Natal? Seria algum tipo de armadilha sutil? Alguma conspiração sinistra?

Os sons de uma familiar canção de Natal alegravam o ar noturno. Embora as palavras fossem em alemão, a melodia não deixava margem para dúvida: “Tudo é paz! Tudo amor! Dormem todos em redor. Em Belém Jesus nasceu.”



Os soldados alemães cantavam músicas de Natal a poucas centenas de metros, a plena vista. Devagar e cautelosamente a princípio, Joe saiu de seu buraco. Seu coração estava tocado. As emoções, afloradas. De repente, ele não conseguiu mais se conter. Espontaneamente, começou a cantar: “Tudo é paz! Tudo amor! Dormem todos em redor.”

Seus colegas norte-americanos começaram a cantar junto com ele. Em pouco tempo, vozes que horas antes gritavam os horrores da guerra agora ecoavam um coro de louvor. Os dois lados opostos se aproximaram. Eles se abraçaram, riram e cantaram. Por uma noite, foram irmãos. Partilharam da humanidade que tinham em comum. A luta parou. O bombardeio cessou. Os morteiros ficaram silentes. Naquela véspera de Natal, por um breve momento, inimigos se tornaram amigos.

De certa forma, reconheceram a verdade profunda expressa em Atos 17:24 e 26: “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da Terra, e não habita em santuários feitos por mãos humanas. [...] De um só fez Ele todos os povos, para que povoassem toda a Terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar.”

A essência da dignidade humana é a criação. O fato de que fomos criados de maneira única por Deus concede valor a cada ser humano. Deus é nosso Pai. Possuímos uma herança comum. Somos filhos e filhas do Rei do Universo. Pertencemos à mesma família. Somos irmãos e irmãs desenhados, formados e moldados pelo mesmo Deus.

A criação nos fornece um sentimento verdadeiro de valor próprio. O Criador do Universo nos formou. Cada um de nós é especial aos Seus olhos. Quando genes e cromossomos se uniram para formar a estrutura biológica única de sua personalidade, foi Deus quem deu o padrão. Não existe ninguém igual a você no Universo inteiro. Você é único, uma criação incomparável.

O evolucionismo é desumanizador. Se eu sou uma molécula de proteína ampliada, se sou simplesmente produto do mero acaso, se sou tão somente uma forma avançada da criação animal, a vida tem pouco significado. Passo a ser apenas uma pessoa em meio a mais de 6,5 bilhões que brigam por espaço num planeta chamado Terra.

A criação nos fornece um padrão moral para a vida. Fui criado por Deus e sou responsável diante dEle por minhas ações. Aquele que me fez requer que eu Lhe preste contas. Ele estabeleceu absolutos num mundo de relativismo moral.

O evolucionismo não fornece ética alguma para a vida. Como os seres humanos são animais avançados, o padrão mais elevado se torna a mente humana. A moralidade é determinada interiormente. Não existem verdades absolutas, nem padrões eternos para governar o comportamento.

A criação fornece um sentimento de esperança. O Deus que me criou me ama. Ele Se importa comigo e me guiará ao longo da vida.

A evolução olha para dentro de si para encontrar forças para as lutas da vida. A criação olha para fora, para um Deus amoroso e poderoso, que tudo sabe. Ela provê um senso de destino. O Deus que me criou e me ama preparou um lugar no Céu para mim. A morte não mais é uma longa noite sem aurora. A sepultura deixa de ser um buraco escuro no chão. Deus tem um novo amanhã glorioso planejado.

Para o evolucionismo, a morte marca o fim. Não existe amanhã. A criação fala de esperança. A evolução ecoa a morte. A criação fala de um futuro certo. A evolução ecoa o puro acaso. A criação responde as questões eternas da vida. De onde eu vim? Por que estou aqui? Para onde vou?

A evolução fornece uma visão distorcida da origem da vida, não tem resposta para seu propósito e deixa a alma vazia a respeito do destino final da existência. A criação nos une a Deus, estabelece nosso valor próprio e constrói laços entre toda a humanidade, pois cria uma ascendência comum. Inspira confiança em um Deus que Se importa. Liga-nos ao inexaurível poder de Deus e nos encoraja com a esperança de vida após a morte.

A criação e o sábado

Deus nos deu o sábado porque sabia que nosso mundo precisa desesperadamente da mensagem tranquilizadora da criação.

No meio do século 19, enquanto a hipótese evolucionista ganhava o mundo intelectual de forma avassaladora, Deus enviou uma mensagem de grande esperança. Ela pode ser encontrada em Apocalipse 14:6 e 7: “Então vi outro anjo, que voava pelo céu e tinha na mão o evangelho eterno para proclamar aos que habitam na Terra, a toda nação, tribo, língua e povo. Ele disse em alta voz: ‘Temam a Deus e glorifiquem-no, pois chegou a hora do Seu juízo. Adorem Aquele que fez os céus, a Terra, o mar e as fontes das águas.’”

Como chamamos Aquele que fez o céu, a Terra e o mar? Criador. O apelo final do Céu à humanidade, expresso no Apocalipse, o último livro da Bíblia, nos conclama a adorar o Criador.



A base de toda a adoração é o fato de que Deus nos criou. Ao aceitar o evolucionismo, você destrói a base para a adoração. João diz isso de forma sucinta através das seguintes palavras: “Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e por Tua vontade elas existem e foram criadas” (Apocalipse 4:11).

Ele é digno justamente porque criou. Se Deus não tivesse nos criado, se tivéssemos apenas evoluído e a vida fosse um acidente cósmico baseado no acaso e na seleção natural, não haveria motivo para adoração.

Numa era que acredita no evolucionismo, Deus concedeu o sábado como um símbolo externo de Sua autoridade e poder criador. O sábado é um lembrete semanal de que não pertencemos a nós mesmos. Deus nos criou. A vida não pode existir sem Ele. “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos” (Atos 17:28).

O sábado nos chama de volta às nossas raízes. Ele constitui uma ligação à nossa família de origem. É uma conexão ininterrupta através do tempo com nosso Criador. O sábado nos diz que não somos produto do tempo aliado ao acaso. Ele nos mantém concentrados na verdade gloriosa de que somos filhos de Deus. Convida-nos a um relacionamento íntimo com Ele.

Quando Schia tinha quatro anos, seu irmão mais novo nasceu. A pequena Schia começou a pedir aos pais que a deixassem sozinha com o novo bebê. Eles ficaram preocupados que ela estivesse com ciúme e fosse sacudir o bebê. Por isso, disseram não. Contudo, com o passar do tempo, Schia não demonstrava sinais de ciúme. Então, os pais mudaram de ideia e decidiram deixar a menina conversar em particular com o “bebê”. Feliz da vida, Schia entrou no quarto do irmãozinho e fechou a porta, mas ela se abriu um pouquinho, o suficiente para os pais curiosos espiarem e ouvirem. Eles viram a pequena Schia se dirigir em silêncio até o bebê, colocar o rostinho próximo ao dele e dizer: “Bebê, me diga como é Deus. Estou começando a me esquecer.”

A verdade é que todos nós temos a tendência de nos esquecermos. É por isso que Deus diz “lembra-te”. O sábado é uma lembrança semanal de como é Deus. Esse dia especial nos chama a um novo relacionamento com Ele.

Numa tentativa de destruir o caráter único de nossa criação, o diabo introduziu uma falsidade não muito sutil. Essa falsidade consiste na tentativa

*O sábado é
uma lembrança
semanal de
como é Deus*



de harmonizar a criação com a evolução. O raciocínio é mais ou menos o seguinte: Deus é o causador primário da criação, mas Ele precisou de longas eras para trazer o mundo à existência. Essa abordagem tenta conciliar os “dados científicos” com o relato de Gênesis. Afirma que os dias da criação são períodos longos e indefinidos.

Contudo, o ponto de vista evolucionista cria muito mais problemas do que resolve. Ele desconsidera completamente a declaração do salmista: “Mediante a palavra do Senhor foram feitos os céus, e os corpos celestes, pelo sopro de Sua boca. [...] Pois Ele falou, e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo surgiu” (Salmo 33:6, 9). Negligencia a afirmação clara de Hebreus 11:3: “Pela fé entendemos que o Universo foi formado pela palavra de Deus, de modo que aquilo que se vê não foi feito do que é visível.”

A Bíblia ensina que Deus criou a vida no mundo em seis dias literais de 24 horas cada e descansou no sétimo dia. A estrutura linguística de Gênesis 1 e 2 não dá espaço para nada diferente disso. A palavra hebraica para dia é *yom*. Em toda a Bíblia, cada vez que um numeral precede a palavra *yom* como um adjetivo, ele limita o intervalo de tempo a 24 horas. Não existe uma ocorrência sequer em toda a Bíblia de um numeral precedendo o substantivo *yom* e, ainda assim, *yom* indicar um período indefinido. Sem nenhuma exceção, sempre é um período de 24 horas. Aceitar a falsa ideia de períodos longos e indefinidos de criação é desafiar a linguagem precisa das Escrituras. É sobrepor nossa opinião pessoal sobre a estrutura gramatical da Palavra de Deus. Se Moisés, o autor de Gênesis, desejasse comunicar que o mundo demorou milhões de anos para evoluir, certamente teria empregado uma linguagem diferente.

Além do mais, se Deus não tivesse criado o mundo em seis dias literais, que significado teria o sábado como memorial da criação? O Senhor certamente não ordenaria: “Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. [...] Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou” (Êxodo 20:8, 11).

Não faria sentido deixar o sábado como um memorial eterno da criação em seis dias se o mundo não tivesse sido criado em seis dias. Aceitar a criação em longas eras significa desafiar a própria necessidade da existência do sábado. Equivale a desafiar a autoridade da Bíblia. É levantar sérias dúvidas sobre a integridade das Escrituras.

Satanás está desafiando a autoridade de Deus ao atacar o sábado. O descanso



no sétimo dia não é simplesmente um bom conselho. É um mandamento vindo do próprio trono de Deus. Desconsiderar o sábado de forma leviana, ou tratá-lo como qualquer outro dia, constitui a perda de um aspecto vital de nosso relacionamento de fé com Deus.

O sábado nos foi dado por um Criador amoroso, com o objetivo de nos unir a Ele. O ponto central do sábado é o relacionamento, o reconhecimento de que Deus é digno da nossa mais suprema devoção, nossa mais profunda fidelidade e lealdade completa.

O sábado e a salvação

Existe outra dimensão através da qual o sábado traz encorajamento a nosso cansado coração. Ele nos mostra que podemos descansar em Cristo para nossa salvação. O sábado é um símbolo do descanso de Deus, não de Suas obras. Trata-se de uma imagem significativa da justificação pela fé, e não do legalismo. É um grande chamado para confiarmos nEle e não em nós mesmos.

O escritor de Hebreus usa o sábado como ilustração desse descanso em Cristo. Ele declara: “Assim, ainda resta um descanso sabático para o povo de Deus; pois todo aquele que entra no descanso de Deus, também descansa das suas obras, como Deus descansou das Suas” (Hebreus 4:9, 10).

Entrar no verdadeiro descanso do sábado significa cessarmos de tentar criar a salvação com base em nossos próprios esforços. Deus nos salvou em Cristo. Quando Jesus entregou Sua vida na cruz de forma voluntária, Ele morreu a morte que nós merecíamos. Deu Sua vida perfeita como substituição por nossa vida pecaminosa. O sábado não é um símbolo de legalismo. Consiste numa lembrança eterna de que podemos descansar em Jesus para nossa salvação.

O descanso do sábado é um símbolo da experiência de fé em Jesus. É uma ilustração gráfica de nossa confiança nEle. Trabalhamos ao longo de toda a semana, mas descansamos no sétimo dia. Deixamos de lado nossas obras para descansarmos completamente em Cristo. Não precisamos trabalhar de forma estressante pela nossa salvação. Nossa vida não precisa se encher de culpa, medo e ansiedade. O sábado revela uma atitude de descanso. A salvação só provém de Jesus. Não a merecemos. Somos incapazes de conquistá-la. Nós a recebemos pela fé.

Quando Jesus bradou “Está consumado”, Ele fechou os olhos e morreu. A obra da redenção estava completa. Então, Ele descansou no sábado, como símbolo do trabalho completo, terminado.



No fim da semana da criação, Deus descansou. Seu trabalho de criar o mundo estava terminado. A cada sábado, ao descansarmos no último dia da semana, nós também declaramos: “Senhor Deus, estou descansando na obra completa de Cristo na cruz. Não trago nada em minhas mãos. Apenas me apego à cruz.”

Existe ainda outro simbolismo no sábado. O profeta Ezequiel afirma: “Também lhes dei os Meus sábados como um sinal entre nós, para que soubessem que Eu, o Senhor, fiz deles um povo santo” (Ezequiel 20:12).

Esse é outro motivo pelo qual Deus nos deu o sábado. Ele mostra que é o Senhor quem nos santifica. Como isso acontece? Bem, é isso que Deus fez com o sétimo dia. Era uma porção de tempo igual a todas as outras no fim da semana da criação, mas Deus separou esse dia em particular. Ele o santificou. E, por meio do sábado, o Senhor nos diz: “É isso que eu quero para você também. Quero separá-lo como um filho especial. Quero partilhar Minha santidade com você e santificá-lo.”

O sábado nos lembra que podemos desenvolver o caráter através do relacionamento com nosso Pai celestial e com Jesus Cristo. Ele constitui uma promessa viva e contínua da habilidade de Deus em nos ajudar a crescer durante os altos e baixos, as tragédias e os triunfos de nossa vida. Precisamos de um tempo separado com o Pai celestial. Precisamos do tempo de qualidade que é o sábado, dedicando-o ao Deus que nos santifica e nos ajuda a continuar crescendo.

O sábado representa de maneira bastante apropriada nosso relacionamento com Deus. Ele tem início no jardim do Éden, na criação, e vai até o jardim em que o Senhor transformará nosso planeta no fim dos tempos. Vai do paraíso perdido ao paraíso restaurado. Precisamos desse tipo de eternidade em nossa vida. Precisamos dessa segurança.

No sábado, encontramos uma percepção de descanso e alegria. Podemos entrar em contato com nossas raízes como filhos de Deus. Podemos crescer e amadurecer. Sim, precisamos desse tipo de lugar eterno que liga a plenitude de nosso ser a um relacionamento eterno com Deus.

Palácio no tempo

A revista *Seleções* publicou o seguinte a respeito do falecido Harvey Penick: “Para o velho profissional do golfe Harvey Penick, aos 90 anos de idade, o sucesso chegou tarde.” Seu primeiro livro de golfe, *O Pequeno Livro Vermelho de*



Golfe, vendeu mais de um milhão de cópias. Sua editora nos Estados Unidos, a Simon & Schuster, acredita que o livro é uma das obras esportivas mais vendidas de todos os tempos. A história da publicação do livro é fascinante. Harvey Penick certamente não o escreveu por causa do dinheiro.

Na década de 1920, Penick comprou um caderno vermelho em espiral e começou a anotar suas observações acerca do golfe. Ele nunca mostrou o caderno para ninguém durante 70 anos, a não ser para seu filho. Em 1991, Penick compartilhou as anotações com um escritor local e perguntou se ele achava que valeria a pena publicar o material. O escritor ficou entusiasmado. Ele entrou em contato com a editora Simon & Schuster imediatamente. Na noite seguinte, os editores chegaram a um acordo de um adiantamento de 90 mil dólares. O escritor, cheio de alegria, deu a notícia para a esposa de Penick.

Quando o escritor se encontrou com Penick naquela noite, o velho homem parecia transtornado. Algo o preocupava seriamente. Por fim, ele foi direto ao ponto. Com todas as suas despesas médicas, ele não teria condição de adiantar aquela quantia à Simon & Schuster para que o livro fosse publicado. Então, o escritor precisou explicar a Penick que seria ele quem receberia o dinheiro.

*O sábado nos convida
a entrar no descanso
celestial de Deus e
desfrutar um gostinho
do Céu hoje mesmo*

O adiantamento de 90 mil dólares lhe pertencia e ele nem sabia disso!

Através do sábado, Deus nos deu um “adiantamento” da eternidade. A cada sábado, o Céu toca a Terra da forma tão bela como o escritor judeu Abraham Heschel descreveu: “O sábado é um palácio no tempo.” Esse dia especial nos chama das coisas temporais para as coisas eternas.

O sábado nos convida a entrar no descanso celestial de Deus e desfrutar um gostinho do Céu hoje mesmo. Convida-nos para um relacionamento com nosso Criador que continuará durante toda a eternidade. O sábado é, na verdade, um adiantamento da eternidade. Existe muito mais por vir, mas esse dia especial é a primeira prestação.

Seria possível que, em meio à “correria”, milhões de pessoas estivessem perdendo uma das maiores bênçãos da vida? Será que em nossa busca desenfreada



pelas coisas estamos perdendo o mais importante, que é um relacionamento positivo com Deus e com as pessoas mais próximas a nós?

Você sente que Deus o está chamando a uma experiência mais íntima e profunda com Ele do que você havia imaginado? A paz do sábado o intima. O deleite da adoração no sábado o chama. A alegria da comunhão no sábado o convida. O próprio Jesus lhe dirige um convite pessoal para adorá-Lo no próximo sábado: “Venham a Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu lhes darei descanso” (Mateus 11:28).

Abra seu coração a Cristo agora mesmo! Peça que Ele satisfaça a fome interior de sua alma e lhe dê um antegoço da eternidade. Peça que abra seus olhos, para que você possa ver a beleza de uma comunhão renovada com Deus no sábado.

Capítulo 6



Respostas Para Suas Dúvidas

John era um cristão comprometido. Ele e a esposa eram cristãos fiéis. Desejavam fazer a vontade de Deus. Enquanto frequentavam uma série de reuniões que eu realizava sobre as profecias bíblicas, foram desafiados por novas verdades sobre as quais nunca tinham ouvido antes. As perguntas surgiam em grande quantidade na cabeça deles. O sábado bíblico era uma questão que os incomodava muito. Estavam convencidos de que aquela era a verdade da Bíblia, mas o pastor deles criou alguns questionamentos sérios em sua mente. Eles começaram a duvidar. Pareciam confusos e precisavam de respostas às suas indagações. As dúvidas desapareceram e eles descobriram a alegria e a bênção verdadeira de guardar o sábado.

Talvez você também tenha algumas perguntas a respeito do sábado bíblico. Talvez existam passagens nas Escrituras que você tenha dificuldade em compreender. A Bíblia fornece respostas claras para suas dúvidas. Na verdade, ao longo de toda a Bíblia, o Senhor nos convida a fazer perguntas, e Ele provê respostas sólidas em Sua palavra.

Jesus declarou: “Santifica-os na verdade; a Tua palavra é a verdade” (João 17:17). Pedro acrescenta: “Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês” (1 Pedro 3:15). O apóstolo Paulo aconselha Timóteo a ser alguém “que maneja corretamente a Palavra da verdade” (2 Timóteo 2:15).

Em outras palavras, conheça o ensino da Bíblia. Certifique-se de consultar todo o escopo dos ensinamentos bíblicos acerca de um assunto específico.



Não construa seu entendimento em um texto obscuro. Se você quer compreender verdadeiramente o que a Bíblia diz a respeito de determinado assunto, estude-o do Gênesis ao Apocalipse. Deixe o Espírito Santo falar à sua mente por meio dos ensinamentos das Escrituras.

Pergunte-se: “Qual é o peso da evidência sobre esse assunto? O que a maior parte das passagens ensina?” Nunca deixe que algo confuso para você se superponha ao que está claro. Se existe um texto que você não está conseguindo entender, deixe que outras passagens mais diretas o expliquem. Não despreze textos e passagens das Escrituras bem claros para se apegar a algo obscuro, na tentativa de defender uma doutrina que você aprendeu anteriormente.

Quatro princípios podem ser empregados para descobrir a verdade:

1. Abra a Bíblia com a mente aberta, disposto a fazer o que Cristo lhe pedir (João 7:17).

2. Peça que Deus envie o Espírito Santo à sua mente, a fim de lhe revelar a verdade (Mateus 7:7; João 16:13).

3. Compare todas as passagens relevantes sobre o mesmo assunto (1 Coríntios 2:13).

4. Aja de acordo com a verdade que Deus lhe revelar, e Ele lhe revelará mais verdades. Não espere por toda a verdade para começar a agir de acordo com a verdade que você já conhece (João 12:35).

Quando nos aproximamos da Bíblia com um coração sincero, Deus nos revela a verdade. Ele ilumina nossa mente e nos impressiona por meio de Seu Santo Espírito. Você pode ter dúvidas, mas Deus tem as respostas. À medida que você ler algumas das perguntas mais frequentes nas próximas páginas e as respostas bíblicas, peça que Deus lhe dê sabedoria e entendimento.

Você não está sozinho na busca pela verdade. Dezenas de milhares de outras pessoas tiveram dúvidas semelhantes e encontraram respostas sólidas na Palavra de Deus. Então, continue lendo!

Perguntas frequentes sobre a lei de Deus

1. Jesus não eliminou os Dez Mandamentos e estabeleceu um novo mandamento, o amor? Veja Mateus 22:37 e 39: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento. [...] Ame o seu próximo como a si mesmo.” Não é o amor a Deus e ao próximo tudo o que Jesus exige? Esses são os novos mandamentos.

Você pode ficar surpreso ao descobrir que Jesus estava resumindo a lei da



forma como foi dada no Antigo Testamento. Deuteronômio 6:5 declara: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração.” Levítico 19:18 acrescenta: “Ame cada um o seu próximo como a si mesmo.” O Deus do Antigo Testamento é um Deus de amor infinito (Jeremias 31:3). Em Mateus 22:40, Jesus afirmou: “Destes dois mandamentos [amar a Deus e ao próximo] dependem toda a Lei e os Profetas.” Os primeiros quatro mandamentos revelam como os seres humanos podem demonstrar seu amor a Deus de maneira tangível. Os últimos seis mostram como eles demonstram seu amor pelas outras pessoas. Jesus não veio “abolir a lei”, “mas cumprir” (Mateus 5:17). Ele revelou como guardar a lei em amor. Veio para ampliar o significado da lei. Jesus revela como o amor é o cumprimento da lei (Romanos 13:10). Ele acrescenta: “Se vocês Me amam, obedecerão aos Meus mandamentos” (João 14:15).

2. Paulo ensina que os cristãos salvos pela fé não precisam guardar a lei?

Paulo ensina que os cristãos são salvos pela graça através da fé, e não pela fé. A fé é a mão que aceita e pega a salvação oferecida livremente por Jesus. Ela não leva à desobediência, mas à obediência. Paulo afirma isso de forma bem clara: “Anulamos então a Lei pela fé? De maneira nenhuma! Ao contrário, confirmamos a Lei” (Romanos 3:31). Em Romanos 6:1 e 2, ele completa: “Continuaremos pecando [quebrando a lei] para que a graça aumente? De maneira nenhuma!”

*Jesus escreve
os princípios
da lei em
nosso coração*

3. É verdade que no Antigo Testamento as pessoas eram salvas por guardar a lei, enquanto no Novo Testamento a salvação acontece pela graça?

Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, a salvação é pela graça através da fé. Deus não possui dois métodos de salvação. Tito 2:11 afirma: “Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens.” No Antigo Testamento, as pessoas eram salvas pelo Cristo que havia de vir. Cada cordeiro sacrificado apontava para a vinda do Messias (Gênesis 3:21; 22:9-13). No Novo Testamento, as pessoas são salvas pelo Cristo que veio. Jesus Cristo é o único meio de salvação (Atos 4:12).

4. Como estamos debaixo da nova aliança, é mesmo necessário guardar a lei de Deus?

A nova aliança não é tão nova assim. Foi dada pelo próprio Deus no

jardim do Éden quando prometeu que o Messias viria para quebrar o domínio mortal de Satanás sobre a raça humana. A nova aliança contém a promessa de redenção dos pecados por meio de Jesus Cristo. Ele nos salva. Ele escreve os princípios da lei em nosso coração. O amor se torna a motivação para a obediência. Surge um novo poder na vida (Hebreus 8:10; Ezequiel 36:26; Salmo 40:8).

Debaixo da velha aliança, os israelitas prometeram obedecer aos mandamentos de Deus com toda a sua força. Eles declararam: “Faremos tudo o que o Senhor ordenou” (ver Êxodo 19:8; 24:3, 7). Mas falharam. Todas as tentativas de conformidade externa à lei de Deus levam a uma frustrante derrota. A lei que não podemos guardar com nossas próprias forças nos condena (Romanos 3:23; 6:23). Sob a nova aliança, pertencemos a um novo Mestre: Jesus Cristo. Temos um novo coração e um novo começo perante Deus (João 1:12; 2 Coríntios 5:17; Romanos 8:1).

5. Já que Paulo diz que ninguém deve nos julgar pela celebração dos “dias de sábado”, não seria a guarda do sábado desnecessária (ver Colossenses 2:16, 17)?

Esse texto (Colossenses 2:16, 17) é uma das passagens mais mal interpretadas da Bíblia. Um dos princípios de interpretação da Bíblia diz que não devemos permitir que algo obscuro o impeça de fazer o que você já entendeu. O ensinamento bíblico sobre o sábado é claro. Ele foi dado na criação (Gênesis 2:1-3). Jesus o observou (Lucas 4:16). Paulo o observou (Atos 13:42-44). E esse dia será guardado no Céu (Isaías 66:22, 23). A Bíblia menciona dois tipos de sábados: o sétimo dia e os sábados cerimoniais. O sábado semanal, o sétimo dia, foi instituído na criação e faz parte da lei dos Dez Mandamentos. É uma lembrança semanal de nosso Criador amoroso e onipotente. Os sábados cerimoniais se relacionam especificamente com a história de Israel.

Colossenses 2:16 e 17 diz especificamente: “Portanto, não permitam que ninguém os julgue [...] com relação a [...] dias de sábado. Estas coisas são sombras do que haveria de vir.” Hebreus 10:1 conecta a lei das sombras com o sacrifício de animais. Ezequiel 45:17 usa essa expressão exatamente na mesma ordem de Colossenses 2:16 e 17, e a relaciona ao sistema cerimonial de festas e sacrifícios (ofertas queimadas, ofertas de cereal, festas, luas novas e sábados), para fazer reconciliação pela casa de Israel.

Levítico 23:5-32 descreve os sábados cerimoniais (Páscoa, verso 5; pães sem fermento, verso 6; primeiros frutos, verso 10; festa das semanas, verso 17; trombetas, verso 24; Dia da Expiação, verso 27-32). Todos esses dias eram



chamados especificamente de sábados. Esses sábados cerimoniais estavam intimamente conectados aos eventos que prefiguravam a morte de Cristo e Sua segunda vinda. A linguagem de Levítico 23:37 é usada em Colossenses 2:16 e 17 para descrever esses sábados cerimoniais.

Em Levítico 23:38, vemos uma distinção entre os sábados cerimoniais e o sétimo dia por meio da seguinte expressão: “fora as do sábado do Senhor”. Desde que Cristo veio, os sábados da lei cerimonial, que funcionavam como sombras das coisas que haveriam de vir, encontraram seu cumprimento em Jesus. O sábado do sétimo dia continua a nos conduzir de volta ao Deus Criador que nos fez. O povo de Deus o guarda como um sinal distintivo de seu relacionamento com Ele (Apocalipse 14:12; Ezequiel 20:12, 20).

6. E Romanos 14:5? O apóstolo Paulo diz: “Há quem considere um dia mais sagrado que outro; há quem considere iguais todos os dias. Cada um deve estar plenamente convicto em sua própria mente.” É isso aí. Que diferença faz o dia?

Algumas vezes, ajuda observar com cuidado o que um texto da Bíblia não diz, assim como o que ele diz. Os versos 5 e 6 não mencionam nada acerca da adoração no sábado. Eles simplesmente falam acerca de um dia. Dizer, a partir disso, que esse dia em particular é o sábado é uma pressuposição sem garantias. Romanos 14:1 estabelece o tom do texto inteiro, indicando que a discussão se concentra em “assuntos controvertidos”, ou disputas sobre assuntos duvidosos. Seria o sábado, separado por Deus na criação (Gênesis 2:1-3), colocado no centro da lei moral (Êxodo 20:8-11), um assunto controvertido? Certamente não!

A chave para compreendermos essa passagem se encontra em Romanos 14:6, que diz: “Aquele que considera um dia como especial, para o Senhor assim o faz. Aquele que come carne, come para o Senhor, pois dá graças a Deus; e aquele que se abstém, para o Senhor se abstém, e dá graças a Deus.” O assunto debatido eram os dias de jejum, não os dias de sábado. Alguns cristãos judeus acreditavam que havia um mérito especial em jejuar durante determinados dias. Então, eles julgavam os outros a partir de seu próprio padrão. Os fariseus jejuavam pelo menos duas vezes por semana e se vangloriavam disso (Lucas 18:12). Em Romanos 14, Paulo está apontado para o fato de que jejuar ou não num dia em particular é uma questão de consciência individual, não um mandamento de Deus.

7. Os discípulos não se reuniam no primeiro dia da semana? Veja Atos 20:7.

O motivo pelo qual essa reunião é mencionada na narrativa é que Paulo estava indo embora no dia seguinte e operou um milagre poderoso ao



ressuscitar Êutico. Fica claro que essa reunião ocorreu à noite. É a parte escura do primeiro dia da semana (verso 8). Nos tempos bíblicos, a parte escura do dia precedia a parte clara (Gênesis 1:5). O sábado era observado do pôr do sol da sexta-feira ao pôr do sol do sábado (Levítico 23:32; Marcos 1:32). Se essa reunião ocorreu na parte escura do primeiro dia da semana, na verdade, foi uma reunião de sábado à noite. Paulo havia se reunido com os crentes durante todo o sábado. Ele partiria no dia seguinte, um domingo. Por isso, a reunião se estendeu até tarde no sábado à noite.

No dia seguinte, um domingo, Paulo viajou a pé para Assôs, de onde navegou até Mítilene. A versão de Atos 20:7 na Nova Tradução na Linguagem de Hoje também confirma essa reunião como ocorrida no sábado à noite, com Paulo viajando no domingo. Se Paulo considerasse o domingo um dia sagrado em honra à ressurreição, por que ele passaria o dia inteiro viajando, e não cultuando? O relato bíblico diz que Paulo guardava o sábado (Atos 13:42-44; 16:12, 13; 17:2; 18:4).

8. Podemos realmente saber qual é o sétimo dia?

Existem pelo menos quatro maneiras pelas quais podemos saber com certeza que o sábado é o sétimo dia.

- **A Bíblia:** Ela revela claramente que Jesus foi crucificado no dia da preparação (Lucas 23:54). Seus seguidores mais próximos descansaram conforme o mandamento no dia de sábado (Lucas 23:56; Marcos 16:1). A maior parte dos cristãos reconhece que Jesus morreu na sexta-feira, o dia da preparação, que Ele descansou no dia seguinte e ressuscitou no outro dia, o domingo. O sábado, o sétimo dia, é o dia entre a sexta-feira e o domingo.

- **Linguagem:** Em mais de 140 línguas do mundo, a palavra para o sétimo dia é equivalente a sábado. A linguagem testifica da preservação do sábado ao longo dos séculos.

- **Astronomia:** Os mais respeitados astrônomos do mundo confirmam o fato de que o ciclo semanal nunca sofreu alterações. Centros como o Observatório Naval dos Estados Unidos e o Observatório Real da Inglaterra afirmam que o ciclo semanal permanece constante.

- **História:** O povo judeu tem mantido um registro preciso dos sábados. Durante mais de quatro mil anos, os judeus têm preservado o verdadeiro sábado no sétimo dia.

9. Eu guardo o domingo em honra à ressurreição. Qual é o problema com isso? Jesus não ressurgiu dos mortos no domingo?



Sim, certamente Jesus ressuscitou no domingo. No entanto, Ele nunca ordenou que guardássemos o domingo em honra à Sua ressurreição. Assim como a cerimônia da Santa Ceia simboliza Sua morte (1 Coríntios 11:24, 26), o batismo simboliza Sua ressurreição (Romanos 6:1-6). O simbolismo da ressurreição de Jesus não é a adoração no dia do Sol, que foi adotada pelo cristianismo a partir da adoração pagã de Roma ao Sol, mas a bonita cerimônia do batismo como símbolo de uma vida nova, transformada pelo poder do Espírito Santo. Na sepultura das águas do batismo, o velho eu é simbolicamente morto e enterrado, enquanto uma nova vida ressurge em Cristo.

10. Separar um dia entre sete não é suficiente? Por que vocês dão tanta importância ao sábado?

A questão é mais do que uma simples diferença de dias. Trata-se de uma opção entre diferentes senhores. Através de um golpe de mestre de engano, Satanás agiu para modificar a lei de Deus (Daniel 7:25). Ele lançou a verdade por terra (Daniel 8:12). Fez uma fenda no muro da verdade de Deus. O Criador nos chama para reparar essa fenda através da observância do sábado (Isaías 58:12, 13).

Devemos obedecer a Deus, e não aos homens (Atos 5:29). Adorar no sétimo dia é aceitar a autoridade do Criador, que ordenou que esse dia deveria ser guardado (Êxodo 20:8-11). Aceitar de forma consciente um dia falso de adoração significa aceitar uma instituição humana. A pergunta real, então, é: “Somos servos de quem? De Deus ou dos homens?” (Romanos 6:16).

As celebrações realizadas um dia antes ou depois do meu aniversário não transformam qualquer desses dias em meu aniversário. O aniversário do mundo é o sábado bíblico, o sétimo dia. Ele é um memorial ao nosso Criador amoroso. Nenhum outro dia carrega o mesmo significado.

11. O que Jesus quis dizer quando disse a Pedro: “Sobre esta pedra edificarei a Minha igreja” (Mateus 16:18)?

Filipos, na Cesareia, era um centro da filosofia grega, lógica romana e religião judaica tradicional. Jesus Se colocou contra o pano de fundo dos grandes sistemas filosóficos e religiosos do mundo, perguntando: “Quem os outros

*O sábado é o
aniversário do
mundo e um
memorial a nosso
amoroso Criador*



dizem que o Filho do homem é?” (verso 13). Eles responderam: “João Batista”, “Elias”, “Jeremias” (verso 14). Então Cristo perguntou: “Quem vocês dizem que Eu sou?” (verso 15). Jesus queria aprofundar a fé dos Seus discípulos. Ele desejava extrair uma confissão messiânica. Pedro, então, respondeu instantaneamente: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (verso 16). Tal pensamento só poderia ter sido inspirado pelo Espírito Santo. Jesus confirmou a fé demonstrada por Pedro, declarando: “Você é Pedro [Petros, uma rocha móvel], e sobre esta pedra [esta fundação inamovível que sou Eu, o Cristo] edificarei a Minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la” (verso 18).

A igreja é construída sobre Cristo Jesus. Ele é a pedra fundamental rejeitada pelos construtores (1 Pedro 2:4-8). Pedro entendeu de forma clara que a Pedra era Jesus. Paulo esclarece o assunto em 1 Coríntios 10:4, ao proclamar: “Essa rocha era Cristo.” Davi declara: “A minha alma descansa somente em Deus; dEle vem a minha salvação. Somente Ele é a rocha que me salva” (Salmo 62:1, 2). Não existe outro alicerce a não ser Jesus (1 Coríntios 3:11). As portas do inferno nunca triunfarão sobre Sua igreja.

Pedro compreendeu erroneamente a missão de Jesus. Por isso, Jesus disse a ele: “Para trás de Mim, Satanás!” (Mateus 16:23). Cristo queria dizer que Satanás estava influenciando Pedro. Não, a igreja não foi construída sobre a fraqueza de Pedro, mas sobre a força de Jesus. Pedro teve a chance de descobrir maravilhosas verdades. Cristo, então, se tornou a Fonte de sua força, o Centro de sua vida e o Alicerce sobre o qual ele permaneceu firme.

Capítulo 7

Tempo de Renovação

Jonathan estava perplexo. Sua prova final havia sido marcada para o sábado. Fazer essa prova seria uma violação de sua consciência. Ele tivera um encontro com o professor, explicando a situação e pedindo a oportunidade de realizar a prova em outro dia. O professor recusou. Ele explicou que não havia exceções. Se permitisse que Jonathan fizesse a prova em outro dia, estaria abrindo a porta para pessoas que dessem qualquer desculpa. Jonathan tinha apenas duas opções: fazer a prova e passar na matéria ou faltar e ser reprovado.

Obviamente, Jonathan não queria perder o semestre inteiro. Não lhe agradava a ideia de ter que fazer novamente a matéria durante as férias de verão. Então orou a Deus com fervor para que as portas fossem abertas e ele pudesse fazer a prova em outro dia que não o sábado.

No dia da prova, um sábado, Jonathan caminhou calmamente até a igreja, acreditando que Deus honraria sua confiança. Existem situações nas quais Deus age de forma miraculosa e poderosa para demonstrar Sua grandeza. Depois da prova, o professor estava voltando para casa com as provas dos alunos seguramente guardadas em sua pasta, mas foi roubado. A única coisa que levaram foi a pasta com as provas. Ele não sofreu danos, mas a pasta com as provas se foi para sempre.

Como faltavam poucos dias para a formatura, o diretor da escola fez um anúncio surpreendente. Todos os alunos daquela classe receberiam nota suficiente para passar na prova. A nota final naquela disciplina seria a média das provas realizadas até o dia do exame final. Jonathan ficou cheio de gratidão ao Deus que ouviu sua oração e honrou sua fé.

A promessa de Deus aos Seus seguidores fiéis dos tempos bíblicos continua sendo verdadeira hoje. O nosso Senhor declara: “Honrarei aqueles que Me honram, mas aqueles que Me desprezam serão tratados com desprezo” (1 Samuel 2:30). As palavras das Escrituras ecoam através dos séculos. Elas falam conosco com a mesma força hoje. Não são menos verdadeiras agora do que quando foram escritas, milênios atrás.

“Todas estas bênçãos virão sobre vocês e os acompanharão, se vocês obedecerem ao Senhor, o seu Deus” (Deuteronômio 28:2). Deus promete Suas mais ricas bênçãos aos que Lhe obedecerem. Isso é especialmente verdadeiro para as pessoas comprometidas em guardar o sétimo dia, o sábado. Na criação, Deus abençoou o sétimo dia (Gênesis 2:3). Tudo o que Deus abençoa está abençoado para sempre (1 Crônicas 17:27). Como as bênçãos eternas de Deus foram dadas ao sábado, somos ricamente abençoados quando o guardamos (Isaías 56:2).

Como observar o sábado

Isso nos leva a algumas perguntas específicas: Como devemos guardar o sábado? Que tipos de atividades são incompatíveis com o sábado? Há coisas que podem impedir as bênçãos do sábado? Qual é o propósito de Deus para o sábado?

Deus não fornece uma lista de coisas a fazer e a não fazer durante o sábado. Ele não define cada detalhe da observância do sábado. Mas nos dá princípios de como fazê-lo de maneira apropriada. São esses princípios que nos guiam. Eles modelam nossa experiência sabática. Quando buscamos a Deus em oração, entregando nossa vontade a Ele, o Espírito Santo nos guia na rica experiência da guarda do sábado. Examinemos três princípios bíblicos que nos guiarão em nossa observância do sábado.

Princípio 1: *O sábado é um dia dedicado à adoração ao Criador.* A essência da guarda do sábado é a adoração. No sábado, juntamente com todas as hostes celestiais, proclamamos em alegria: “Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e por Tua vontade elas existem e foram criadas” (Apocalipse 4:11).

Fomos criados por um Deus de amor. A cada sábado, expressamos nossa gratidão a Ele adorando-O como Criador. Levítico 23:3 diz: “Em seis dias realizem os seus trabalhos, mas o sétimo dia é sábado, dia de descanso e de reunião sagrada.” O sábado é um “dia de reunião sagrada”, uma convocação santa do povo de Deus para adoração e louvor. Quando o povo de Deus se reúne



para cantar louvores ao Criador, estudar Sua Palavra, buscá-Lo em oração e ter comunhão uns com os outros, ele é ricamente abençoado.

Ao longo dos séculos, os judeus, o povo escolhido de Deus, adoraram o Criador a cada sábado. No Novo Testamento, Jesus nos deixou um exemplo positivo de guarda do sábado. O evangelista Lucas relata a prática sabática de Cristo da seguinte maneira: “Ele foi a Nazaré, onde havia sido criado, e no dia de sábado entrou na sinagoga, como era Seu costume. E levantou-Se para ler” (Lucas 4:16).

Para Jesus, o sábado era um dia de adoração e comunhão com Deus. Ele deixava Suas ferramentas na carpintaria de José em Nazaré todos os sábados para ir ao culto na sinagoga. A adoração no sábado era importante para o Salvador. Seu costume era adorar o Pai celestial, absorver Sua Palavra e comungar com Seu povo todos os sábados.

Os cristãos do Novo Testamento se reuniam a cada sábado para renovar sua força espiritual. Eles se encontravam para encorajar uns aos outros.

Todos os sábados, Deus nos convida a encontrar a mais profunda satisfação na adoração. O sábado é um pedacinho do Céu. Em Seu plano celestial, Deus nos permite vivenciar a eternidade a cada semana, enquanto desfrutamos da alegria da adoração no sábado. Durante esse dia, colocamos nossa prioridade na adoração, e não no trabalho. O sábado nos libera da dureza da labuta diária. Nesse dia, somos libertos do fardo de ganhar a vida para desfrutar do melhor da existência.

O quarto mandamento é claro demais para ser incompreendido. Deus sabia que, se Ele nos desse apenas um bom conselho, muitos de nós o ignoraríamos. Portanto, deu-nos um mandamento: “Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum” (Êxodo 20:8-10). Deus diz “lembra-te”, mas a maior parte do mundo se esqueceu. Nenhum outro dia pode substituir o sábado, porque ele é o único

*O sábado nos convida
a encontrar nosso
valor próprio não
naquilo que fazemos,
mas naquilo que
somos*



dia que Deus santificou. Priorizar o trabalho em vez da adoração constitui uma corrupção do dia que Deus santificou. É uma desonra a Deus.

Jesus disse: “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (João 8:32). A verdade acerca da adoração do sábado nos libera do fardo incessante do trabalho contínuo. Todos os sábados, somos lembrados por um Deus todo-poderoso e Criador amoroso que nosso valor intrínseco não depende do quanto realizamos. Somos chamados do trabalho para a adoração.

Milhões de pessoas encontram sua identidade naquilo que fazem. Seu trabalho as define. O sábado nos convida a encontrar nosso valor próprio não naquilo que fazemos, mas naquilo que somos. O sábado constitui uma lembrança semanal que aponta para nosso valor eterno aos olhos de Deus.

Durante a Revolução Francesa ateísta, com o início da chamada Era da Razão, os franceses adotaram o que denominaram de “calendário republicano” francês, ou “calendário revolucionário”. Esse calendário foi usado durante doze anos na França: de 1793 a 1805. Ele erradicou o ciclo semanal de sete dias, aboliu o dia de culto e criou uma semana de dez dias. Todas as pessoas trabalhavam durante nove dias e tinham um dia de descanso e diversão no décimo.

Napoleão Bonaparte aboliu esse calendário revolucionário com sua semana de dez dias e exigiu que a França retornasse ao ciclo semanal de sete dias. Os trabalhadores franceses não estavam se adaptando bem a esse novo calendário com nove dias de trabalho e um de descanso. Existe um ritmo natural no ciclo semanal de sete dias que leva à adoração de nosso Criador. Ignorar o ciclo semanal edênico, dado na criação, nos torna vulneráveis a colapsos físicos, mentais e emocionais. Deus nos criou para Ele mesmo. O compromisso de santificar o sábado faz uma diferença enorme em nossa vida.

Ao viajar por mais de setenta países compartilhando Jesus e as verdades de Sua Palavra, tenho visto milhares tomarem a decisão de seguir a Deus e santificar o sábado. Algumas dessas pessoas passaram por verdadeiros testes para conseguir guardar o sábado. Muitas foram ameaçadas com a perda do emprego. O patrão lhes disse de forma seca que, se não aparecessem para trabalhar no sábado, seriam demitidas. Vez após vez, tenho visto Deus operar milagres.

Sandra era uma trabalhadora do correio em Illinois. Embora ela já trabalhasse ali havia anos e tivesse conquistado uma posição estável, seu supervisor a ameaçou de perder o cargo se ela não fosse trabalhar aos sábados. Começamos a orar por Sandra com grande fervor. De maneira miraculosa,



o supervisor de Sandra mudou sua posição inicial. Ela continuou no emprego e conseguiu os sábados livres.

Roger passou a fechar seu comércio no sábado. Como ele conseguia cerca de 30% do faturamento nesse dia, seus amigos pensaram que ele estava maluco. Eles realmente chegaram a acreditar que Roger perdera a razão. Ele colocou uma placa na janela da loja que dizia: “Fechado para o sábado bíblico”. As primeiras semanas foram difíceis. As vendas caíram. Contudo, surpreendentemente, elas voltaram a subir de maneira gradual. Ele descobriu que Deus é fiel. A questão do trabalho no sábado está relacionada à confiança. Confiamos em Deus o suficiente para colocar completamente nossa vida em Suas mãos? Acreditamos que Ele cuidará de nós se Lhe formos fiéis?

A decisão de não trabalhar aos sábados é extremamente difícil para muitas pessoas. Temos a prestação da casa própria ou o aluguel para quitar, prestação do carro, conta do cartão de crédito e diversas outras despesas a serem pagas. Deus nem sempre nos concederá um emprego que nos pagará um salário melhor, mas, quando decidimos ser fiéis, Ele sempre suprirá nossas necessidades. Além disso, Ele sempre nos preenche com uma sensação de contentamento quando fazemos o que é correto. A honra de Seu trono está por trás de todas as promessas que Ele fez.

Princípio 2: *O sábado é um dia separado para renovação física, mental e espiritual.* Os israelitas se afastaram de Deus quando desonraram o sábado. Nos dias do profeta Neemias, as atividades comuns da vida competiam com a santidade do sábado. Os israelitas haviam sido influenciados por seus vizinhos pagãos. Neemias descreve a cena da seguinte maneira: “Naqueles dias vi que em Judá alguns trabalhavam nos tanques de prensar uvas no sábado e ajuntavam trigo e o carregavam em jumentos, transportando-o com vinho, uvas, figos e todo tipo de carga. Tudo isso era trazido para Jerusalém em pleno sábado. Então os adverti que não vendessem alimento nesse dia” (Neemias 13:15).

Neemias estava preocupado. O sábado do Senhor se tornara um dia comum. O dia que nosso Criador separou para renovação física, mental e espiritual se transformara num dia de trabalho exaustivo. O dia de libertação do cativo da compra e venda, do trabalho e ganho havia se deteriorado em um dia de negócios. Neemias não podia permanecer calado. Suas palavras ecoaram como um trovão pelas ruas de Jerusalém. “Diante disso, repreendi os nobres de Judá e lhes disse: Como é que vocês podem fazer tão grande mal,



profanando o dia de sábado?” (verso 17). O princípio é claro. Quando ficamos tão absorvidos com as coisas terrenas que nos esquecemos das eternas, profanamos o sábado.

O livro de Isaías acrescenta o seguinte ensinamento: “Se você vigiar seus pés para não profanar o sábado e para não fazer o que bem quiser em Meu santo dia; se você chamar delícia o sábado e honroso o santo dia do Senhor, e se honrá-lo, deixando de seguir seu próprio caminho, de fazer o que bem quiser e de falar futilidades, então você terá no Senhor a sua alegria, e Eu farei com que você cavalgue nos altos da terra” (Isaías 58:13, 14). Em outras palavras, seremos abundantemente abençoados.

Quando me tornei cristão, eu jogava basquete no time da minha escola de ensino médio em Norwich, Connecticut. Nosso time se classificou para o campeonato da Nova Inglaterra. Isso era algo incrível para um grupo de adolescentes de uma cidade pequena. O torneio estava marcado de quinta a domingo em Springfield, Massachusetts, o que significava jogar no sábado e deixar de ir ao culto. Eu havia começado a entender o significado do sábado bíblico e de ir à igreja aos sábados. Para mim, transgredir o sábado significava desobedecer a Cristo. O sábado era o símbolo da minha lealdade ao Deus que eu servia. Tive que encarar uma decisão extremamente difícil. Deveria ficar em casa e guardar o sábado ou viajar com meu time de basquete e fazer aquilo que eu, naturalmente, queria? Minha mente começou a fazer racionalizações. “Qual é o problema de jogar essa única vez?” Mas, lá dentro do meu ser, eu sabia que viajar para aquele torneio de basquete e negligenciar o sábado como dia do Senhor seria uma violação da minha consciência.

Eu queria muito ir, mas uma pergunta continuava a ecoar em minha mente: “O que é mais importante: o basquete ou Jesus?” Em minha angústia, telefonei para uma mulher cristã que havia se tornado uma espécie de mentora espiritual para mim. Quando pedi seu conselho, ela simplesmente disse: “Mark, seja fiel a Jesus.” Baseado nesse conselho e em minhas convicções interiores, decidi não ir ao torneio. Parecia que eu acabara de arruinar minha oportunidade de viajar, dormir num hotel, comer em restaurantes e ver o mundo.

Quando relembro essa experiência, não posso deixar de sorrir. Hoje, tenho a oportunidade de viajar para países ao redor de todo o mundo, compartilhando o amor e as verdades de Deus. Tenho a emoção indescritível de ver pessoas aceitando a Jesus de Montreal a Moscou, de Ruanda à Rússia, do Chile à China. Deus tem enriquecido minha vida sem medidas desde que fiz



aquele compromisso inicial. Desistir dos meus sonhos me deu a possibilidade de seguir os sonhos de Deus para minha vida. Podemos pensar que estamos fazendo sacrifícios grandes demais para seguir a Deus, mas Ele nos dá muito mais em troca.

Jesus diz a você: “Sim, haverá desafios se você se comprometer comigo. No entanto, tudo aquilo que você deixar, Eu lhe devolverei cem vezes mais em forma de bênçãos” (ver Marcos 10:28-30). Quando tomamos a decisão de seguir Jesus, Ele promete atender nossas necessidades e encher nossa vida de alegria, paz, satisfação e propósito. Eu posso testemunhar, com toda a certeza, que Deus é fiel no cumprimento de Sua Palavra.

Uma das maiores bênçãos que Deus nos dá é o descanso sabático. Como colocar um preço na renovação física, mental e espiritual que encontramos no descanso com que Jesus nos presenteia quando guardamos o sábado? Sou incapaz de estabelecer um valor para as bênçãos do sábado de Deus para mim. Acredite, esse momento de descanso espiritual é parte essencial de minha vida. Ele me ajuda a prosseguir, mesmo com minha agenda lotada. Ajuda-me a fortalecer meus laços com a família. Isso me leva ao terceiro grande princípio bíblico com respeito ao sábado.

*O primeiro dia
completo que
Adão e Eva
passaram
juntos foi um
sábado*

Princípio 3: *O sábado é um dia de construir relacionamentos mais íntimos com nossa família e amigos e de abençoar aqueles ao nosso redor por meio do serviço.* Deixe sua mente viajar ao longo dos milênios até chegar na beleza e magnificência do Éden. No sexto dia, Deus criou Adão e Eva. A Bíblia relata: “E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom” (Gênesis 1:31). Não havia pecado, doença, sofrimento e morte no esplendor daquele jardim. Como Deus é amor e nós fomos criados para amar, o Senhor deu a nossos pais um presente de amor: o sábado. O primeiro dia completo que Adão e Eva passaram juntos foi um sábado. Seus primeiros momentos íntimos para compartilhar e comunicar aconteceram num sábado. Esse é o dia para fortalecer os relacionamentos. O sábado nos proporciona tempo para passarmos com nosso Pai celestial e uns com os outros.



Você alguma vez já sentiu que a semana passa voando e você mal tem tempo para sua família? Alguns estudos indicam que o pai passa em média menos de duas horas por semana tendo contato individual com os filhos. O sábado nos lembra, a cada semana, o que realmente é importante.

Herman Wouk, um roteirista judeu, não negligencia o sábado em sua vida. Ele descreve como o sábado se assemelha a uma ilha de paz no caos da sociedade da Broadway. No pôr do sol da sexta-feira, ele deixa o estresse do teatro desordenado com o frenesi da noite de estreia a poucas horas de acontecer. Ao chegar em casa, recebe o abraço aconchegante da esposa e o sorriso dos filhos e se sente circundado por uma atmosfera de amor. As velas estão acesas. A mesa está posta. A família come e conversa unida. As crianças fazem perguntas e o mundo do *show business* é esquecido. Quando Wouk retorna ao teatro no sábado à noite depois do pôr do sol, nada mudou por lá, mas ele está transformado. Seu sábado relaxante e restaurador o levou para mais perto de Deus e de sua família.¹

Um colega disse o seguinte a Wouk quando ele chegou ao teatro certo sábado à noite: “Eu não tenho inveja de sua religião, mas invejo o seu sábado.”² Quem não gostaria de passar um dia construindo um relacionamento melhor com as pessoas a quem ama?

Para Jesus, o sábado estava ligado a relacionamentos de amor e ao serviço. É exatamente por isso que Ele realizou muitos milagres durante o sábado. Nesse dia, Cristo revelou a compaixão do Pai pelo sofrimento da humanidade. Quando os líderes religiosos judeus criticaram Jesus por realizar atos de cura no sábado, Ele comentou: “É permitido fazer o bem no sábado” (Mateus 12:12). O sábado é um dia para se fazer o bem. Seu vizinho está doente? Leve um prato delicioso de sopa para ele. Ouviu dizer que um amigo está se sentindo desanimado? Ligue para levantar o humor dele. Acha que a viúva que mora em sua rua é solitária? Convide-a para almoçar com você.

No sábado, nos lembramos de nosso Criador. Não existe lugar melhor para fazer isso do que em meio à natureza. Durante anos, na fase em que nossos filhos estavam crescendo, minha esposa e eu passamos muitos sábados à tarde fazendo caminhadas em meio à natureza. Mesmo hoje, quando eles já estão grandes e casados, minha esposa e eu apreciamos compartilhar juntos as belezas da criação de Deus. Andar pelas trilhas próximas à nossa casa, ouvir o canto dos pássaros, avistar um ou outro cervo e sentir o aroma fragrante das flores do campo são coisas que relaxam nosso corpo cansado e elevam nosso espírito para começar uma nova semana.



O sábado é muito mais do que um dever; é um prazer. Se você ainda não experimentou a alegria inebriante da adoração no sábado, que tal iniciar esta semana? Se você ainda não vivenciou a paz do descanso sabático, por que não começar agora? Se você deseja ter um relacionamento mais próximo com seus entes queridos e amigos, a experiência do sábado espera por você. O sábado não é simplesmente um tema a ser debatido; é uma alegria a ser vivenciada. Que tal provar, por si mesmo, as bênçãos do sábado? Com os braços bem abertos, Jesus diz: “Venham a Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu lhes darei descanso” (Mateus 11:28).



¹ Herman Wouk, *This Is My God* (Nova York: Back Bay Books, 1992), p. 45, 46.

² Ibid., p. 46.

Capítulo 8



A Estratégia do Inimigo

Algum tempo atrás, eu estava mudando de canais na televisão antes de assistir ao jornal da noite da CNN. Um documentário intitulado *Magic's Biggest Secrets Finally Revealed* [Os Maiores Truques de Mágica Finalmente Revelados] chamou minha atenção. Os mágicos baseiam seus números em ilusões. O que você vê não constitui a realidade. Você pode até pensar que é a realidade, mas, na verdade, trata-se de um truque. O mágico pode aparentar estar serrando uma bela mulher ao meio, mas, obviamente, é apenas uma ilusão.

Um dos mais velhos truques é fingir enfiar uma espada na barriga da assistente. A espada parece real. Para provar como ela é genuína, o mágico arqueia a lâmina, corta uma maçã ao meio e apalpa a lâmina afiada. À medida que a luz diminui, a música aumenta. O drama se intensifica. A plateia permanece em absoluto silêncio. O mágico enfia a espada no corpo bonito da modelo.

O documentário revela de forma clara o que acontece de verdade. Quando os olhos da plateia estão indo do mágico para a modelo, à medida que a luz diminui, uma segunda assistente sorrateiramente lhe entrega outra espada. Essa espada possui uma lâmina muito flexível. No momento em que o mágico parece estar enfiando a espada na barriga da assistente, ela não está, de fato, traspasando o corpo da moça. A lâmina flexível passa em volta do corpo através de um cinto em forma de tubo especialmente projetado para isso. Depois, ela sai pelas costas, dando a impressão de que perfurou o corpo da assistente. O número inteiro é uma ilusão. O mágico finge estar enfiando a espada no corpo da modelo. Ela finge estar se contorcendo de dor. Mas tudo é apenas um faz de conta.



David Copperfield é um dos maiores ilusionistas de todos os tempos. Ele faz mais de 500 apresentações a cada ano. Entre outras coisas, ele já fez a Estátua da Liberdade desaparecer, voou, levitou sobre o Grand Canyon e atravessou a Grande Muralha da China. A revista *Forbes* declarou que, entre 2003 e 2005, ele ganhou mais de 150 milhões de dólares. Torna-se evidente que milhões de pessoas estão dispostas a pagar caro para serem enganadas.

Mas David Copperfield não chega nem perto do maior enganador do Universo. Satanás é o grande mestre do ilusionismo. Ele “é mentiroso e pai da mentira” (João 8:44). No ambiente perfeito do Céu, o maligno foi tão astuto a ponto de enganar um terço dos anjos (Apocalipse 12:4). No Éden, conseguiu enganar Eva com seus truques e logo pegou Adão também. Ao longo dos milênios, o inimigo tem empregado suas artimanhas enganosas para desviar muitos do bom caminho. Ele faz uso de engano, falsidade e traição para fazer com que coisas erradas pareçam verdadeiras.

Seus maiores enganos são de ordem religiosa. O Diabo pega a mentira e a disfarça com vestimentas de verdade. Faz com que o erro pareça correto. Ele confunde a mente, disfarçando práticas pagãs com uma aparência religiosa. Quanto mais ele consegue fazer o erro se parecer com a verdade, mais poderosos se tornam seus enganos.

O último livro da Bíblia, o Apocalipse, desmascara os planos do Diabo. Esse livro expõe suas mentiras, tira a máscara da ilusão. O Apocalipse permite que vejamos com clareza.

A verdade e a falsidade

Isso acontece de forma ainda mais nítida através do simbolismo das duas mulheres do Apocalipse: a mulher vestida de branco (vestida do sol), descrita em Apocalipse 12, e a mulher de escarlate, retratada no capítulo 17. Em nenhum outro lugar das Escrituras a verdade e o erro são colocados em contraste tão nítido como nesses dois capítulos. Por meio do símbolo da mulher de branco e da mulher de escarlate, João mostra, de forma gráfica, dois sistemas de religião: a verdade e o erro.

Num drama crescente, João descreve um dos momentos mais significativos da história da humanidade: “Apareceu no céu um sinal extraordinário: uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça. Ela estava grávida e gritava de dor, pois estava para dar à luz” (Apocalipse 12:1, 2).¹



De acordo com a Bíblia, essa criança governaria todas as nações com um cetro de ferro. Por fim, esse filho “foi arrebatado para junto de Deus e de Seu trono” (verso 5). Obviamente, essa é uma descrição de Jesus.

As Escrituras afirmam que essa mulher tinha a Lua debaixo dos pés. A Lua reflete a glória do Sol. Da mesma maneira, a igreja do Antigo Testamento refletia a glória do evangelho que brilhou, revelando-se em Jesus. À medida que a dispensação do Antigo Testamento se esvaiu, a igreja do Novo Testamento, vestida com a glória de Cristo, surgiu em esplendor. A coroa de doze estrelas sobre a cabeça da mulher significa que a igreja do Novo Testamento seria guiada por apóstolos divinamente inspirados. Esse é um retrato da igreja verdadeira de Deus, vestida com a justiça de Cristo, guiada por líderes espirituais e ancorada nas Escrituras. Que lindo símbolo de uma igreja pura, verdadeira, não corrompida por tradições humanas, intocada por doutrinas de homens e fundamentada na Palavra de Deus!

Contudo, a situação muda dramaticamente em Apocalipse 17. A visão de João nesse capítulo apresenta contraste nítido com a relatada no capítulo 12:

Então o anjo me levou no Espírito para um deserto. Ali vi uma mulher montada numa besta vermelha, que estava coberta de nomes blasfemos e que tinha sete cabeças e dez chifres. A mulher estava vestida de azul e vermelho, e adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas. Segurava um cálice de ouro, cheio de coisas repugnantes e da impureza da sua prostituição. Em sua testa havia esta inscrição: MISTÉRIO: BABILÔNIA, A GRANDE; A MÃE DAS PROSTITUTAS E DAS PRÁTICAS REPUGNANTES DA TERRA (Apocalipse 17:3-5).

A mulher cheia de joias distribui seu cálice de vinho cheio de falsas doutrinas e o mundo fica bêbado. Essa mulher apóstata, corrompida, é a “mãe das prostitutas”. Em outras palavras, ela tem muitas filhas, ou igrejas, que ficaram bêbadas com o vinho de sua falsa doutrina e também foram desviadas do bom caminho.

A história dessas duas mulheres – uma vestida de branco e a outra de vermelho – representa a incrível saga do conflito entre o bem e o mal, a verdade e o erro, a Palavra de Deus e as tradições humanas.

No livro do Apocalipse, a Bíblia descreve uma grande guerra que aconteceu milhares de anos atrás no Céu: “Houve então uma guerra nos Céus. Miguel



e Seus anjos lutaram contra o dragão, e o dragão e os seus anjos revidaram. Mas estes não foram suficientemente fortes, e assim perderam o seu lugar nos Céus. O grande dragão foi lançado fora. Ele é a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo. Ele e os seus anjos foram lançados à Terra” (Apocalipse 12:7-9).

Durante essa grande guerra no Céu, Satanás enganou um terço dos anjos. O Apocalipse declara: “Sua cauda arrastou consigo um terço das estrelas do Céu, lançando-as na Terra” (verso 4). Satanás é um enganador. Depois de ser mandado para a Terra, ele mentiu para Adão e Eva no jardim do Éden. O que ele disse foi o seguinte: “Eva, você pode comer daquela árvore. Com certeza você não morrerá. Todas as árvores do jardim são iguais. Não faz diferença se você comer dessa ou não.” Jesus foi bem claro ao se referir a Satanás: “Quando mente, fala a sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira” (João 8:44).

A Bíblia ensina que existem dois grandes sistemas de religião. Um é centrado em Jesus, que é “o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6). Esse sistema se baseia solidamente nas Escrituras. Por isso, em Apocalipse 12, a igreja verdadeira é retratada como uma mulher de branco. Suas doutrinas são puras, ela é leal a seu verdadeiro Mestre e não fez concessões. A verdade e o erro, assim como a água

e o óleo, não podem se misturar. Deus está procurando uma igreja que não misture verdade e erro. Ele está em busca de um povo que viva em harmonia com a verdade de Sua Palavra. A mulher de branco, em Apocalipse 12, representa a igreja visível e verdadeira de Deus na Terra, um povo fiel ao longo das eras, que não fez concessões em questão de doutrina bíblica.

As Escrituras também descrevem uma mulher de vermelho, com um cálice de vinho na mão, representando falsas doutrinas. Ela é a grande igreja-mãe apostatada, e diversas outras igrejas beberam do seu vinho. A Bíblia diz que ela estava montada sobre uma besta vermelha. Na Bíblia, besta representa um sistema político (Daniel 7:17, 23).

Essa falsa igreja, adornada com vermelho e púrpura, colocou as tradições humanas e concílios acima da Palavra de Deus. Ela é adúltera no sentido de

*Deus está
procurando uma
igreja que não
misture verdade
e erro*



que traiu os ensinamentos das Escrituras. É a grande igreja-mãe e, juntamente com ela, outras igrejas também deixaram as verdadeiras doutrinas bíblicas.

Grande mistério

Observe Apocalipse 17:5: “Em sua testa havia esta inscrição: MISTÉRIO: BABILÔNIA, A GRANDE.” Para compreender Apocalipse 17, é preciso entender primeiramente a expressão “Mistério: Babilônia, a grande”. O sistema eclesiástico caído de Apocalipse 17 possui ensinamentos e doutrinas muito similares aos ensinamentos pagãos da Babilônia do Antigo Testamento. Isso pode parecer surpreendente, mas é verdade.

No Antigo Testamento, Israel, o povo de Deus, estava em constante conflito com as forças opositoras da Babilônia. A verdadeira igreja de Deus era a nação de Israel. Na época do Novo Testamento, a igreja cristã se tornou a líder espiritual de Israel. Por meio do apóstolo Paulo, o Senhor disse: “E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gálatas 3:29). A mulher de branco representa o verdadeiro Israel espiritual, os verdadeiros seguidores de Cristo. Novamente, Deus afirmou: “Não é judeu quem o é apenas exteriormente. [...] Judeu é quem o é interiormente” (Romanos 2:28, 29). Indivíduos de todas as nacionalidades que aceitam a Jesus e Suas doutrinas se tornam seguidores verdadeiros.

No Antigo Testamento, o reino da Babilônia estabeleceu um sistema falsificado de adoração. Da mesma maneira, a Babilônia espiritual representa uma adoração falsificada no livro do Apocalipse. Ela preserva os princípios da Babilônia literal do Antigo Testamento em suas observâncias religiosas.

Quem é essa mulher de vermelho? Quais são os princípios da Babilônia do Antigo Testamento que ela duplica? Apocalipse 17:2 a descreve como alguém que se prostitui com os reis da Terra. A prostituição, ou fornicção, é uma união ilícita. “Os habitantes da Terra se embriagaram com o vinho da sua prostituição” (verso 2). Portanto, a imagem do Apocalipse de uma mulher montada numa besta escarlate representa a união entre igreja e estado. A ênfase é colocada no domínio da igreja sobre os poderes estatais. A mulher de vermelho (o sistema da igreja caída) monta ou domina a besta (poderes estatais). A Bíblia prediz que essa falsa igreja conduziria multidões a beber de suas falsas doutrinas, descrevendo a aceitação do erro em lugar da verdade.

As Escrituras mostram que existem dois sistemas básicos de religião: o sistema verdadeiro, delineado em Apocalipse 12, e o sistema falso, descrito



em Apocalipse 17. É correto que nem todos dentro da igreja verdadeira serão salvos. Há algumas pessoas dentro dela que não possuem uma experiência genuína com Jesus. Um simples rótulo denominacional não salva ninguém. A Bíblia também declara que existem muitas pessoas nas igrejas falsas que conhecem Jesus e O amam, mas que não conhecem toda a verdade para os momentos finais da Terra. Deus está procurando conduzir todos os homens, mulheres e crianças do sistema falso para o sistema verdadeiro.

Note com cuidado o que está escrito na testa da mulher de vermelho: “MISTÉRIO: BABILÔNIA, A GRANDE” (17:5). Depois do dilúvio, pessoas ímpias desafiaram a Deus, desobedeceram à Sua palavra, estabeleceram a própria religião e construíram a Torre de Babel. Foi ali que Deus confundiu a língua delas. A cidade de Babilônia foi estabelecida posteriormente no local da Torre de Babel.

Ao comentar sobre a mulher simbólica, Babilônia, que está montada sobre uma besta vermelha, Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown dizem o seguinte em seu comentário: “O estado e a igreja são presentes preciosos de Deus. Mas, quando o estado se dessacraliza [...], ele se torna semelhante a uma *besta*; quando a igreja se apostata, ela se torna a *prostituta*.”²

Veremos a seguir algumas características da Babilônia espiritual.

Um sistema humano

Retornemos ao Antigo Testamento e identifiquemos cinco características de Babilônia. Em Gênesis 10:8-10, a Bíblia descreve a origem da cidade de Babilônia: “Cuxe gerou também Ninrode, o primeiro homem poderoso na Terra. Ele foi o mais valente dos caçadores. [...] No início o seu reino abrangia Babel.” O fundador de Babel (posteriormente chamada de Babilônia) era um homem rebelde contra Deus que se destacou em estabelecer um sistema contrário a Ele.

Nos dias de Daniel, Nabucodonosor exclamou com arrogância: “Acaso não é esta a grande Babilônia que eu construí como capital do meu reino, com o meu enorme poder e para a glória da minha majestade?” (Daniel 4:30). Assim como Lúcifer, Nabucodonosor tinha um problema com o *eu*. A Babilônia espiritual é um sistema religioso feito pelo homem com um líder terreno que substitui a soberania de Cristo por sua própria supremacia.

A verdadeira igreja de Deus conduz homens e mulheres a Jesus Cristo como sua única cabeça. O sistema falso direciona as pessoas a líderes espirituais humanos, em vez de apenas a Jesus como nosso grande sacerdote. Referindo-se a Jesus,

a Bíblia diz: “Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia” (Colossenses 1:18).

A Bíblia declara que a verdadeira igreja de Deus não possui uma cabeça terrena, mas celestial. Alguém afirmou certa vez: “A igreja verdadeira de Deus é a única organização tão grande que seu corpo se encontra na Terra, mas sua cabeça está no Céu.” A verdadeira igreja de Deus direciona homens e mulheres para Jesus, que pode perdoar os pecados e livrar da escravidão do pecado. A Babilônia espiritual do Apocalipse é um sistema de religião terreno baseado na tradição humana com líder igualmente humano. Vamos resumir: as duas características do sistema religioso falso da Babilônia são (1) colocar a tradição acima das verdades da Palavra de Deus e (2) ter uma cabeça humana e terrena para a igreja, em vez de Cristo.

Um sistema centrado na adoração de imagens

Observemos uma terceira característica da Babilônia antiga: Babilônia é a fonte da idolatria. Somente quando compreendemos a Babilônia do Antigo Testamento conseguimos entender o que é a Babilônia espiritual e o chamado de Deus para sairmos dela. O Dr. Alexander Hislop afirma: “Babilônia foi o sistema primário do qual todos esses sistemas de idolatria surgiram.”³

No Antigo Testamento, Babilônia era um centro de adoração de imagens. Os grandes templos de Babilônia eram repletos de imagens de deuses babilônicos perante os quais adoradores pagãos se prostravam em reverência. O santuário de Deus em Jerusalém não continha imagens de nenhum deus. Na igreja cristã do Novo Testamento, as pessoas eram orientadas a adorar diretamente a Cristo. Não havia adoração por meio de imagens.

A Bíblia afirma claramente: “Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na Terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto” (Êxodo 20:4, 5).

As instruções das Escrituras são claras. Se imagens são introduzidas no sistema de culto, é muito provável que elas passem a ser consideradas santas e receberão a honra devida apenas a Deus. A história comprova que isso tem acontecido repetidamente. Imagens têm sido reverenciadas e beijadas, relíquias são vistas como sagradas e estátuas são abraçadas como se fossem deuses.

Deus pretendia que o verdadeiro sistema de adoração levasse as pessoas a adorá-Lo de maneira direta, sem o uso de imagens, permitindo que o



Espírito Santo impressionasse a mente. Babilônia levaria as pessoas a seguir tradições de homens, a dar preeminência a um líder terreno e a incorporar imagens em seus cultos.

Adoração de ancestrais

Existe uma quarta característica da antiga Babilônia que também se aplica à Babilônia espiritual: o conceito de uma alma imortal que vive após a morte. Em Ezequiel 8:13, a Bíblia diz: “Você os verá cometerem práticas ainda mais repugnantes”, ou seja, abominações ainda maiores do que a adoração de ídolos. O verso 14 complementa: “Então ele me levou para a entrada da porta norte da casa do Senhor. Lá eu vi mulheres sentadas, chorando por Tamuz.” Quem era Tamuz e por que as mulheres estavam chorando?

Tamuz era o deus babilônico da vegetação. Os babilônios acreditavam que, quando a primavera dava lugar ao verão e o calor dessa estação do ano secava as plantações, Tamuz morria. Portanto, eles choravam e oravam para que ele retornasse do mundo dos mortos.

O conceito de uma alma imortal não vem da Bíblia. Ele entrou na igreja cristã por meio de crenças babilônicas. Suas raízes se encontram na Babilônia; contudo, sua doutrina foi plenamente desenvolvida na filosofia grega. As citações a seguir descrevem claramente a origem da doutrina pagã da imortalidade. A primeira é de Amos Phelps, um ministro metodista congregacional, que viveu de 1805 a 1874:

A origem dessa doutrina pode ser traçada através dos canais lamacentos de um cristianismo corrompido, do judaísmo pervertido, da filosofia pagã, da idolatria supersticiosa até chegar ao grande instigador do engano no jardim do Éden. Os protestantes a tomaram emprestada dos católicos, os católicos dos fariseus, os fariseus dos pagãos e os pagãos da antiga serpente, que foi a primeira a pregar essa doutrina em meio às belas folhagens do paraíso a uma audiência desejosa demais de ouvir e aceitar a nova e fascinante teologia: “Certamente não morreréis.”⁴

Atente para esta declaração de Justino Mártir, um líder da igreja primitiva, que morreu em 165 d.C.: “Se você cair no meio de alguns supostos cristãos que não admitem isso [a verdade da ressurreição] e ousam blasfemar contra o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, dizendo que não existe ressurreição dos



mortos e que a alma deles, quando morrem, é levada ao Céu, não pense que eles são, de fato, cristãos.”⁵

A Bíblia é muito clara sobre o que acontece com as pessoas que morrem: “Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 6:23). “Quando o espírito deles se vai, eles voltam ao pó; naquele mesmo dia acabam-se os seus planos” (Salmo 146:4). “Pois os vivos sabem que morrerão, mas os mortos nada sabem; para eles não haverá mais recompensa, e já não se tem lembrança deles” (Eclesiastes 9:5).

A King James, uma célebre versão da Bíblia para a língua inglesa, usa a palavra *alma* aproximadamente 1.600 vezes, mas em nenhuma dessas ocorrências ela emprega a expressão *alma imortal*. Vez após vez, as Escrituras afirmam que apenas Deus detém a imortalidade (1 Timóteo 6:15, 16).

Os babilônios acreditavam no conceito de que uma alma imortal deixa o corpo na hora da morte. Portanto, estabeleceram um sistema de deuses e deusas, adorando o espírito daqueles que supostamente continuavam a viver. Os israelitas possuíam uma crença totalmente diferente. Eles ensinavam que, quando as pessoas morrem, seu fôlego acaba, elas retornam para a terra e, naquele mesmo dia, seus pensamentos perecem.

A Bíblia é uma fonte muito confiável sobre o estado dos seres humanos durante a morte. Salmo 115:17 diz: “Os mortos não louvam ao Senhor, tampouco nenhum dos que descem ao silêncio.” Qualquer voz que tenha o propósito de quebrar o silêncio dos mortos está em desarmonia com a Palavra de Deus.

Amigo, o Apocalipse descreve dois grandes sistemas de religião. O sistema verdadeiro, descrito no capítulo 12, se baseia nas Escrituras, com suas doutrinas puras. Esse sistema leva as pessoas a compreender que elas devem ir a Cristo e adorá-Lo de maneira direta, sem recorrer a imagens. E as faz entender que, quando alguém morre, dorme até a ressurreição. Afirma a verdade bíblica de que a alma não constitui uma entidade consciente que vive infinitamente no mundo dos espíritos após a morte.

Apocalipse 17 descreve um sistema falso de religião, Babilônia, a grande, a igreja apóstata mãe. Essa igreja, em vez de se fundamentar na Palavra de Deus, baseia-se na tradição. Ela possui uma cabeça terrena que alega ter tomado o lugar de Cristo. Suas cores são a púrpura e o escarlata. Utiliza imagens em seus serviços de adoração. Em vez de deuses e deusas, incorpora santos nos cultos. Ensina que, quando as pessoas morrem, elas não dormem até a ressurreição, mas têm uma alma imortal que continua a viver



após a morte. Ela distribui seu cálice de vinho da falsidade para que outras igrejas bebam das falsas doutrinas dessa igreja-mãe. Elas também aceitam a ideia falsa de que a alma continua viva depois da morte, fora e independentemente de um corpo.

O centro da adoração ao Sol

A quinta característica de Babilônia, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, é mencionada em Ezequiel 8:16. Esse fato, na verdade, constitui o princípio-chave para defini-la: “Ele então me levou para dentro do pátio interno da casa do Senhor, e ali, à entrada do templo, entre o pórtico e o altar, havia uns vinte e cinco homens. Com as costas para o templo do Senhor e os rostos voltados para o oriente, estavam se prostrando na direção do Sol.”

O profeta Ezequiel viu que esses homens estavam seguindo a prática babilônica de adoração do Sol. Voltando sua face para o leste, eles se ajoelhavam e adoravam o Sol como se fosse um deus, à medida que este subia no céu oriental. Os calendários babilônicos antigos possuem o Sol ao centro, revelando a importância que os babilônios atribuíam à adoração desse astro. Eles não acreditavam que haviam sido formados pelas mãos de um Criador amoroso. Criam que o Sol, o maior corpo celeste luminoso, era a origem da vida. Em adoração, eles se inclinavam perante o astro. “Na Babilônia antiga, o Sol era adorado desde tempos imemoriais.”⁶

*Ao longo dos séculos,
a falsa adoração
com frequência
foi fundamentada
no culto ao Sol*

Ao longo dos séculos, a falsa adoração com frequência foi fundamentada no culto ao Sol. Satanás exalta os objetos da criação acima do Criador. Os assírios adoravam o deus-sol Shamash. Os egípcios adoravam o deus-sol Ra. Os hititas adoravam a deusa-sol Arinna. O círculo do sol Konark é famoso em toda a Índia. A carruagem do sol nórdico Trundholm simbolizava a adoração ao Sol entre os vikings. Hélios, na Grécia, e Mitra, na Pérsia e em Roma, eram adorados como deuses por multidões. O sábado convida o povo de Deus a adorar seu Criador. O culto ao Sol chamava as pessoas a adorar um objeto da criação.



No 1º e 2º séculos, a igreja cristã em Roma era composta, em larga escala, por cristãos gentios. Essa realidade era bem diferente da igreja em Jerusalém e no Oriente Médio, que era formada, em sua maior parte, por cristãos judeus. Os cristãos gentios de origem pagã em Roma provavelmente já haviam sido influenciados pela adoração ao Sol. A *New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge* faz esta observação surpreendente: “No primeiro século cristão, havia em Roma associações organizadas dos seguidores de Mitra.”⁷ Entre os romanos, o deus-sol Mitra era conhecido pelas massas como *Sol Invictus* (o Sol invencível). A mãe do imperador Aureliano era uma sacerdotisa do Sol. O imperador também era especialmente devoto do culto ao Sol. Seu biógrafo, Flávio Vopisco, declara que o imperador proclamou de forma oficial a deidade solar como *Sol dominus imperii romani* (Sol, o Senhor do Império Romano).

O conhecido historiador Arthur Weigall, no livro *The Paganism in Our Christianity*, afirma: “Como um festival solar, o domingo era o dia sagrado de Mitra. É interessante notar que, como Mitra era chamado de Dominus, ‘Senhor’, o domingo deveria ser o ‘dia do Senhor’ muito antes da era cristã.”⁸ O historiador revela algo muito importante através dessa declaração. Como o domingo era o dia dedicado ao deus pagão Mitra, e Mitra era considerado como senhor, o domingo era visto como o dia do Senhor, mas não de Cristo, originalmente, e sim de um deus pagão. Isso é confirmado de maneira ainda mais clara por meio da descoberta das cartas de Amarna, nas quais existem em abundância frases como as seguintes: “o rei meu Senhor, o Sol do céu”; “meu Senhor, o Sol”; “o Deus Sol, meu Senhor”.⁹

A *Enciclopédia Católica* acrescenta esta informação: “O domingo era guardado em honra a Mitra.”¹⁰ O pesquisador Franz Cumont explica: “O *dies Solis* [domingo] era, sem sombra de dúvidas, o dia mais sagrado da semana para os fiéis a Mitra e, assim como os cristãos, eles tinham que observar o domingo, e não o sábado.”¹¹

O professor Agostinho de Almeida Paiva, em seu notável livro sobre o mitraísmo, sumariza a história da seguinte maneira: “O primeiro dia da semana, o domingo, era consagrado a Mitra desde tempos remotos, conforme afirmam diversos autores. Como o Sol era deus, o Senhor por excelência, o domingo veio a ser chamado de dia do Senhor, nomenclatura adotada posteriormente pelo cristianismo.”¹²

Os gentios que se convertiam ao cristianismo em Roma eram influenciados pelo mitraísmo – a adoração ao Sol. Eles já tinham a percepção de que o



domingo era o dia do Senhor, pois acreditavam que Mitra ou Hélios (o Sol) era o senhor. Não seria difícil para esses cristãos gentios mudarem sua devoção a Jesus em vez de Mitra no dia do Sol.

Quando Constantino se tornou imperador, ele escolheu como divindade da sua família o deus Apolo, o deus Sol, identificado com o antigo Sol romano desde o tempo dos césares. “O Sol era celebrado universalmente como o guia invencível e protetor de Constantino.”¹³

Nessa época, o sentimento antissemita crescia no Império Romano. Discórdias políticas e sociais floresciam e líderes corruptos da igreja ansiavam por poder. Nesse contexto, o domingo se tornou o veículo para unir o império. O imperador, recentemente convertido ao cristianismo, foi instado pelos líderes da igreja a promover um dia comum de adoração no domingo, para o avanço do poder e da glória da igreja.

O próprio Constantino, numa carta dirigida a Alexandre, bispo de Alexandria (313-325 d.C.), declara de forma aberta sua política religiosa para o Império Romano por meio das seguintes palavras: “Meu desígnio era, a princípio, reunir os diversos julgamentos formados por todas as nações acerca da Divindade a uma condição, se possível, de estabelecida uniformidade.”¹⁴

*O sábado é um
símbolo eterno
de fidelidade
a nosso Criador*

Quando conseguiu aprovar suas seis leis civis relacionadas ao domingo, Constantino tinha a esperança de unir o império. Ele percebeu sabiamente que a única forma de fazer isso era por meio de um dia comum de descanso, festividade e culto em todo o império, um dia com o qual tanto pagãos quanto cristãos concordariam. Arthur P. Stanley, no livro *History of the Eastern Church*, comenta:

A retenção do velho nome pagão *Dies Solis* (dia do Sol) para o festival semanal dos cristãos se deve, em grande parte, à união entre sentimentos pagãos e cristãos. Por isso, o primeiro dia da semana foi recomendado por Constantino a seus súditos, tanto pagãos quanto cristãos, como o “venerável dia do Sol”. Seu decreto regulando a observância desse dia foi denominado de forma justa como “uma nova era na história do dia do Senhor”. Foi o modo que ele encontrou de harmonizar as religiões discordantes do império sob uma instituição comum.¹⁵



A história e a profecia são claras quanto à mudança do sábado bíblico. Deus não modificou o sétimo dia do sábado para o domingo. Jesus não o mudou e Seus discípulos nem pensaram em realizar tal alteração. O sábado foi mudado gradualmente ao longo dos séculos, à medida que a adoração pagã ao Sol se infiltrou na igreja por meio da união entre a igreja e o estado.

Os israelitas adoravam o Criador no sétimo dia da semana, o sábado bíblico. A verdadeira igreja de Deus em Apocalipse 12 guarda todos os Seus mandamentos, inclusive o que se refere ao sábado. A igreja falsa revive o dia do Sol babilônico e distribui seu cálice de falsas doutrinas. Muitas igrejas beberam desse cálice e passaram a adorar no primeiro dia da semana, o domingo.

Deus tem um sinal: “Também lhes dei os Meus sábados como um sinal entre nós, para que soubessem que Eu, o Senhor, fiz deles um povo santo” (Ezequiel 20:12). Em todo o Antigo Testamento, continuando no Novo e até o fim dos tempos, o sábado de Deus é um sinal, um símbolo eterno de fidelidade a nosso Criador.

O ensinamento babilônico da adoração ao Sol – esse princípio que foi passando de uma religião pagã a outra – se infiltrou na igreja cristã não por um mandamento de Deus, mas por uma tentativa de conciliação com o paganismo.

Arthur P. Stanley explica ainda mais: “As moedas [de Constantino] apresentavam de um lado as letras do nome Cristo e do outro a imagem do deus-Sol, [...] como se ele não pudesse suportar a ideia de abandonar a devoção ao luminoso astro.”¹⁶ Aconteceu um casamento entre o cristianismo e o paganismo, entre a igreja e o imperador de Roma. Constantino, na verdade, era cristão apenas de nome. Como resultado, a igreja cristã foi inundada de práticas que não encontram sua origem nas Escrituras. A história bíblica aponta para isso.

O Dr. Alexander Hislop comenta: “Para conciliar os pagãos e o cristianismo nominal, Roma, seguindo sua política costumeira, tomou medidas para amalgamar festivais cristãos e pagãos e [...] conseguir que o paganismo e o cristianismo, então altamente envolvido na idolatria, nisso, assim como em muitas outras coisas, *dessem as mãos*.”¹⁷ Em outras palavras, Roma estava tentando conciliar, fazer concessões, com o propósito de unir o império em vias de esfacelamento.

Qual foi a origem do culto no domingo? De onde ele vem? Como entrou na igreja?

No 4º século, como uma tentativa de converter os pagãos e salvar o império, os líderes da igreja abriram essa porta. O imperador romano Constantino



entrou por ela, e, assim, igreja e estado se uniram. A adoração babilônica ao Sol entrou na igreja cristã enquanto essa união entre paganismo e cristianismo aconteceu.

Você lembra que lemos em Ezequiel 8:16 sobre 25 sacerdotes de Israel que adotaram a prática de adoração ao Sol? Esses sacerdotes deram as costas ao Deus verdadeiro e desobedeceram ao Seu mandamento direto de observar o sétimo dia, o sábado. Ezequiel descreveu o verdadeiro problema desse drama entre o bem e o mal: “Seus sacerdotes cometem violência contra a Minha lei e profanam Minhas ofertas sagradas; não fazem distinção entre o sagrado e o comum; ensinam que não existe nenhuma diferença entre o puro e o impuro; e fecham os olhos quanto à guarda dos Meus sábados, de maneira que sou desonrado no meio deles” (Ezequiel 22:26).

Deus disse que, no antigo Israel, os sacerdotes fecharam os olhos quanto à guarda do sábado e Ele foi desonrado. Nos últimos dias, o princípio babilônico de adoração ao Sol seria adotado. Novamente, as pessoas fechariam os olhos para o verdadeiro sábado. As pessoas dizem: “Isso, na verdade, não faz nenhuma diferença.” Ah, meu amigo, faz *muita* diferença!

James Wharey afirma: “No fim do 2º século [...] são óbvias as mudanças já introduzidas na igreja cristã. O cristianismo começou a vestir as roupas do paganismo. As sementes da maioria dos erros que posteriormente se alastrariam pela igreja, mancharam sua beleza e sujaram sua glória já começavam a criar raízes.”¹⁸

Sim, um casamento aconteceu e as sementes da tradição humana cresceram e se desenvolveram. O Dr. Alexander Hislop acrescenta: “Essa tendência [...] de se adequar até certo ponto ao paganismo foi muito desenvolvida. [...] Homens justos tentaram remar contra a maré, mas [...] a apostasia continuou, até que a igreja, com exceção de um pequeno remanescente, submergiu às superstições pagãs.”¹⁹

Depois que Cristo morreu e os apóstolos saíram de cena, a igreja se afastou de seus ensinamentos originais. No entanto, houve um pequeno remanescente que permaneceu leal a Deus.

O apelo final de Deus

Ao longo das eras, Deus sempre teve aqueles que disseram: “Nós não cederemos. Permaneceremos firmes na verdade, sem nos importar com o que as massas populares estão fazendo. Tomaremos a Palavra de Deus como nosso guia. Seremos leais a Jesus.”

Algumas vezes, o pequeno remanescente foi oprimido e perseguido. Mesmo assim, seus integrantes não aceitaram o princípio babilônico de priorizar decretos humanos acima das Escrituras. Não aceitaram o princípio babilônico de ter um cabeça humano para a igreja, no lugar de Cristo. Não aceitaram o princípio babilônico quanto a imagens, preferindo adorar diretamente a Jesus. Não aceitaram o princípio babilônico de que uma alma imortal continua a viver fora do corpo. Não aceitaram o princípio babilônico de adoração ao Sol.

Já houve pessoas que me perguntaram: “Pastor, eu não posso ficar dentro de minha igreja e reformá-la?” Você mesmo pode estar se perguntando: “Posso acreditar na verdade e permanecer exatamente onde estou?” Amigo, em toda igreja existem membros da igreja invisível e verdadeira de Deus, mas, se quiserem permanecer a salvo, devem sair de lá. Deus diz que você deve sair de Babilônia. Ele conchama você a sair, pois Babilônia caiu.

O cardeal Gibbons, renomado autor católico, declarou: “A razão e o bom senso demandam a aceitação de uma ou outra das seguintes alternativas: ou o protestantismo e a guarda do sábado como dia santo, ou o catolicismo e a observância do domingo como dia santo. Conciliar é impossível.”²⁰ Concordo inteiramente com o cardeal Gibbons nesse aspecto. Ele estava correto quando disse que era impossível conciliar. O assunto é claro demais. Tal evidência exige um veredicto. Deus está chamando homens e mulheres a assumir uma posição.

Ouçã as palavras das Escrituras: “Caiu! Caiu a grande Babilônia!” (Apocalipse 18:2). A igreja-mãe caiu. Suas tradições caíram. Suas vestes escarlates e púrpuras caíram. Seu sistema de imagens caiu. Todos os sistemas que ensinam o erro a respeito do estado das pessoas na morte e sobre o sábado caíram. Eles se afastaram das Escrituras como única regra de fé e prática.

“Então ouvi outra voz dos céus que dizia: ‘Saíam dela, vocês, povo Meu, para que vocês não participem dos seus pecados, para que as pragas que vão cair sobre ela não os atinjam!’” (Apocalipse 18:4). Não existe maneira de permanecer em Babilônia sem participar de seus pecados. Babilônia caiu! Não existe jeito de você mudá-la. Você deve sair dela.

Deus está chamando pessoas de coração honesto para saírem das igrejas que beberam do cálice de Babilônia. Logo o tempo irá se esgotar. Logo, todos os seres humanos farão sua escolha final. Eles optarão por Cristo ou pela tradição, estarão do lado da verdade ou do erro.

Nossa única segurança está em sair de qualquer igreja baseada em tradições humanas. Jesus diz: “Meu filho, estou apelando a você. Tenho Meu rebanho em

todas as igrejas. Estou apelando às pessoas de todas as denominações que deixem de lado suas opiniões preconcebidas e sigam a Bíblia. Estou falando ao coração delas em todas as partes para saírem dessas igrejas baseadas na tradição.”

Eu apelo a você, em nome de Jesus, para que entregue sua vontade a Ele. Com a Bíblia nas mãos, diga a Jesus: “Não posso fazer outra coisa. Preciso sair. Estou ouvindo Seu chamado ao meu coração. Percebo como o paganismo e o cristianismo se uniram nos primeiros séculos. Vejo essa questão de forma clara agora. Percebo que, por mais de 1.800 anos, concessões que não poderiam ter sido feitas ocorreram. Reconheço que Deus está chamando Seu pequeno remanescente para sair e decido me posicionar ao Seu lado, Senhor Jesus. Decido escolher a Palavra de Deus. Estou disposto a sair, mesmo que isso signifique que eu tenha de ficar sozinho.”

Oh, meu amigo, por que não tomar essa decisão em seu coração agora mesmo? Sele-a em sua mente! Diga a Jesus: “Senhor, eu ouço Seu chamado de que a grande Babilônia caiu. Escuto e aceito Seu apelo: ‘Sai dela, povo Meu!’”

Com carinho, em tom de amor, Jesus, por meio do Seu Espírito, fala ao seu coração. Com bondade e ternura, Ele diz: “Eu o amo, Meu filho. Não quero que você se aflija quando as pragas caírem. Meu filho, eu apelo a você agora mesmo!”

Muitas pessoas que pertencem a Jesus ainda estão na Babilônia. Você consegue ouvir Seu chamado agora? Você o escuta falando ao seu coração? Tenho certeza de que, neste momento, você está disposto a dizer: “Jesus, eu Te amo e escolho Te seguir. E, porque Te amo, desejo fazer parte do Teu povo que guarda os mandamentos. Ouço Tua voz apelando gentilmente: ‘Se Me amas, guardarás Meus mandamentos’. Sim, Senhor, eu seguirei!”

*Não existe maneira
de permanecer
em Babilônia sem
participar de seus
pecados*



¹ A partir deste parágrafo (com permissão para adições e pequenas mudanças), o restante do capítulo foi publicado primeiramente na obra de Mark Finley e Steven Mosley, *Why So Many Denominations? Revelation's Four Horsemen Provide an Answer* (Nampa: Pacific Press, 1994), p. 43-61.

² Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown, *A Commentary, Critical and Explanatory, on the Old and New Testaments* (Nova York: S. S. Scranton, 1875), p. 593, ênfase adicionada.

- ³ Alexander Hislop, *The Two Babylons; Or, the Papal Worship Proved to be the Worship of Nimrod and His Wife*, 3ª ed. (Edinburgh: James Wood, 1862), p. 17.
- ⁴ Amos A. Phelps, "Is Man by Nature Immortal?", em J. H. Pettingell, *The Life Everlasting: What Is It? Whence Is It? Whose Is It?* (Philadelphia: J. D. Brown, 1882), p. 640, 641, citado por LeRoy E. Froom, *The Conditionalist Faith of Our Fathers* (Washington: Review and Herald, 1965), v. 2, p. 553.
- ⁵ Justin Martyr, "Dialogue With Trypho", capítulo LXXX, em Alexander Roberts e James Donaldson (eds.), *Justin Martyr and Athenagoras*, tradução de George Reith (Edinburgh: T & T Clark, 1867), v. 2, p. 199.
- ⁶ James G. Frazer, *The Worship of Nature*. Disponível em: <http://www.giffordlectures.org/Browse.asp?PubID=TPTWON&Volume=0&Issue=0&ArticleID=15>. Acesso em 12 de março de 2009.
- ⁷ Johann Jakob Herzog et al., *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge* (Nova York: Funk & Wagnall, 1910), v. 7, p. 421.
- ⁸ Arthur Weigall, *The Paganism in Our Christianity* (Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1928), p. 145.
- ⁹ Claude R. Conder, *The Tell Amarna Tablets*, 2ª ed. (Londres: Committee of the Palestine Exploration Fund, 1894). Disponível em http://www.archive.org/stream/tellamarnatablet00palerich/tellamarnatablet00palerich_djvu.txt. Acesso em 12 de março de 2009.
- ¹⁰ John Arendzen, "Mithraism", em *The Catholic Encyclopedia*, v. 10 (Nova York: Robert Appleton, 1911). Disponível em <http://www.newadvent.org/cathen/10402a.htm>. Acesso em 12 de março de 2009.
- ¹¹ Franz Cumont, *Textes et Monuments Figurés Relatifs aux Mystères de Mithra* (Bruxelas: Lamertin, 1896, 1899), v. 1, p. 119, citado por Robert Leo Odom, *Sunday in Roman Paganism* (Brushton: TEACH Services, 2003), p. 156, 157.
- ¹² Agostinho de Almeida Paiva, *O Mitraísmo* (Porto, Portugal: Santos, 1916), p. 3, citado por Robert Leo Odom, *Sunday in Roman Paganism*, p. 149.
- ¹³ Edward Gibbon, *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, 3ª ed. (Londres: Methuen, 1901), v. 2, p. 291.
- ¹⁴ Philip Schaff e Henry Wace (eds.), "Chapter LXV – Eusebius: Church History, Life of Constantine the Great, and Oration in Praise of Constantine", tradução de Arthur McGiffert, em *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church* (Nova York: Scribner & Sons, 1904), v. 1, p. 516.
- ¹⁵ Arthur P. Stanley, *Lectures on the History of the Eastern Church* (Nova York: E. P. Dutton, 1907), p. 204.
- ¹⁶ Ibid.
- ¹⁷ Alexander Hislop, *The Two Babylons*, p. 151, ênfase adicionada.
- ¹⁸ James Whearey, *Sketches of Church History*, ed. revisada (Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 1840), p. 39, 40.
- ¹⁹ Alexander Hislop, *The Two Babylons*, p. 93.
- ²⁰ Cardinal Gibbons, "Appendix", em *Catholic Mirror*, 23 de dezembro de 1983, citado por Abram Herbert Lewis, *The Sabbath Question from the Roman Catholic Standpoint, as Stated by the "Catholic Mirror"*, 4ª ed. (Nova York: American Sabbath Bible Tract Society, 1894).

Capítulo 9

A Bandeira Vitoriosa

Você já parou para pensar no destino de nosso planeta? Se o mundo irá terminar com uma explosão, quem será o responsável por ela? Alguém sairá vitorioso? Em outras palavras, que bandeira estará hasteada sobre as ruínas? Deus possui uma bandeira? Podemos nos certificar de que estamos dando a Ele nossa lealdade num mundo com tantas vozes conflitantes clamando possuir a única verdade?

Os riscos são maiores hoje. As vozes falam mais alto. O choque de culturas e religiões é mais intenso. Pensávamos que havíamos deixado as guerras “santas” para trás, lá na Idade Média. Mas elas estão de volta em tom de vingança.

Existem pessoas bem dispostas a destruir o mundo, caso não consigam fazer com que ele fique do jeito delas. Estão dispostas a virar fumaça junto com pessoas inocentes que puderem levar consigo. E proclamam uma intensa lealdade ao seu Deus e à sua fé. Acreditam apaixonadamente que, no fim, sua bandeira será vitoriosa.

Como podemos saber o que ficará de pé em tempos como esses? Como saber o que, de fato, expressa nossa fidelidade a Deus? Como reconhecer que assunto dividirá a humanidade no fim dos tempos?

Gostaria de tentar responder às perguntas acima neste capítulo. Acredito que a Bíblia nos dá algumas pistas importantes, que atravessam as linhas divisórias de cultura e religião.

Um dos exemplos mais esclarecedores de lealdade vem do livro de Daniel, no Antigo Testamento. Lá se encontra documentado um conflito que fala poderosamente aos nossos conflitos atuais.

O terceiro capítulo de Daniel apresenta uma notável cena ocorrida na planície de Dura, perto da antiga Babilônia. Uma enorme estátua de ouro do rei Nabucodonosor foi erguida. Milhares de representantes do seu império foram convidados a prestar homenagem numa esplêndida cerimônia. O rei estava fazendo um pronunciamento. Ele dizia: “Eu ficarei de pé enquanto outros reis e impérios caírem.” Na visão dele, Babilônia perduraria para sempre.

Mas, bem no momento em que a vasta assembleia se prostrava perante a imagem, algo interrompeu a cerimônia. Três jovens permaneceram de pé. Eles eram príncipes judeus: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Havia sido levados cativos para Babilônia e estavam recebendo treinamento para ajudar a governar aquele grandioso império.

Agora, eles se destacavam. Os oficiais babilônios logo deram a notícia ao rei Nabucodonosor. Não se tratava somente de um erro diplomático. Era um caso de traição. Era traição porque o arauto do rei dera um anúncio poucos momentos antes, em alta voz, o qual ecoou por toda a planície. Suas palavras se encontram registradas em Daniel:

Então o arauto proclamou em alta voz: “Esta é a ordem que lhes é dada, ó homens de todas as nações, povos e línguas: Quando ouvirem o som da trombeta, do píforo, da cítara, da harpa, do saltério, da flauta dupla e de toda espécie de música, prostrem-se em terra e adorem a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor ergueu. Quem não se prostrar em terra e não adorá-la será imediatamente atirado numa fornalha em chamas” (Daniel 3:4-6).

O rei fizera desse ato de adoração um teste de lealdade. Bem, isso colocava aqueles três hebreus numa situação terrível. Eles haviam aprendido, desde a infância, que existia apenas um ser digno de adoração. Inclinar-se perante um ídolo correspondia a uma negação de sua fé. Todavia, se eles não se prostrassem, seriam queimados até a morte!

Era uma escolha extremamente difícil. O que você faria numa situação assim? Esta é uma pergunta vital para nós hoje, quando homens-bombas suicidas estão dispostos a explodir a si mesmos e a pessoas inocentes para declarar sua lealdade a uma causa.

O fato mais interessante é que o decreto de Nabucodonosor encontra um paralelo intrigante na Bíblia. Ele é ecoado por outro decreto que se encontra em Apocalipse. O capítulo 13 desse livro fala sobre um desafio que o povo de Deus enfrentará no fim dos tempos. O anticristo ergue uma imagem para seu representante, a besta: “Foi-lhe dado poder para dar fôlego à imagem da

primeira besta, de modo que ela podia falar e fazer que fossem mortos todos os que se recusassem a adorar a imagem. Também obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa, para que ninguém pudesse comprar nem vender, a não ser quem tivesse a marca, que é o nome da besta ou o número do seu nome” (Apocalipse 13:15-17).

Esse decreto irá testar nossa lealdade no fim dos tempos. Perceba as semelhanças entre o decreto de Nabucodonosor e o decreto do Apocalipse:

- Em ambos, um líder tenta obrigar as pessoas a adorar uma imagem.
- Nos dois, existe algo que contraria o mandamento específico de Deus para adorarmos somente a Ele.
- Em ambos, todos aqueles que não se submetem são condenados à morte.

Perante quem iremos nos prostrar? Esta é a pergunta final. Em dado momento, os cristãos fiéis serão confrontados com um grande poder político e religioso que demandará nossa total aliança. Todo o assunto está centrado na adoração. Essa é a bandeira. Existe boa e má adoração, verdadeira e falsa adoração. Só porque alguém levanta a voz em nome de

Deus, isso não significa que essa pessoa está aliada ao lado correto. Tal pessoa pode estar exibindo rifles de destruição juntamente com seus louvores.

Sabe, o tema da adoração perpassa todo o Apocalipse:

- Em Apocalipse 4, criaturas se prostram perante o trono de Deus, cercadas por um arco-íris esmeralda. Elas declaravam dia e noite: “Santo, santo, santo é o Senhor, o Deus todo-poderoso” (verso 8).
- Em Apocalipse 5, milhares e milhares de anjos erguem suas vozes: “Digno é o Cordeiro que foi morto” (verso 12).
- Em Apocalipse 7, uma grande multidão, formada por todas as nações da Terra, ergue palmas perante o Deus da sua salvação (versos 9, 10).

Cenas como essas se repetem até que chegamos à festiva adoração na Nova Jerusalém, quando as nações andam na luz de Deus. Mas analisemos como

*A verdadeira
adoração se concentra
no Deus que está
acima de nós como
Criador e Juiz*

esse tema se torna o grande foco do centro do livro. Os capítulos 12 e 13 de Apocalipse introduzem criaturas simbólicas que representam forças malignas do mundo: a besta, o dragão, o falso profeta. Essas criaturas tentam fazer com que todas as pessoas se prostrem perante a imagem da besta.

Então, em Apocalipse 14, encontramos a resposta dramática de Deus a esse grande desafio, a resposta à falsa adoração. Na verdade, trata-se da mensagem final de advertência do Todo-poderoso ao mundo. Ela é dada por três anjos voando pelo céu, os quais têm um evangelho eterno para proclamar. Eles dizem o seguinte: “Temam a Deus e glorifiquem-nO, pois chegou a hora do Seu juízo. Adorem Aquele que fez os céus, a Terra, o mar e as fontes das águas” (verso 7).

A quem somos chamados a adorar? O Criador do céu e da Terra, Aquele que deu o fôlego de vida a cada criatura. Apenas nosso Criador tem o direito de nos julgar. Somos responsáveis somente a Ele. A verdadeira adoração se concentra no Deus que está acima de nós como Criador e Juiz. É a ele que devemos oferecer nossa lealdade.

Os anjos de Apocalipse 14 continuam a alertar sobre o destino terrível daqueles que adoram a besta: “Se alguém adorar a besta e a sua imagem [...] também beberá do vinho do furor de Deus” (versos 9, 10).

Observe que encontramos aqui um contraponto à mensagem do primeiro anjo. *Não* devemos adorar a besta. *Devemos* adorar o Criador. Essas duas escolhas permanecem em oposição. Uma nos convida a uma lealdade falsa a algo feito pelo homem. A outra nos chama a dar glória a Deus e a adorá-Lo como Criador.

Adorar a besta é mortal. Então, como podemos permanecer em pé em vez de nos prostrarmos quando formos pressionados a nos conformar? Como podemos nos abster de adorar a imagem da besta? Isso acontece quando colocamos nossa fé incondicional no Criador. Sua autoridade deve superar todas as outras.

Deus nos proporcionou um modo de expressarmos nossa aliança incondicional a Ele regularmente, todas as semanas. É uma evidência de nosso comprometimento com Ele como Criador e Senhor. Revela nossa lealdade e constitui demonstração de fidelidade. Trata-se do quarto mandamento, algo que muitos cristãos têm negligenciado. Deus diz: “Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. [...] Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou” (Êxodo 20:8-11).

Por que recebemos a urgente recomendação de observar o sétimo dia, o sábado? Porque ele constitui um memorial da criação. O sábado nos liga a nosso Criador. É uma forma de descansar no trabalho terminado de Deus. O quarto mandamento pede que nos lembremos dAquele que fez os céus e a Terra.

O sábado representa, então, um símbolo de nosso amor e lealdade para com o Criador. Ele nos protege dos tipos errados de aliança. Pense mais uma vez sobre o decreto do anticristo no Apocalipse, aquele que ordena que todos se prostrem diante da imagem da besta, sob risco de morte.

O último livro da Bíblia ensina que uma ardente prova está para chegar a nosso mundo, um tempo de provação muito maior do que qualquer outro já vivenciado na história. Os seguidores de Deus enfrentarão uma crise relacionada aos mandamentos de Deus, à tirania e à adoração forçada.

Portanto, precisamos nos certificar de que estamos adorando o Deus correto e da maneira correta. Essa é a questão. Aqueles três jovens hebreus, na planície de Dura, entenderam isso muito bem. Retornemos à história deles.

O rei Nabucodonosor ficou irado, é claro, pelo fato de que alguém tinha ousado interromper seu momento de glória. Ele ordenou que os três fossem levados à sua presença e apontou para a fornalha ardente. Em seguida, perguntou diretamente: “Que deus poderá livrá-los das minhas mãos?” (Daniel 3:15).

A resposta que os jovens hebreus deram é igualmente famosa. Sem medo, eles disseram ao rei: “Ó Nabucodonosor, não precisamos defender-nos diante de ti. [...] O Deus a quem prestamos culto pode livrar-nos, e Ele nos livrará das tuas mãos, ó rei. Mas, se Ele não nos livrar, saiba, ó rei, que não prestaremos culto aos teus deuses nem adoraremos a imagem de ouro que mandaste erguer” (versos 16-18).

Aqueles homens responderam ao desafio do rei orgulhoso sem hesitar e o fizeram testificando de sua fé no Deus dos Céus e da Terra. Eles estavam comprometidos a adorar somente o Senhor, mesmo se Ele não os livrasse da morte.

E qual foi o resultado? Bem, o enraivecido Nabucodonosor mandou aquecer ao máximo a fornalha. Depois, ordenou que os hebreus fossem lançados às chamas! Aparentemente, seu Deus não iria salvá-los.

Mas Ele o fez. Na verdade, fez até uma maravilhosa aparição, bem no meio da fornalha ardente. Nabucodonosor ficou pasmo ao ver outra pessoa na fornalha, junto com os três homens que ele lançara ao fogo. O rei exclamou: “Olhem! Estou vendo quatro homens, desamarrados e ilesos, andando pelo fogo, e o quarto se parece com um filho dos deuses” (verso 25).

Três homens tinham sido jogados na fornalha. Mas havia quatro, vivos e sem nenhum dano. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego estavam caminhando entre as chamas com o Filho de Deus ao seu lado!

Sabe, o livro de Daniel ensina algo de grande importância: a crise final, descrita em Apocalipse, não precisa nos aterrorizar. Ela pode se transformar numa oportunidade de vermos nosso Senhor de muito perto e de maneira extremamente poderosa. Esses jovens hebreus mantinham os olhos fixos em seu grandioso Deus. E, na hora da tribulação, descobriram que esse Deus viera para ficar com eles. É isso que uma fé incondicional e comprometida pode fazer por nós. Ela trará Deus para perto nos momentos mais difíceis.

Deixe-me contar-lhe a história notável de um homem que demonstrou esse tipo de fé. Essa história chega até nós através de Sundar Singh, um grande evangelista da Índia. Em uma de suas várias jornadas ao Himalaia, ele descobriu um pregador tibetano a quem as pessoas tratavam com grande reverência. Esse homem podia proclamar Cristo sem medo de represálias, enquanto os outros pregadores eram perseguidos com violência. Motivo?

Certa vez, ele trabalhou como secretário de um sacerdote budista. Mas um visitante cristão de Punjab lhe contou sobre o evangelho. Depois de um tempo, ele se declarou seguidor de Jesus. O primeiro a ouvir acerca disso foi seu mestre, o lama budista, que era um fanático ignorante.

Em poucos dias, o pregador foi sentenciado à morte. Homens fortes o amarraram à pele molhada de um iaque e a costuraram bem apertado. Eles o deixaram em frente aos muros do convento, sob um calor escaldante. Ali, a pele do animal se contrairia e o esmagaria até a morte.

Todavia, o pregador não morreu. Então, eles enfiaram espetos em brasa que ultrapassavam a pele do iaque e penetravam em seu corpo. Mais tarde, rasgaram a pele do animal e arrastaram o homem pelas ruas até um depósito de lixo fora da cidade. Depois de outros abusos, o pregador foi jogado sobre um monturo de esterco. Seu corpo não dava sinais de vida. As multidões se afastaram e abutres se amontoaram ao seu redor.

Mas esse homem mutilado não estava morto. De alguma forma, ele conseguiu se afastar dali, arrastando-se. E então, em vez de fugir para preservar a vida, ele voltou para a vila e começou a pregar sobre Cristo. Ainda era capaz de testemunhar acerca de sua fé! Falava a respeito de um Deus poderoso que havia chegado bem próximo dele. E, agora, as pessoas ouviam maravilhadas.

Os três hebreus na fornalha ardente também causaram grande impressão. O rei Nabucodonosor correu até a entrada da fornalha e os chamou para saírem. Assim que isso aconteceu, uma grande multidão se aglomerou ao redor deles. Perceberam que nem mesmo o cabelo deles estava chamuscado! As roupas não cheiravam fumaça!

No fim das contas, a prova de fogo pela qual os jovens hebreus passaram só queimou uma coisa: as cordas que os atavam. Ela os libertou de seus laços de prisão. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego deixaram aquela fornalha vitoriosos.

Pela primeira vez, o rei Nabucodonosor percebeu que poderia existir um Deus no Céu muito maior do que ele jamais poderia ser. Ele reconheceu que os três hebreus eram “servos do Deus Altíssimo” (Daniel 3:26). Até esse momento, o próprio rei estava tentando ser o Altíssimo, com sua imensa estátua de ouro.

Mas agora ele fez uma confissão notável. Ela pode ser encontrada em Daniel 3:28: “Louvado seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que enviou o Seu anjo e livrou os Seus servos! Eles confiaram nEle, desafiaram a ordem do rei, preferindo abrir mão de sua vida a prestar culto e adorar a outro deus que não fosse o seu próprio Deus.”

*Ou adoramos o
Criador do céus
e da Terra ou alguém
que nos promete o
Céu na Terra*

A ira de Nabucodonosor se transformou em reverência. Ele percebeu que outro tipo de lealdade era importante. Reconheceu a necessidade de adorar o Deus correto e da maneira correta. Ele precisava se inclinar perante o Deus que chega perto de nós em tempos de tribulação. Esse é o Deus que merece sua lealdade hoje.

Meu amigo, a história está caminhando para o seu clímax. Dois tipos de aliança estão batalhando pela supremacia neste planeta. São dois tipos de adoração. Ou adoramos o Criador ou algo feito pelo homem. Ou adoramos o Senhor dos céus e da Terra ou alguém que nos promete o Céu na Terra. Ou colocamos nossa fé no Deus santo e invisível ou somos capturados pelo deslumbramento de uma imagem. Ou nos posicionamos em prol da verdade, ou somos levados pela multidão.

As palavras dos profetas da Bíblia ecoam pelos corredores do tempo. Elas falam a nós hoje como som de trombeta: “Também lhes dei os Meus sábados como um sinal entre nós, para que soubessem que Eu, o Senhor, fiz deles um povo santo” (Ezequiel 20:12). “Feliz aquele que age assim, o homem que nisso permanece firme, observando o sábado para não profaná-lo, e vigiando sua mão para não cometer nenhum mal” (Isaías 56:2). “Bem-aventurados aqueles que guardam os Seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas” (Apocalipse 22:14).

De todas as formas, a linha de batalha está sendo delineada. O ódio se disfarça de fervor religioso. A lealdade fanática afirma ser a única fé verdadeira. “Meu lado” e “minha tradição” substituem o lugar de Deus. As linhas de batalha estão sendo traçadas agora mesmo entre o império de Satanás e o reino de Cristo. E os homens maus nem sempre vêm com chapéus pretos. Não podemos simplesmente condenar este ou aquele grupo, eliminar esta ou aquela cultura.

Como disse Jesus, o trigo e o joio crescem juntos. Os bons e os maus estão entrelaçados. Mas a linha divisória não é indistinta. Ela existe dentro do coração de cada um. A distinção é clara. Onde está sua lealdade? Nós nos inclinamos perante Alguém maior e mais grandioso do que nós? Ou nos prostamos perante uma imagem que erigimos, uma imagem que combina com nossos preconceitos e tradições?

Quero ficar de pé juntamente com aqueles três corajosos hebreus na planície de Dura. Quero ficar de pé com eles agora, até o tempo do fim. Acredito que o tipo de fé que eles possuíam está disponível a cada um de nós, uma fé que não se abala quando as coisas ficam difíceis. Na verdade, trata-se de uma questão de perspectiva. Quem escolhemos colocar no centro de nossa vida? Quem fica em primeiro lugar? A verdade de quem ganha nossa prioridade?

Por favor, lembre-se do Criador a cada sábado. Separe tempo para isso agora, antes que o conflito de alianças faça com que isso seja tarde demais. A adoração no sábado irá transformar sua vida. Ela edificará sua fé antes que a crise se instale.

Somente o Criador, Senhor, Juiz, Legislador e Redentor, Aquele que nos ama mais que tudo, merece nossa adoração. O sábado é Sua bandeira. Ele paira sobre nossa vida como um grande símbolo de nosso compromisso interior com o Criador. Existem muitas falsificações, mas apenas um Deus Criador, e o sábado é um convite a toda a humanidade para se voltar a Ele. Defenda a bandeira de Deus e Ele estará com você hoje, amanhã e para todo o sempre. Ele andarà com você até mesmo no fogo!



Pai, reconhecemos a Ti como nosso Criador e Redentor. Obrigado porque, não importa quão avassalador o conflito possa parecer, Tu podes nos livrar. Sabemos que estão para vir tempos nos quais nossa lealdade será testada. Mas temos certeza de que Tu podes nos tornar leais, corajosos e verdadeiros. Colocamos nossa confiança em Ti. Ensina-nos a desenvolver essa confiança em meio aos conflitos dia a dia. Chega perto de nós dentro do fogo. Em nome de Jesus, amém!

*Se você gostou da mensagem deste livro e
deseja obter mais informações, acesse o site:*

www.esperanca.com.br

*Você pode também entrar em contato conosco
através do e-mail:*

atendimento@esperanca.com.br

Ou escrever para:

Projeto Um Dia de Esperança

Caixa Postal 7, Jacareí, SP

CEP 12300-970

*Saiba que Deus tem um plano especial
para renovar sua vida. Procure conhecê-lo melhor
e viva com mais esperança.*